



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS MATEMÁTICAS E DA TERRA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LEONARDO JOSÉ IORIO

**DE BAR EM BAR...DE BAIXO EM BAIXO: CENÁRIOS NOTURNOS E ESPAÇOS
DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**

Rio de Janeiro

2023

LEONARDO JOSÉ IORIO

DE BAR EM BAR...DE BAIXO EM BAIXO: CENÁRIOS NOTURNOS E ESPAÇOS
DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Marcos Paulo
Ferreira de Góis.

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Cesar da
Costa Gomes.

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

I581b Iorio, Leonardo José
DE BAR EM BAR...DE BAIXO EM BAIXO: CENÁRIOS
NOTURNOS E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DO
RIO DE JANEIRO / Leonardo José Iorio. -- Rio de
Janeiro, 2023.
127 f.

Orientador: Marcos Paulo Ferreira de Góis.
Coorientador: Paulo Cesar da Costa Gomes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, 2023.

1. Baixos. 2. Sociabilidade. 3. Vida Noturna. 4.
Rio de Janeiro. I. Ferreira de Góis, Marcos Paulo,
orient. II. da Costa Gomes, Paulo Cesar, coorient.
III. Título.

LEONARDO JOSÉ IORIO

DE BAR EM BAR...DE BAIXO EM BAIXO: CENÁRIOS NOTURNOS E ESPAÇOS
DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de mestre em Geografia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Paulo Ferreira de Góis (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Paulo Cesar da Costa Gomes (Co-orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof^a. Dra. Ana Brasil Machado
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde
Universidade de São Paulo (USP)

A todos aqueles que tornaram a sociabilidade um sinônimo de alegria para mim. Toda vez que essa ideia foi discutida aqui era em vocês que eu pensava. Obrigado pela inspiração.

AGRADECIMENTOS

Ao meu incrível orientador, Marcos Góis, pelos anos de parceria, orientação e pelos melhores conselhos que eu poderia receber. Obrigado por sempre ser gentil e compreensivo em todos os momentos. Sem você, uma enorme parte desta pesquisa não existiria. Ansioso pelos anos de trabalho que estão por vir.

Ao Professor Paulo Cesar, por ter aberto as portas do Grupo Território e Cidadania de maneira tão acolhedora em 2016 e desde então ter sido muito mais que um orientador. Obrigado por diariamente ajudar a criar um ambiente prazeroso e benéfico para tantos jovens pesquisadores e compartilhar suas lições valiosas com tamanha alegria. Para sempre será uma honra e uma felicidade aprender tanto com você.

À Professora Leticia Parente Ribeiro por ser uma orientadora e uma pessoa além do espetacular. Foi um comentário seu em uma de nossas reuniões que me motivou a transformar a minha curiosidade pelos Baixos em um tema de pesquisa a ser apresentado ao grupo, ainda que você não soubesse na ocasião. Muito obrigado.

Ao Professor Rodrigo Valverde, por gentilmente ter aceitado fazer parte da minha banca de qualificação e defesa. E à Professora Ana Brasil, por sua igualmente gentil presença nesse momento. Suas sugestões foram indispensáveis ao desenvolvimento deste produto.

Aos meus professores de pós-graduação. À Professora Isabel Travancas, pela gentil recepção no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ. À Professora Andréa Casa Nova Maia, pelas oportunidades únicas proporcionadas no Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ. E ao Professor Roberto Lobato Corrêa, pelas valiosas lições e aprendizados sobre a ciência geográfica, além da oportunidade ímpar de discussão sobre os temas aqui tratados.

À CAPES pelo apoio e financiamento ao longo da execução do mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ e seus funcionários inigualáveis. Obrigado ao Bruno, da Secretaria, pela disponibilidade e compreensão para com os alunos. E um enorme obrigado à equipe da Biblioteca Maurício de Almeida Abreu por todo o apoio, especialmente ao Alexandre. Você é o cara.

Aos meus colegas e amigos do Grupo de Pesquisa Território e Cidadania. João Bragança, Bernardo Castro, Clara Aquino, Vinicius Burle, Caio Baranda, Antonio Batista, Matheus Barroso, Gabriela Leles, Lohanne Ferreira, Rogério Silva, Igor Campos, Lívia Simões, Renan França, Amanda Fernandes, Rafaela Alcântara, André Felix e Renato Coimbra. À Ana Brasil por importantes lições no último ano. Ao Thomaz Leite por todas as conversas, principalmente aquelas a bordo do 485. Ao Fernando Schimidt, pelo inestimável suporte no tratamento dos dados dessa pesquisa. À Patricia Costa, pela parceria ao longo do mestrado e todas as conversas sobre séries. À Beatriz Dettmann e à Júlia Valentim por embarcarem comigo nessa

jornada chamada “pesquisa acadêmica” (para sempre Menudos). Obrigado por todos os momentos dessa caminhada.

Ao Rafael Gomes. Parceiro de pesquisa único. E um amigo ainda melhor. Obrigado por todo o apoio, por todas as palavras e por todas as lições ao longo desses anos. Sua amizade é sem igual e sua generosidade para com todos com quem convive é um exemplo a ser seguido. Obrigado por tudo, Rafa.

Aos meus amigos de graduação que há anos me ouvem falando sobre os Baixos e desde então têm me dado apoio. Muito obrigado a Raphael Lia, Gabriel Passos, João Victor Prudente, Henrique Simonard, Rafael Mello e Carolina Pasin. Um obrigado ainda maior aos irmãos feitos nessa caminhada: Camilla Bandeira, por tudo que o Flamengo nos causa. Matheus Almeida, por manter vivas as conversas diárias do corredor H. Gabriel Felipe, por ser um amigo sem igual e um parceiro de graduação insubstituível. E Hugo Pepe, um irmão com I maiúsculo. Obrigado por tanta história.

À Vanessa, minha companheira, amiga e amor. É simplesmente impossível imaginar essa trajetória sem você ao meu lado. Obrigado por todo o apoio, incentivo, palavras de força e abraços reconfortantes. E por entender minhas ausências nos momentos de maior dedicação ao mestrado. Obrigado também por ser a melhor editora desse mundo. Te amo.

À maior responsável por esse momento, minha mãe Glaucia. Eu não seria nada sem você. Obrigado por ser o meu maior exemplo de amor, força, dedicação e persistência. Obrigado por aguentar diariamente meus momentos de tensão e por nunca deixar de acreditar que eu poderia conseguir tudo o que sempre sonhei. Como professora, você é um exemplo para muitos. E não tem honra maior em ser seu aluno número 1. Amo você.

E a Deus. Obrigado por sempre ser fiel. Sempre.

O exercício da boemia forma uma cultura que prioriza o encontro e amplifica o relacionamento afetivo, intelectual e político dentro da sociedade. A vida boêmia é fruto dos humores de cada época, e cultivá-la é uma forma de preservar a saúde das cidades.

- Marcus Wagner, em *Rio: cultura da noite - uma história da noite carioca*.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a vida noturna na cidade do Rio de Janeiro. Vasta, múltipla e de grande riqueza histórica e geográfica, nos aprofundamos sobre um tipo específico de espaço da sociabilidade da noite carioca: os Baixos. Criados em meados da década de 1970, no bairro do Leblon, os Baixos surgem como um refúgio da boemia em seu histórico percurso ao longo da cidade. O Baixo Leblon marcou o imaginário social carioca como um dos principais pontos de encontro da juventude boêmia da Zona Sul, de forma que ao longo dos anos o termo Baixo passa a ser sinônimo de vida noturna e boemia na noite, inspirando o surgimento de diversos novos “Baixos” na cidade e expandindo esse modo específico de sociabilidade. Quase 45 anos depois, mais de 100 Baixos registraram-se no município do Rio de Janeiro. São espaços de concentração de bares e restaurantes, cuja boemia atrai inúmeras pessoas para o local e, com suas ruas repletas de frequentadores, conformam espaços de sociabilidade na noite carioca. Ao longo das décadas, sua localização, as formas e as práticas que neles se apresentavam variaram, bem como seu papel na noite e na cidade. O objetivo deste trabalho é analisar e compreender o curso e os padrões dessas transformações, tendo como delimitação o município do Rio de Janeiro no período entre 1976 e 2019. Partimos da ideia de que os Baixos se apresentam como cenários, isto é, um conjunto de formas, práticas e significados, todos interdependentes no espaço (Gomes, 2013) e estão inseridos em um processo de difusão na cidade. Buscaremos mostrar como o processo de expansão desses espaços e sua diferenciação espacial não se fazem de maneira aleatória, mas antes, criam novos cenários de sociabilidade noturna e apresentam padrões e características do próprio espaço urbano da cidade. Assim, criamos uma proposta de classificação dos cenários dos Baixos e, a partir da sua análise espaço-temporal, pudemos identificar e compreender a consonância entre o processo de difusão dos Baixos na cidade, a expansão da vida noturna carioca de maneira mais ampla e, por fim, a expansão do espaço urbano do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Baixos. Vida noturna. Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This research has as object of study the nightlife in the city of Rio de Janeiro. Vast, multiple and of great historical and geographical richness, we delve into a specific type of sociability space of Rio's nightlife: the Baixos. Created in the mid-1970s, in the neighborhood of Leblon, Baixos emerged as a bohemian refuge on its historic journey through the city. Baixo Leblon marked the carioca social imaginary as one of the main meeting points of the bohemian youth of the South Zone, so that over the years the term Baixo becomes synonymous with nightlife and bohemia at night, inspiring the emergence of several new "Baixos" in the city and expanding this specific mode of sociability. Almost 45 years later, more than 100 Baixos were registered in the municipality of Rio de Janeiro. They are spaces for the concentration of bars and restaurants, whose bohemia attracts countless people to the place and, with its streets full of regulars, they form spaces of sociability in the Rio nightlife. Over the decades, their location, forms and practices that were presented in them varied, as well as their role in the night and in the city. The objective of this work is to analyze and understand the course and patterns of these transformations, having as delimitation the municipality of Rio de Janeiro in the period between 1976 and 2019. We start from the idea that the Baixos are presented as scenarios, that is, a set of forms, practices and meanings, all interdependent in space (Gomes, 2013) and are inserted in a diffusion process in the city. We will try to show how the process of expansion of these spaces and their spatial differentiation are not done randomly, but rather create new scenarios of nocturnal sociability and present patterns and characteristics of the city's own urban space. Thus, we created a proposal for classifying the Baixos scenarios and, based on its space-time analysis, we were able to identify and understand the consonance between the process of diffusion of the Baixos in the city, the expansion of Rio's nightlife more broadly and, finally, the expansion of the urban space of Rio de Janeiro.

Keywords: Baixos. Nightlife. Rio de Janeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Noite no Baixo Méier.....	18
Figura 2 - Primeiro mapa da distribuição espaço-temporal dos Baixos.....	21
Figura 3 - Zonas do município do Rio de Janeiro.....	44
Figura 4 - Reportagem do Jornal do Brasil sobre o Baixo Leblon.....	64
Figura 5: Estabelecimentos do Baixo Leblon ao fim da década de 1970.....	65
Figura 6: Matéria do Jornal do Brasil sobre o Baixo Leblon e Baixo Gávea.....	69
Figura 7: Estabelecimentos do Baixo Gávea em 1982.....	69
Figura 8: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na década de 1980.....	71
Figura 9: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na década de 1990.....	74
Figura 10: Ação do Programa Rio Cidade no Bairro do Méier.....	76
Figura 11: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na década de 2000.....	77
Figura 12: Propaganda do Baixo Botafogo.....	78
Figura 13: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na década de 2010.....	79
Figura 14: Duração dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro (1976-2019).....	80
Figura 15: Evolução da mancha urbana na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.....	81
Figura 16: Lançamento de empreendimentos nos arredores da Avenida Dom Hélder Câmara.....	82
Figura 17: Baixo Vila.....	86
Figura 18: Segundo Baixo Gay.....	88
Figura 19: Estabelecimentos do primeiro Baixo Botafogo.....	91
Figura 20: Anúncio do Baixo Araguaia.....	92
Figura 21: Baixo Gago.....	92
Figura 22: Baixo Benfica.....	95
Figura 23: Matéria sobre Baixos Leblon, Gávea, Botafogo, Copacabana, Alice e Laranjeiras.....	96
Figura 24: Informe publicitário da Farmácia Piauí.....	97

Figura 25: Reportagem sobre ações da Polícia Militar no Baixo Gávea.....	98
Figura 26: Grafo da distribuição de estabelecimentos nos Baixos de edificações mistas.....	99
Figura 27: Baixo Cachambi durante o dia.....	100
Figura 28: Cenário noturno do Baixo Cachambi.....	100
Figura 29: Nuvem de tags das categorias dos Baixos.....	101
Figura 30: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de forma típica.....	102
Figura 31: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de forma não-típica.....	103
Figura 32: Distribuição espaço-temporal dos Baixos com nomenclatura de Locais e Grupos.	106
Figura 33: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de múltiplos estabelecimentos.....	108
Figura 34: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de estabelecimento único que conformam áreas de sociabilidade.....	109
Figura 35: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de estabelecimento único cujo nome é “Baixo”.....	111
Figura 36: Distribuição espacial dos Baixos em 2019 e Baixos desativados ao longo do tempo.....	112
Figura 37: Distribuição espaço-temporal dos graus de variedade de serviços nos Baixos.....	114
Figura 38: Distribuição espaço-temporal dos Baixos sem a presença exclusiva de formas de alvenaria.....	117
Figura 39: Distribuição espaço-temporal dos Baixos móveis.....	119

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Temporalidade das formas típicas e não-típicas dos Baixos.....	105
Gráfico 2 - Temporalidade dos graus de variedade de serviços nos Baixos.....	115

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: Os Baixos como objeto de estudo da geografia	16
2 REVISÃO TEMÁTICA: A noite em tela: vida noturna e sociabilidade jovem na noite urbana	26
3 DISCUSSÃO CONCEITUAL	
3.1 Cenas urbanas, imagens da noite: o conceito de cenário	33
3.2 Os Baixos no espaço e no tempo: a difusão e a diferenciação espacial	36
3.2.1 A difusão espacial dos Baixos.....	38
3.2.2 A diferenciação espacial dos Baixos.....	40
3.3 Bairros, subcentros e subúrbios no Rio de Janeiro	43
4 METODOLOGIA	47
4.1 Entre os jornais e a rede: as notícias e os posts como fonte de pesquisa	50
4.2 As classes e categorias de Baixos: uma proposta de classificação	55
4.2.1 A nomenclatura dos Baixos	58
4.2.2 A quantidade de estabelecimentos e sua variedade de atividades.....	59

4.2.3 A forma construída e a fixação

de Baixos no espaço60

**5 A EXPANSÃO DA NOITE COMO A EXPANSÃO DA CIDADE: A DIFUSÃO DOS
BAIXOS.....62**

**6 DE BAIXO EM BAIXO: FORMAS E TIPOS, CATEGORIAS E
CLASSES.....84**

6.1 Os nomes dos Baixos.....85

6.2 A quantidade de estabelecimentos.....89

6.3 A variedade de atividades e serviços.....93

6.4 Os tipos de formas e sua permanência no espaço.....97

**7 OS PADRÕES ESPAÇO-TEMPORAIS DA DIFERENCIAÇÃO ESPACIAL DOS
BAIXOS.....101**

**8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS BAIXOS, O ESPAÇO URBANO CARIOCA E
FUTURAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE.....120**

9 REFERÊNCIAS124

1 INTRODUÇÃO: OS BAIXOS COMO OBJETO DE ESTUDO DA GEOGRAFIA

As grandes metrópoles mundiais têm vivenciado ao longo de séculos uma cada vez maior diversificação no conjunto de práticas, serviços e atividades que se desenvolvem no seu espaço urbano. Indústrias, empresas, comércio, lazer e etc, além dos serviços básicos como os de saúde, transporte e educação, são alguns dos elementos que marcam a vida dos cidadãos nas metrópoles e compõem suas cenas cotidianas na cidade.

Os espaços, também, são elementos centrais desse cotidiano. Indispensáveis, diríamos. Eles não apenas atuam como a base material ao desenvolvimento da vida urbana, isto é, o seu palco, mas também como um importante ator que orienta ações, incorpora significados cuja localização e organização são primordiais para que se compreenda o curso das atividades ali desenvolvidas, e suas marcas para o imaginário social urbano. Dentre essas atividades e suas expressões, a sociabilidade tem ganhado espaço central na vida cotidiana, econômica e cultural da cidade ao longo das últimas décadas.

A temática da sociabilidade vem sendo alvo de intensas discussões no âmbito das ciências sociais, de forma que diversos campos de conhecimento inseridos nesse domínio têm estabelecido importantes vínculos e formas de diálogos com essa ideia. A Geografia não é exceção. Segundo o sociólogo alemão Georg Simmel (2006), a sociabilidade corresponde a uma forma de interação social sem fins específicos, forma essa potencializada pela metrópole e o universo de possibilidades, encontros e trocas que ela proporciona a seus habitantes. Ao contrário do conjunto de estímulos e impulsos que orientam as formas de interação entre os indivíduos e dão significado à sociedade, Simmel argumenta que a sociabilidade se dá de “forma pura”, sem finalidades específicas que não seja a própria realização do encontro social em si e da interação entre os indivíduos reunidos. Em suas palavras,

“Posto que, para a sociabilidade, se colocam de lado as motivações concretas ligadas à delimitação de finalidades da vida, a forma pura, a inter-relação interativa dos indivíduos, precisa ser acentuada com o máximo de força e eficácia.”. (Simmel, 2006, p. 64/65).

“À medida que a sociabilidade, em suas configurações puras, não tem qualquer finalidade objetiva, qualquer conteúdo ou qualquer resultado que estivesse, por assim dizer, fora do instante sociável, se apoiaria totalmente nas personalidades. Nada se deve buscar além da satisfação desse instante — quando muito, de sua lembrança. Assim, o processo permanece exclusivamente limitado aos seus portadores, tanto em seus condicionantes quanto em seus efeitos.”. (Simmel, 2006, p.66).

A Geografia, por sua vez, apresenta grande potencial em fornecer um conjunto de conceitos, métodos, instrumentos e reflexões no sentido de compreender o fenômeno da sociabilidade, suas formas de manifestação na cidade e sua íntima relação com o espaço urbano. Mais do que isso, as profundas relações entre a sociabilidade e a espacialidade se tornam objeto de extrema relevância no âmbito da pesquisa geográfica, proporcionando uma ampla riqueza analítica. Dentre essas possibilidades, destaca-se aqui a análise dos espaços de sociabilidade na cidade, espaços diversos e múltiplos, cujo conjunto de atributos os torna privilegiados ao encontro e à interação social, produzindo profundas marcas na paisagem urbana e ganhando grande relevância na vida social urbana. A Geografia abre portas para que possamos discutir a lógica da localização desses espaços e suas motivações, sua organização espacial, as relações com o entorno, sua importância para a dinâmica urbana e a integração com outros espaços de sociabilidade na cidade, além de diversos outros temas, os quais discutiremos com maior atenção nos capítulos a seguir. As possibilidades são tão múltiplas quanto as expressões do fenômeno em si.

A vida social do Rio de Janeiro, nosso objeto de estudo, não apenas acompanha as características apresentadas até aqui, como ganha proporções ainda maiores no contexto de uma cidade do porte e da centralidade da metrópole carioca: ela é profundamente múltipla, com uma profusão de alternativas, serviços e opções que ativam espaços de sociabilidade por toda a cidade ao longo de todo o dia. Se a cidade pulsa nos períodos diurnos com o ritmo das atividades comerciais e promovendo toda a sorte de encontros, à noite a sociabilidade ganha protagonismo. Bares, restaurantes, botequins, casas de shows e diversos espaços públicos, por todos os cantos da cidade, passam a ditar o ritmo da vida social carioca, concentrando inúmeras pessoas e promovendo todo um universo de encontros e interações sociais.

Historicamente, o Rio de Janeiro tem um conjunto de espaços centrais para o desenvolvimento desses ritos de sociabilidade noturna, sendo o bairro da Lapa, na Zona Central da cidade, o mais famoso e consolidado deles. As demais Zonas e bairros, em maior ou menor grau, possuem uma ampla oferta de espaços e serviços noturnos a seus moradores e pessoas de fora, atraindo aos locais uma grande quantidade de pessoas, sobretudo aos fins de semana. São espaços e serviços variados, de diversos tipos, diferentes capacidades e diferentes contextos. Uma concentração de bares em um ponto da cidade pode se diferenciar profundamente de uma mesma concentração de bares em outro ponto da cidade e grande parte deste trabalho se dedica a compreender essa variedade. Para isso, a presente dissertação

discute um tipo específico de espaços de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro, importantes e históricos pontos de encontro da noite carioca: os Baixos.

O interesse em estudar a temática dos Baixos como espaços de sociabilidade noturna no Rio de Janeiro surge no ano de 2018, a partir de uma ida ao bairro do Méier, na Zona Norte da cidade. Nesta ocasião, em dado momento me deparei com uma área do bairro, uma rua relativamente curta de paralelepípedos, intensamente ocupada por um público boêmio frequentador dos diversos estabelecimentos localizados no local, em sua maioria bares e restaurantes. Na rua, fechada ao trânsito de carros e com ambos os lados das calçadas tomados pelas mesas e cadeiras desses estabelecimentos, o público gozava de liberdade de circulação e, sentados ou em pé, parados ou transitando, sozinhos ou em grupos, desenvolviam ali ritos de sociabilidade que marcavam a paisagem do bairro e distinguia aquela área das demais em seu entorno. O local, que compreende a Rua Tenente Cerqueira Leite e é delimitada por duas das principais vias de circulação do bairro do Méier, Avenida Amaro Cavalcanti e Rua Dias da Cruz, é popularmente conhecido como “Baixo Méier”.



Figura 1: Noite no Baixo Méier, Zona Norte do Rio de Janeiro. Mesas e cadeiras ocupam as calçadas, pessoas de pé e sentadas interagem e se deslocam em situações de consumo e sociabilidade. Fonte: Jornal O Globo, 05/04/2013.

Perceber que o local com o qual me deparava tratava-se do “famoso” Baixo Méier instantaneamente guiou meus pensamentos a lembrar outros exemplos de espaços na cidade que traziam essa combinação de elementos: a concentração de bares e restaurantes, espaços públicos densamente ocupados pelos seus frequentadores, a agitação noturna e o termo “Baixo” associado ao nome do seu bairro de localização, como uma parte dele. Os igualmente famosos Baixo Gávea, Baixo Botafogo e Baixo Leblon foram os primeiros a surgirem à mente. Além de serem espaços de grande relevância na vida social e noturna da cidade do Rio de Janeiro, pensar a sua multiplicidade e a existência de diversos Baixos nos indicou de que também pareciam integrar um fenômeno único, fazendo parte de um mesmo “movimento” que os reuniria sob o status de ser um “Baixo”. Perceber esses fatos e pensar tais hipóteses foi o impulso para a consolidação de um interesse científico sobre o tema: como se configuram esses espaços conhecidos como “Baixos”? Quantos são e como estariam distribuídos pela cidade? O que os reuniria dentro dessa categoria, que pontos em comum apresentariam que justificasse essa unidade como “Baixos”, como um espaço privilegiado ao encontro social e de grande relevância na vida noturna carioca? As possibilidades de entrada no tema a partir de uma perspectiva geográfica eram múltiplas.

Guiado por tais questões e com o objetivo de melhor compreender as características dos Baixos na cidade, foi realizado um levantamento para obter informações sobre: a) a existência de Baixos na cidade, a sua localização e o seu ano de surgimento. Como fonte de dados foram escolhidos os acervos digitais dos jornais O Globo¹ e o Jornal do Brasil² – pela grande relevância e fluxo de circulação que ambos apresentam no Rio de Janeiro há várias décadas, sobretudo pensando-se na sua importância como divulgadores da vida social na cidade a partir de seus cadernos e colunas sociais – e as redes sociais, mais especificamente o Facebook³, o Instagram⁴ e o Twitter⁵, reconhecendo-se seu papel cada vez mais importante nos últimos anos como grandes plataformas de exposição de pessoas, lugares e práticas a partir das publicações realizadas, os chamados *posts*.

¹ Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>

² Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

³ Acessível em: <https://www.facebook.com/>

⁴ Acessível em: <https://www.instagram.com/>

⁵ Acessível em: <https://twitter.com/>

O levantamento, que armazenou em um banco de dados todas as menções a “Baixos” encontradas nas fontes citadas, possibilitou a elaboração de um mapa da distribuição espaço-temporal dos Baixos (Figura 1), onde as ocorrências desses espaços na cidade foram georreferenciadas e categorizadas, a partir de diferentes cores, de acordo com a década em que esses Baixos foram registrados pela primeira vez nas fontes analisadas. Os resultados obtidos a partir da análise do mapa foram duplamente surpreendentes. Em primeiro lugar, a expressão desses espaços de sociabilidade no território se mostrou muito maior e mais ampla do que o meu conhecimento empírico como morador do Rio de Janeiro me sugeria: foi registrada a ocorrência de 69 Baixos⁶ na cidade, intensamente dispersos e distribuídos pelos diversos bairros e Zonas. Em segundo lugar, pela expressiva continuidade e permanência temporal dos Baixos ao longo dos anos: enquanto o primeiro registrado na cidade, o Baixo Leblon, data do ano de 1976, no bairro do Leblon, Zona Sul do Rio de Janeiro, ainda na década de 2010 é registrado o surgimento de novos Baixos na cidade.

Os resultados advindos da análise espaço-temporal dos Baixos e suas primeiras conclusões foram essenciais ao desenvolvimento das etapas posteriores do trabalho, que havia se tornado um projeto de pesquisa de iniciação científica. Compreender, a partir da observação do mapa, o pioneirismo do Baixo Leblon ainda na década de 1970 e o subsequente e intenso surgimento de Baixos na década seguinte ao longo de seus bairros vizinhos na Zona Sul, bem como outros padrões de concentração de registros de Baixos em determinadas áreas da cidade em um intervalo de tempo específico, nos trouxe como hipótese a ideia de que existiria (e ainda estaria em curso) um processo de difusão dos Baixos no Rio de Janeiro, tendo o Baixo Leblon como seu ponto de origem, sendo a base e o modelo à criação dos novos Baixos na cidade ao longo dos anos.

⁶ Esses 69 Baixos não se apresentam, porém, de maneira simultânea. Trata-se de um número absoluto. Muitos Baixos que surgiram ao longo dos anos na cidade não são mais encontrados/utilizados como espaços de sociabilidade, tendo “encerrado” suas atividades. Além disso, levantamentos futuros irão registrar uma maior ocorrência de Baixos na cidade, como veremos nos capítulos seguintes.

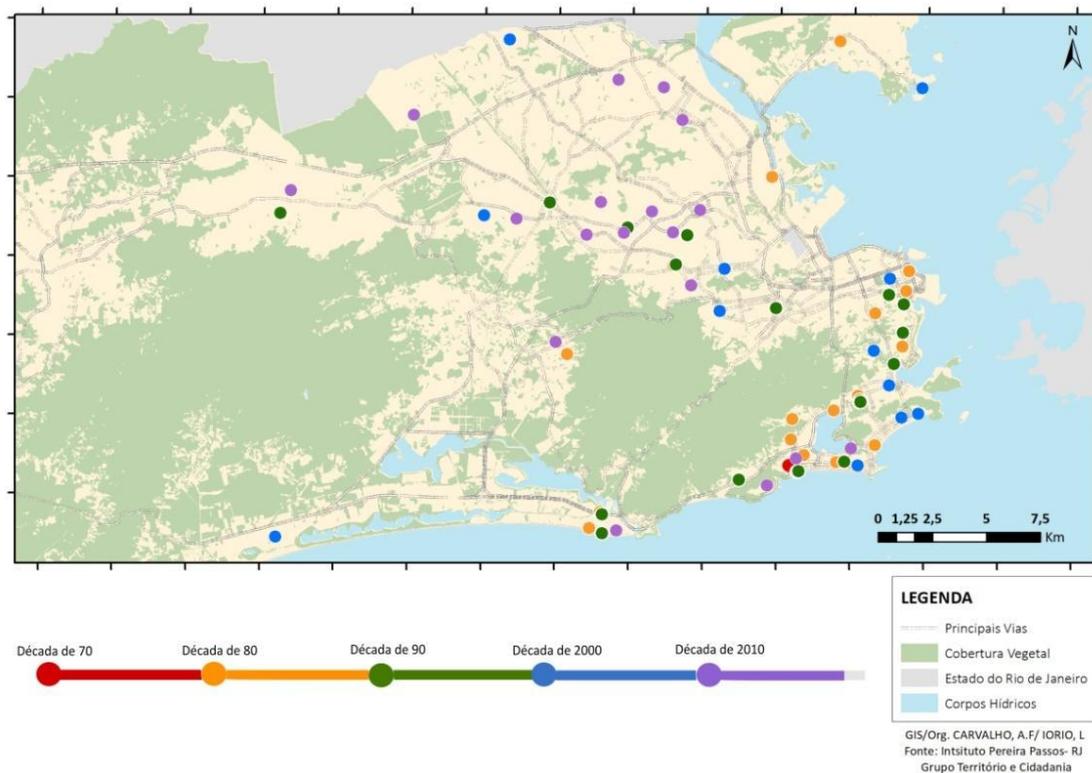


Figura 2 – Mapa do primeiro levantamento da distribuição espaço-temporal dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro (1976-2018). O número de registros crescerá posteriormente.

Com o interesse de compreender como o processo de difusão se desenvolve, a seguinte etapa da pesquisa buscou analisar os primeiros anos desse movimento, isto é, o momento de gênese e consolidação do Baixo Leblon como um espaço de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo dessa etapa, que daria origem à uma monografia de conclusão de curso e a um artigo⁷, era realizar uma descrição do Baixo Leblon e seu conjunto de características em seus anos iniciais, considerados entre os anos de 1976, por datar dali a sua primeira aparição nas fontes analisadas (em julho de 1976, no *Jornal do Brasil*) e o ano de 1979, último ano em que ele é o único Baixo existente na cidade, até o registro do Baixo Gávea em 1980. Para operacionalizar essa descrição, foi adotado o conceito de cenário, desenvolvido por Gomes (2013). O cenário, segundo Gomes, articula um conjunto de cenas, imagens da cidade, que nos permite compreender a vida urbana e pública e pensá-la a partir de uma perspectiva geográfica. Para Gomes, a cena é formada por três dimensões, três esferas interdependentes e articuladas no espaço: uma dimensão física, composta por um conjunto de elementos físicos e materiais que formam o espaço – as morfologias; uma dimensão comportamental, isto é, o conjunto de práticas, condutas e comportamentos que se

⁷ Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7885/5684>

desenvolvem no espaço, orientando e sendo orientadas pelas morfologias – os comportamentos; e uma dimensão dos significados, onde um conjunto de valores e sentidos são criados e atribuídos ao espaço a partir das profundas interações entre morfologias e comportamentos – os significados. Assim, sendo um conjunto articulado de cenas, Gomes propõe que o cenário seja entendido como um “[...] conjunto de ações, objetos e significações unidos e simultâneos em um mesmo espaço.” (Gomes, 2013, p. 189).

Entender o Baixo Leblon como um cenário, isto é, sendo formado por um conjunto de elementos que se relacionam e interagem no espaço, não apenas traz à análise uma porta de entrada essencialmente geográfica ao problema, mas também guiou a definição das categorias a serem observadas ao longo da descrição, que passou a privilegiar as morfologias, os objetos, os comportamentos e os significados que compõem o cenário do Baixo Leblon. Foi selecionado, dentre o banco de dados construído, o conjunto de citações ao Baixo Leblon ao longo do intervalo escolhido (1976-1979), resultando em cerca de 115 matérias publicadas no *Jornal O Globo* e no *Jornal do Brasil*. A análise do material consistiu no registro de menções às categorias adotadas (morfologias, objetos, comportamentos, significados e público (categoria discutida mais à frente)) e sua posterior análise: quantitativa, a partir da produção de nuvens de palavras, para dimensionar os elementos representados mais significativos e qualitativa, a partir da operacionalização da descrição desse cenário usando, além das menções, as narrativas desenvolvidas ao longo das matérias e reportagens analisadas.

A análise nos possibilitou compreender o Baixo Leblon como um importante espaço de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro no fim da década de 1970. A área localizava-se entre a Avenida Ataulfo de Paiva e as Ruas Aristides Espínola e Dias Ferreira, tendo seu ponto central de atividades na esquina entre as duas primeiras, onde localizavam-se, projetados para a rua, os três principais estabelecimentos do local: a Pizzaria Guanabara, o Diagonal e o Real Astória. O motivo do nome “Baixo” foi alvo de discussão ao longo dos anos na opinião pública e muitas vezes esse debate ganhou forma nos jornais. Acredita-se, porém, que o nome tenha nascido a partir de uma brincadeira dos seus frequentadores em relação ao já existente Alto Leblon, área do bairro do Leblon, localizado nas imediações da Rua Timóteo da Costa. O local, além de estar localizado em uma área de altitude elevada (por isso o nome “Alto”), era predominantemente residencial e tranquilo, um espaço das classes mais altas – ou seja, uma completa antítese da área comercial e boêmia na parte mais baixa do bairro – baixa em altimetria e em condutas – que promovia o encontro de diversas tribos e grupos e cujas atividades perduravam durante toda a madrugada.

A concentração de estabelecimentos como bares e restaurantes servia de grande atrativo ao público pela variedade de opções de serviços em um mesmo local e era geradora de intensos fluxos de clientes entre eles. A noite no Baixo nunca ficava restrita a apenas um estabelecimento, de forma que fazia parte dos ritos de sociabilidade essa circulação entre os diversos bares e restaurantes da área. E esses ritos tampouco se limitavam às quatro paredes: a ocupação dos espaços públicos exteriores a esses estabelecimentos, como as calçadas, esquinas e ruas, por parte desses frequentadores, era uma marca. Os clientes socializavam e consumiam produtos de pé ao ar livre, em constante interação com a rua e com maior liberdade de circulação. Trata-se, portanto, de uma sociabilidade que se desenvolve na interação entre duas esferas, a pública e a privada, que orientam condutas e práticas distintas e marcam uma forma única de interação social na cidade de então, formas essas que passam a ser intensamente associadas ao Baixo. Consolidava-se um modelo de “Baixo”, a partir da interação desses elementos que conformam o cenário do Baixo Leblon.

Por fim, pôde-se observar como o Baixo Leblon se consolida também como um dos mais importantes e efervescentes pontos de encontro da juventude e da boemia carioca ao fim da década de 1970, bem como de uma elite cultural composta por famosos artistas e os próprios jornalistas, cujo comportamento ganhava diariamente as páginas das colunas sociais, conferindo ao Baixo Leblon uma intensa visibilidade na mídia. Ao longo da análise das matérias a presença desses diversos grupos, sobretudo da classe artística, se mostrou como um elemento tão marcante no cenário do Baixo Leblon que optou-se por adicionar a categoria “Público [Frequentador]” às quatro categorias previamente definidas (morfologias, objetos, comportamentos e significados).

Nos anos e décadas seguintes à consolidação do Baixo Leblon na cidade e de suas características – seu cenário – no imaginário social carioca, muito por conta da sua intensa representação na mídia, novos Baixos são registrados em diversos bairros da cidade. São Baixos que ao mesmo tempo em que preservam diversos aspectos do cenário “original” do Baixo Leblon, também apresentam mudanças em relação a este, com uma grande multiplicidade de características e configurações, sejam elas em termos de morfologias, objetos, comportamentos, significados, tipos de público frequentador e etc..

Tendo em mente a hipótese da existência de um processo de difusão de Baixos na cidade do Rio de Janeiro, é necessário se explorar com maior atenção esse universo de cenários que passam a compor os Baixos, em todas as suas formas, variedades e variações. É

necessário que se busque padrões e tendências que possam dar conta de explicar tal processo e sustentar a hipótese. Por fim, é de suma importância que se possa compreender como os cenários dos Baixos se transformam no tempo e no espaço, não como categorias separadas, mas como componentes centrais e referentes indispensáveis à análise da trajetória dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro ao longo dessas mais de quatro décadas.

É a partir desse conjunto de discussões e das conclusões obtidas nas etapas anteriores à atual que passamos a nos perguntar, e é a essa questão que buscaremos responder ao longo da dissertação, sobre como os Baixos, enquanto cenários de sociabilidade noturna, se transformaram na noite carioca entre 1976 e 2019. Tal questão abre as portas para o surgimento de uma série de desdobramentos e novas questões que também nortearam os esforços de desenvolvimento a seguir. Os caminhos e métodos aplicados também buscam dar conta desse conjunto de questões secundárias, de grande valia à compreensão dos elementos centrais propostos. São elas: como se caracterizam os cenários dos Baixos? Como esses cenários se transformaram ao longo dos anos na cidade do Rio de Janeiro? Há um modelo de cenários, uma forma típica e padrão de organização desses espaços que seja predominante? Quais são os tipos de Baixos que se apresentam na cidade a partir das suas transformações? Sobre tais variações, existe uma lógica na sua transformação ao longo do tempo e do espaço? Qual é o papel dessas variáveis no curso de tais mudanças? Por fim, como os Baixos e suas transformações estão interligados com os próprios aspectos sociais da cidade do Rio de Janeiro?

Tendo em mente a pertinência das questões apresentadas acima e o interesse de compreender de maneira geográfica a temática aqui exposta, a presente dissertação tem como objetivo compreender como ocorrem as transformações dos Baixos enquanto cenários de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro, desde o início do processo, em meados da década de 1970, até os dias atuais. Nesse sentido, buscaremos retomar aspectos da consolidação dos Baixos na vida social carioca, tendo em mente a importância do momento para a sua expansão para toda a cidade, além de analisar a sua distribuição espaço-temporal no Rio de Janeiro. É nosso objetivo operacionalizar descrições dos Baixos estudados, partindo da ideia de cenários (Gomes, 2013), identificando as permanências e rupturas de elementos na configuração desses cenários ao longo dos anos, além de identificar os diferentes atores envolvidos nesse processo e compreender o seu papel. A partir desse conjunto de ações, iremos categorizar os cenários dos Baixos, a fim de uma melhor organização dessa análise e,

por fim, analisar o papel do tempo e do espaço na lógica de transformação dos Baixos e suas diferentes categorias.

Acreditamos que os Baixos representam um dos mais importantes espaços de sociabilidade da cidade do Rio de Janeiro. Sua expressividade no espaço indica esse perfil: entre os ainda existentes e os que já encerraram atividades, foram registrados no levantamento final deste trabalho um total de 106 Baixos, presentes em diversos bairros da cidade e em todas as suas Zonas. Soma-se a isso a persistência e a longevidade dos Baixos no tempo: entre seu primeiro registro, o Baixo Leblon, e o último registrado na pesquisa (por uma opção metodológica de recorte), decorreram-se 43 anos (1976-2019).

Os Baixos, portanto, foram símbolos da vida social noturna de gerações de cariocas. Os frequentadores dos Baixos em meados da década de 1970 eram pais dos jovens que os encheram ao longo dos anos 1990 e avós do atual público que busca nos Baixos o universo de encontros e possibilidades que a noite pode proporcionar. São 43 anos de uma centralidade expressiva desses espaços na noite carioca. O processo não é homogêneo, como ressaltamos anteriormente: alguns são mais centrais que outros, as características variam e o que se entende por *Baixo* ganha padrões mais elásticos. Apesar disso, os Baixos se tornam um dos símbolos da noite carioca e seu estudo se torna relevante à medida que extrapola o objeto em si e proporciona uma melhor compreensão da vida social da própria cidade e sua organização espacial.

Por fim, a expressividade dos Baixos no espaço e sua longevidade no tempo abrangeram um conjunto de processos de ordem política, social, cultural e econômica que ocorreram na cidade e no país. Compreender a variação dos Baixos e a transformação dos seus cenários tomando como base tais contextos, entendendo-os não como um simples plano de fundo mas como fatores diretamente atuantes na sua organização espacial, revela uma riqueza ainda maior na análise proposta. Os Baixos vivenciam a História recente do Rio de Janeiro e seus diferentes processos. Mais do que isso, seus cenários e formas de distribuição no tempo e no espaço refletem e incorporam tais contextos. Esperamos tornar nítida essa relação.

Esta dissertação será organizada como um caminho. Após um conjunto de discussões de cunho temático, conceitual e metodológico, nas quais serão expostas e discutidas as bases que sustentam esse trabalho e as análises realizadas, partiremos do início: o surgimento e a consolidação do Baixo Leblon, a dissidência que funda o Baixo Gávea e o curso de sua

expansão pela cidade do Rio de Janeiro ao longo desses anos. Este será o Capítulo 5. A seguir, no Capítulo 6, analisaremos como esse movimento no tempo e no espaço implica em um conjunto de mudanças, ora mais pontuais, ora profundas, nas formas de organização desses Baixos. Por fim, no Capítulo 7, buscaremos identificar, analisar e discutir a lógica e os padrões de tais mudanças, sempre guardando associações com a cidade do Rio de Janeiro, seu espaço urbano e sua evolução histórica.

2 REVISÃO TEMÁTICA

A noite em tela: vida noturna, espaços públicos e sociabilidade jovem na noite urbana

Vida noturna e sociabilidade têm estabelecido uma importante relação dialética, não apenas na literatura especializada, mas na própria paisagem urbana. Ao mesmo tempo em que a vida noturna nas cidades tem sido marcada por uma profusão de espaços de sociabilidade, por outro lado nos parece que os próprios encontros sociais, seus indivíduos e grupos envolvidos enxergam na noite um terreno fértil para seu desenvolvimento. Não se trata de compreender as práticas de sociabilidade como exclusivas do período noturno, afinal, há também um conjunto de espaços e situações de encontros sociais que se ativam durante o dia de igual maneira e intensidade. Mas também é inegável que a noite vem assumindo a “dianteira” nesse processo. Nas últimas décadas, o Rio de Janeiro tem presenciado um considerável aumento da criação de espaços de sociabilidade noturna, sobretudo a partir da redemocratização do país, em meados da década de 1980, e uma maior ação do poder público na criação e promoção desses locais (Góis, 2016, p.93, 119, 128, 142, 150).

A sociabilidade, conforme discutido na introdução, trata-se de um tipo de encontro social sem fins específicos. Para Simmel, sendo uma forma pura de interação, a origem e o curso desses encontros “[...] são acompanhadas por um sentimento e uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal.” (Simmel, 2006, p.64). Ou seja, o estímulo primário para os encontros é o próprio desejo de se encontrar e se sentir parte de uma interação social. Entendemos, e o próprio Simmel reconhece, que a espacialidade desses encontros conforma um fator fundamental para a sua realização e sucesso.

Poderia-se, a partir disso, enxergar a sociabilidade como uma ideia limitante quanto aos rumos de uma interação social que seria o fim em si mesma, isto é, que o encontro se limitaria à sua forma “pura”, sem progredir ou se desenrolar em outras formas, o que seria incorreto. A sociabilidade é uma forma pura de interação e se pauta na promoção de encontro entre iguais (2006, p.71). O desejo de se estar junto e compor uma situação social é prevalecente. Mas nem por isso o curso desses desejos não levará à satisfação de outros estímulos. Para Simmel,

“Seria um erro imaginar que entramos na sociabilidade puramente como ‘seres humanos’, como aquilo que realmente somos, deixando de lado todas as atribuições, as idas e vindas, os excessos e às carências com os quais a vida real deforma a pureza de nossa imagem.” (Simmel, 2006, p.70)

Por fim, o autor alemão dá grande importância ao espaço, ao lócus da interação social, como um fator central da promoção desses encontros e da satisfação de um conjunto de estímulos que poderão ser maximizados justamente a partir da sociabilidade, isto é, de um encontro e de uma interação social pura. Para o autor, há um sem número de situações e formas de interação que, ao terem a sociabilidade e seus espaços como fios condutores, mudam sua configuração e suas formas de desenvolvimento, sendo mais efetivos.

“Em si e para si, essas matérias com as quais a vida se preenche, essas motivações que a impulsionam, não têm natureza social. A fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica, às funções ou os resultados da inteligência não são, em seu sentido imediato, por si sós, sociais. São fatores de sociação apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação. A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses [...] se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses [...] formam a base da sociedade humana.” (Simmel, 2006, p.60 e 61)

Ou seja: estar juntos, em um lugar, compartilhando códigos e se sentindo parte de um grupo, dá sentido às coisas e à sociedade. Com a sociabilidade e seus espaços, segundo Simmel, as sociações humanas em suas formas puras de interação tem o mesmo poder, “[...] como se o número daqueles que estão fisicamente próximos fosse em certa medida o multiplicador da potência do sentimento portado pelo indivíduo [...]” (2006, p. 52). Por

exemplo: “Por centenas de vezes, no teatro ou em reuniões, todos nós gargalhamos de piadas que, em um quarto, não teriam a menor graça.” (2006, p.54). Ou então,

“Em uma reunião realmente pessoal e íntima, uma moça não iria se apresentar com tantos gracejos diante dos homens como ela poderia fazer em uma grande sociedade. Nesta, ela não se sente engajada como indivíduo, e por esse motivo pode se revelar por sob a máscara da liberdade impessoal” (2006, p.67).

Os lugares importam, o agrupamento humano em interação também. Assim, a sociabilidade é a porta de entrada para o desenrolar de um conjunto de estímulos humanos, que reunidos em um mesmo espaço interagem de maneira pura, como iguais, buscando na interação um fim em si mesmo e manifestando um conjunto de estímulos a partir dela. O consumo, as práticas, o lazer, a paquera e outros estímulos ficam em segundo plano. Importa, na sociabilidade, muito mais estar em um lugar e desfrutar, a partir do encontro, do conjunto de significados proporcionados por essa situação e por esse espaço. Veremos mais adiante como é justamente esse sentimento e esse universo de interações “puras” que constituem uma das bases à consolidação do Baixo Leblon, e dos Baixos seguintes, como espaços centrais na vida social do Rio de Janeiro.

Nas cidades, os espaços públicos são lócus privilegiados ao encontro social e às práticas de sociabilidade. De acordo com Gomes (2002), enquanto espaços da co-presença, isto é, da coexistência de diferentes pessoas e grupos, os espaços públicos promovem um conjunto de encontros e interações sociais na cidade, sem barreiras à participação de quaisquer tipos de pessoas (Gomes, 2002, p.162 e 163). Tais características atribuem aos espaços públicos um caráter essencialmente democrático. O conjunto de normatizações a serem respeitadas ali regem seu funcionamento e buscam garantir o princípio básico da isonomia não apenas de uma praça, rua ou shopping, por exemplo, mas da sociedade em si. Os espaços públicos são o lócus da vida democrática na cidade (idem, 2002, p.164).

Por fim, espaços públicos são locais onde pessoas, grupos e suas demandas são expostos. Como uma arena de debates e diálogos, como aponta o autor, os problemas ali ganham forma e são discutidos de maneira democrática. Eles se tornam visíveis e passam a constituir um interesse público, da cidade. Nesse sentido, espaços públicos passam a representar “[...] uma espécie de resumo físico da diversidade socioespacial daquela população.” (2002, p.164). A cidade e toda a sua diversidade se expressa nos espaços

públicos, produzindo cenas, imagens da vida cotidiana. Tais cenas, chamadas de *cenas públicas*, articulam um conjunto de formas e práticas sociais e veiculam discursos, como veremos no capítulo seguinte.

Neste trabalho, tratamos de um tipo de sociabilidade específico, baseado na interação entre espaços públicos e espaços privados. Os Baixos são espaços de sociabilidade fundados nessa interação: enquanto os espaços privados dos bares e restaurantes proporcionam o conforto, os serviços e os produtos a serem consumidos, os espaços públicos ao ar livre são grandes atrativos, promotores de encontros e de uma sensação de liberdade ao longo da noite e da madrugada. Estar no Baixo significa estar em constante contato e oscilação entre essas duas esferas. Público e privado, mais que uma diferença física, compõem duas esferas morais e normativas no espaço, dois universos sociais e duas formas de se comportar na noite. Longe de rígidas e definitivas, porém, é a informalidade dos Baixos que as aproxima, flexionando as regras e tornando as normas e padrões de cada esfera mais elásticas⁸.

É na interação entre público e privado que os ritos de sociabilidade dos Baixos se fundam. O gosto por esse “meio-termo” reflete uma tendência da própria população brasileira na busca por arranjos sociais sempre informais em um meio normatizado. Para o sociólogo Roberto DaMatta (1986), o brasileiro transita entre duas grandes esferas sociais, denominadas por ele como *casa* e *rua*. Enquanto a primeira é marcada pela informalidade das relações familiares, de base sanguínea, a segunda é o espaço formal, da lei. É na interação entre essas esferas que se buscam arranjos, tentativas de se flexibilizar a ordem formal.

Se os espaços privados são representados pelos salões e espaços internos dos estabelecimentos e os públicos pelas ruas, calçadas e esquinas, o meio-termo ganha uma espacialidade própria: o surgimento de varandas, balcões, os toldos e a projeção dos estabelecimentos para as calçadas são a expressão espacial dessa interação entre esferas. Estar na varanda é desfrutar dos serviços internos dos estabelecimentos sem abrir mão do contato com a rua e seu universo de encontros. Consumir algo do balcão significa poder comprar um produto do local, sem sair da rua. Os espaços do meio-termo são centrais para compreender os tipos de sociabilidade que se desenvolvem não apenas nos Baixos, mas na vida noturna como um todo.

⁸ Esse processo foi descrito detalhadamente no trabalho sobre o Baixo Leblon. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7885/5684>

Os estudos sobre as práticas de sociabilidade na cidade têm encontrado na vida noturna um importante elemento de interlocução. Historicamente, as análises sobre a noite urbana têm convivido com um conjunto de mitos e ideias, que a atribuem um perfil muitas vezes distorcido da realidade e generalizante em seu desenvolvimento, isto é, como se a vida noturna urbana fosse a mesma em todo o lugar e em todos os momentos. Longe de estática e absoluta, e ainda convivendo com diversos desses mitos, a noite é um terreno fértil para a análise da vida social das cidades, seus grupos sociais e, por fim, da sua espacialidade.

A noite frequentemente foi vista na literatura especializada como um momento de rompimento com o dia. Enquanto o período diurno seria um espaço habitado, da vida urbana e da normalidade de suas atividades habituais, a noite seria escura e inabitada, abrindo portas para toda sorte (ou azar?) de acontecimentos. O geógrafo Marcos Góis identifica e sintetiza bem esse conjunto de acepções:

“Bruxas e feiticeiros reuniam-se à noite”, indica Carlo Ginzburg (2012) em sua investigação das narrativas sobre o Sabá. Assim parece ter sido avaliado esse momento do dia, sob o véu da obscuridade e do medo, como esconderijo da transgressão da ordem civilizatória, habitado pelo mal e pela oferta de desvios morais. Para os cidadãos respeitáveis a noite era período de recolhimento e de descanso. Com eles dormia a cidade, recolhida ao silêncio e à escuridão das ruas vazias. (Góis, 2021, p.7)

Escura e vazia, a noite era concebida como um espaço-tempo da incerteza e do risco, visão que ainda permeia o imaginário social de diversos centros urbanos do mundo, inclusive o Rio de Janeiro. Nesse sentido, Murray Melbin desenvolve a ideia de que a noite, tal como espaços outrora desconhecidos do mundo, estava em um progressivo processo de desbravamento. Sua analogia toma como base a expansão e a ocupação do território estadunidense em direção à oeste, atribuindo a conquista da noite a uma fronteira a ser conquistada (Melbin, 1978). Melbin dá continuidade à tal acepção ao longo dos anos. Em 1987, o autor identifica e discute um conjunto de paralelos entre a conquista da noite e seu caráter fronteiro, da semelhança do perfil dos “exploradores” às estratégias de regulação do novo espaço (Góis, 2018b, p. 626).

Outro mito com o qual o tema vem convivendo gira em torno da atribuição da vida noturna como um momento privilegiado à transgressão, em oposição à vida diurna, conforme identificado por Góis (2018a). Esse aspecto, vimos e veremos mais adiante, foi de extrema valorização no Baixo Leblon e na consolidação dos Baixos na cidade. Muito se discute sobre

como o conjunto de práticas e comportamentos na vida noturna na cidade têm sido conformadores de uma identidade transgressora, tendo a juventude como o principal ator desse processo (MARGULIS, 1997; CRESSWELL, 1998; TORRES, 2000; ALMEIDA & TRACY, 2003; ROBINSON, 2009; GÓIS, 2018a). Para Robinson (2009), o desenvolvimento dessas práticas corresponde a um comportamento normal, natural aos jovens, que buscam se apoderar da cidade noturna, que passa a ser apropriada, como afirma Tim Cresswell (1998), pelas normas desviantes à conduta moral e adulta dominante no dia. Isso se justifica, segundo Margulis (1997), pelo fato da noite ser o momento em que o poder moral que regula e institui os comportamentos morais a serem seguidos está “dormindo”. À noite a vigilância cessa e os jovens ficam menos visíveis ao olhar social dos adultos e de seu julgamento moral (Góis, 2018a, p. 625). Assim, é na cidade noturna que esses grupos podem desfrutar de uma “ilusão libertadora” (Margulis, 1997, p.5), onde tudo se torna possível.

No mesmo sentido, Almeida & Tracy, em sua análise sobre o comportamento nômade jovem e seus circuitos na noite carioca, destacam essa oposição, sendo a noite um momento de lazer e liberdade ao jovem frente às obrigações cotidianas e diurnas, sobretudo escolares e familiares, possibilitando a execução de práticas que não poderiam se fazer de dia (2003, p.59). As autoras ressaltam, porém, que o caráter da noite enquanto um domínio espaço-temporal se faz para além da sua imediata oposição com o dia e engloba um conjunto de práticas e atividades de lazer e sociabilidade noturna. Em suas palavras, trata-se da “[...] construção da *night* como configuração espaço-temporal diferenciada, que ultrapassa a oposição imediata entre “noite” e “dia”, incorporando ao lazer noturno atividades organizadas, inicialmente, em função de outras variáveis.” (ALMEIDA & TRACY, 2003, p.61).

As reflexões expostas são de grande valia para que se compreenda de maneira mais aprofundada o contexto, os valores e as intenções do surgimento e da consolidação dos Baixos. A associação entre vida noturna, juventude e transgressão é recorrente na literatura sobre o tema. Todavia, não se deve generalizar essa conjunção de fatores como conformadora de todos os ritos e situações de sociabilidade noturna na cidade. A noite é tão múltipla e variada quanto o dia e os cenários que nela se apresentam refletem essas variações. Além disso, diversas dessas noções mudam ao longo do tempo. A própria noção de transgressão é relativa no tempo e no espaço. Um comportamento considerado transgressor no auge da repressão da Ditadura Militar brasileira, por exemplo, época em que o Baixo Leblon começa a se consolidar, atualmente pode não o ser. Da mesma maneira, transgressões em certas

situações espaciais não o são em outras, apesar de simultâneas no tempo. São noções relativas e devem ser consideradas em seus contextos e casos específicos. Nem por isso, tal associação deixa de ser estruturante para compreendermos alguns processos em decorrência na noite urbana, como será na origem dos Baixos e em outros casos específicos.

A formação e o desenvolvimento da identidade noturna transgressora por parte dos jovens, argumenta Margulis ao estudar o comportamento jovem na noite de Buenos Aires, passa não apenas pela conformação de vínculos e de redes de sociabilidade entre os grupos jovens mas também pelas suas profundas relações com o espaço, lugares na cidade que se tornam privilegiados ao encontro desses grupos e onde irão se desenvolver e aprofundar suas relações sociais e seus ritos de sociabilidade, construindo a identidade que será compartilhada pelo grupo. Nas palavras do autor, “Existe la necesidad, la urgencia en los jóvenes por encontrar a sus pares, constituir agrupamientos, encontrar el espacio propicio para integrarse y diferenciarse, construir [...] señales de identidad”⁹ (MARGULIS, 1997, p.8).

O componente espacial é, portanto, indispensável ao se pensar não apenas o comportamento jovem na noite urbana, mas, de forma mais ampla, a temática da sociabilidade noturna. As reflexões de Torres (2000) são de grande importância nesse sentido e nos ajudam a compreender, além do papel da espacialidade na construção das identidades jovens na cidade, também a sua importância na conformação de valores a certos espaços, que passam a ser vistos como privilegiados e propícios ao encontro social. Ao estudar o lazer noturno no Bixiga, bairro da capital paulistana, Torres aponta que a espacialidade é um importante fator da promoção de encontros entre diferentes grupos na noite. No caso do Bixiga, que possui uma profunda semelhança com a temática dos Baixos aqui discutida, a autora identifica como a concentração de estabelecimentos voltados ao lazer noturno, como bares e restaurantes, e a sua posição em relação à rua, voltados para a calçada, transmite uma sensação de núcleo, de centro, tendo maior capacidade de atração de pessoas ao local, que se torna um ponto privilegiado de encontro e interação social desses grupos. Entre outros dos ricos trabalhos que discutem as práticas da juventude na noite paulistana e valorizam sua dimensão espacial, destaca-se o trabalho de Magnani (2002).

A noite carioca tem sido objeto de investigação a partir de uma ampla frente temática, em estudos de caráter sociológico, histórico, antropológico, etnográfico, econômico, geográfico, entre outros. Nesse sentido, destacam-se as contribuições de (ALMEIDA &

⁹ *"Há uma necessidade, uma urgência nos jovens de encontrar seus pares, formar grupos, encontrar o espaço certo para se integrar e se diferenciar, construir [...] sinais de identidade"* (tradução livre).

TRACY, 2003; GÓIS, 2010, 2011, 2014, 2015, 2015, 2018, 2018, 2018, 2018; MONTEIRO et. al., 2010; SAMPAIO BARTOLY, 2011; FAZZIONI, 2012; FELIX, 2014, 2015; JESUS, 2017, 2018; CAMPOS, 2018). Dentro dessa variedade, é possível perceber a reincidência da menção e da análise de certos espaços de sociabilidade da cidade, lugares cuja relevância na vida social carioca e seu conjunto de atributos merecem atenção e destaque no âmbito da compreensão dos aspectos da sociabilidade noturna do Rio de Janeiro. Sem dúvidas a Lapa, bairro boêmio da região central da cidade, tem sido o principal objeto desse conjunto de reflexões, mas ainda assim espaços de intensa atividade e agitação noturna da Zona Sul e da Zona Norte têm sido analisados – entre eles, os Baixos.

A literatura sobre os Baixos, porém, não tem apresentado análises mais aprofundadas sobre esses espaços, sobretudo em uma perspectiva geográfica. Ao longo do processo de levantamento bibliográfico sobre o tema não foram encontradas produções que tratassem especificamente sobre a temática dos Baixos e, nos trabalhos em que esses espaços apareciam no conjunto de discussões (MARIANI, 1996; DEL RIO, 2000; ALMEIDA & TRACY, 2003; ÁVILA, 2005; SANTOS, 2005; BRANDÃO, 2011; FACCIN, 2012; NOVAES, 2012; CAMINHA, 2013; GÓIS, 2015b), as citações ficaram restritas a referências e pontuais menções em meio aos temas discutidos de forma mais aprofundada. Apenas os trabalhos de Almeida & Tracy (2003), sobre os circuitos jovens na noite do Rio de Janeiro e de Góis (2015b), sobre as paisagens noturnas cariocas, apresentam uma caracterização e discussões mais aprofundadas sobre o Baixo Gávea e o Baixo Méier, respectivamente, ainda que não sejam dedicados exclusivamente à temática dos Baixos.

Esse conjunto de características chama atenção, sobretudo quando consideramos a significativa expressão dos Baixos na cidade, seja em sua grande quantidade de ocorrências, seja em termos da sua dispersão em diversas áreas da cidade ou seja na longevidade do processo, já consolidado há mais de quarenta anos. Chama atenção também o fato de que entre a literatura analisada, em apenas alguns dos trabalhos (RIO, 2000; BRANDÃO, 2011; FACCIN, 2012; CAMINHA, 2013), os Baixo são citados de forma coletiva, dentro de uma multiplicidade de outros Baixos, o que consideramos como essencial para a compreensão do fenômeno.

3 DISCUSSÃO CONCEITUAL

3.1 Cenas urbanas, imagens da noite: o conceito de cenário

Ao apresentarmos lugares, sejam eles bairros, cidades ou até mesmo países, por maiores que sejam os esforços de representação, é impossível dar conta de toda a diversidade contida nessas unidades. Não importa o quanto se deseje incorporar a totalidade de formas, elementos, sensações e etc., seguirá faltando, em maior ou menor grau, um outro conjunto de coisas ainda inexploradas em tal esforço de representação. As escolhas do que representar e o que deixar de fora são fruto do observador a cargo da representação do que se observa. Mais do que isso, fruto da sua intenção e decisão do quê deve aparecer e o que não, o que será exposto na representação e o quê ficará de fora.

Quando falamos de cidades, usualmente suas formas de representação se fazem a partir de imagens. Em um breve exercício podemos pensar a aplicação dessa lógica em nossas respectivas cidades: sua apresentação tende a privilegiar certos espaços, cartões postais, bairros mais famosos, uma forma de vida e hábitos considerados típicos e representativos de toda a população ali residente. Da mesma forma, também podemos pensar em um conjunto de espaços, bairros e hábitos não são exibidos, sendo excluídos das formas típicas de representação da cidade. Alguns pontos de vista são privilegiados em relação a outros, orientando os olhares para uma direção específica e para a composição de elementos que se quer que sejam observados e expostos (Gomes, 2013)¹⁰.

As imagens, portanto, terão o poder de evocar e valorizar um conjunto de elementos da cidade, que serão formas de representação da sua vida cotidiana. Nesse sentido, não se representam apenas os espaços da cidade em si, seu conjunto físico e morfológico, como também se valoriza o conjunto de formas de vida que nela se desenvolve, seus hábitos cotidianos e extraordinários e os usos e vivências do e no espaço urbano. Dessa conjunção de elementos e sua observação no formato de imagens é possível extrair diversos significados do que se observa. Impressões, valores e ideias são criados ao observadas tais imagens da vida urbana pública em seu cotidiano. A essas imagens, Gomes chama de *cena*.

¹⁰ *Ponto de vista, exposição e enquadramento* são noções trabalhadas por Paulo Gomes, em *O lugar do olhar* (2013), para discutir como as formas de visibilidade do espaço urbano e a produção imagética em si possuem uma lógica espacial própria. As noções, segundo Gomes, são de indispensável consideração para que se compreenda o papel das imagens no jogo de visibilidades na cidade, isto é, o que se vê ou não.

A cena, para o autor, é a imagem capaz de representar a vida nas cidades e seus elementos em fragmentos, ao passo que a cada cena um aspecto da cidade se revela e é exposto ao público. Mais do que isso, estabelece-se uma relação recíproca, ao passo em que, para o autor, a própria vida pública passa a se estruturar como cenas (Gomes, 2013, p.185). Segundo Gomes, as cenas são produto da interação entre três esferas, que de maneira interdependente se orientam e compõem não apenas as imagens da cidade, mas a vida que nela se desenrola.

A primeira esfera da cena é uma dimensão física e material, das morfologias que compõem o espaço urbano e sobre a qual a vida pública se desenrola. A espacialidade dos elementos físicos do espaço, seus tipos de forma e as características são partes essenciais da cena. Muito mais do que o lócus da ação, base material das ações na cidade, o espaço físico se torna um protagonista do curso dessa vida que se desenrola, interagindo diretamente com a segunda esfera de constituição das cenas: os comportamentos. As imagens são ricas na representação de um conjunto de ações, condutas e elementos de ordem comportamental dos cidadãos que revelam a vida nos espaços públicos como ela é. A riqueza da cena e sua análise é justamente a compreensão de como comportamentos e morfologias interagem e se orientam. É a partir dessa interação de elementos, do espaço e das ações, das formas e dos comportamentos, que as imagens expõem a vida pública e passam a exprimir um conjunto de valores a ela associados. Serão esses valores que irão compor a terceira esfera: a esfera dos significados.

Morfologias e comportamentos interagem e essa interação provoca ao observador um universo de significados. Dessa conjunção se extrai valores, ideias e concepções que se atrelam ao espaço e seus comportamentos, passando a compor o imaginário social e urbano acerca da cena representada.

“Em outras palavras, há uma morfologia diferenciada que orienta ou define tipos de comportamentos e atitudes. A leitura deles está diretamente relacionada ao lugar onde tudo isso se passa, isto é, as significações estão associadas ao lugar físico onde ocorrem. Esses lugares físicos são posições dentro de um sistema complexo e essas posições têm sentidos, atributos e qualidade. Tudo isso intervém na produção de significação. Por isso insistimos, lugares, práticas sociais e sentidos têm que ser pensados em conjunto.”. (Gomes, 2013, p.188)

Gomes propõe que ao conjunto de cenas chame-se *cenário*. O cenário seria uma espécie de álbum dos espaços da cidade e sua vida, evocando morfologias, comportamentos e

significados não apenas de uma cena, mas de um conjunto delas, tornando sua análise mais completa. Portanto, “Chamamos de ‘cenário’ esse conjunto de ações, objetos e significações unidos e simultâneos em um mesmo espaço.” (2013, p.189).

O conceito de cenário se apresentou como essencial para a compreensão dos Baixos e sua variação ao longo dos anos. A análise inicial em torno do Baixo Leblon demonstrou justamente como o espaço se funda a partir de uma constante interação entre morfologias e comportamentos, que se tornam marcas, geram significados que se atrelam ao imaginário social da noite carioca e se multiplica para outros espaços da cidade, com maior ou menor grau de transformação. Vimos também que as imagens e os textos, ricos na representação dos elementos de composição desses cenários, são centrais para os esforços de descrição dos Baixos, proposta que se busca realizar neste trabalho. Esse aspecto ganha ainda mais importância quando consideramos o perfil também histórico dessa pesquisa, que busca descrever espaços do passado atualmente inacessíveis em um trabalho de campo, por exemplo. Apesar dessa dificuldade, é a partir dos cenários e de sua descrição que o passado se torna acessível aos nossos propósitos.

Por fim, é importante notar que, tal como a vida urbana, os cenários são dinâmicos. Eles mudam, se transformam e se reorganizam, de hora em hora ou até mesmo em questão de décadas. Este trabalho busca compreender justamente essas mudanças, isto é, como os cenários dos Baixos se transformam e qual é a lógica dessa transformação na cidade do Rio de Janeiro ao longo dos anos. Trata-se, portanto, de uma transformação no tempo e no espaço e em como tais elementos foram centrais para o curso dessas mudanças.

Torna-se importante, nesse sentido, entendermos como ambos se situam na ciência geográfica e oferecem ricas perspectivas à análise que buscamos empreender.

3.2 Os Baixos no espaço e no tempo: a difusão e a diferenciação espacial

Enquanto ciência comprometida com a análise da distribuição dos fenômenos no espaço e a sua lógica, a Geografia tem no componente espacial seu elemento central de discussões. O conceito de espaço é polissêmico. Polissêmico não apenas em relação a outras ciências e usos cotidianos, mas também dentro da própria Geografia. Diferentes correntes do pensamento geográfico desenvolveram e trabalharam múltiplas acepções do que seria o espaço, seu papel e suas formas de análise, conforme aponta Corrêa (1995). Apesar disso, o

conceito sempre esteve no centro da ciência, se relacionando ativamente com noções, ideias e elementos de outros campos na conformação da riqueza da Geografia e seu papel na descrição e compreensão do mundo. Entre eles, destacamos o elemento do *tempo*.

Os debates sobre o lugar e a importância do *tempo* têm figurado e proporcionado grandes avanços teóricos, operacionais e metodológicos no seio da ciência geográfica ao longo das décadas. Na Geografia, apesar de remontar ao final do séc. XIX, a introdução do componente temporal às análises espaciais ainda é fonte de estranhamento e confusões, sendo frequentemente acusadas da perda do caráter geográfico em prol de um suposto privilégio histórico. Ademais, quando não acusadas disso, autores têm se dedicado a ressaltar o conjunto de barreiras e dificuldades em se trabalhar a temporalidade na Geografia e propor caminhos para tal, sobretudo as correspondentes a tempos passados, embora *tempo* e *História* não sejam sinônimos exclusivamente de *passado*. Destacam-se, entre tantos outros, as obras de Darby (1962) e Lowenthal (1975).

Apesar do estranhamento, existe uma convergência nas análises ao apontarem a inseparabilidade do espaço e do tempo na análise da ação humana. Para Peter Gould, “Man and his works exist in Space and Time [...] This means that we can no longer think about spatial patterns and relationships in a simple static sense; and we must reject, as geographers and social scientists, an exclusive focus upon the temporal dimension.” (GOULD, 1969, p.11)¹¹. Espaço e tempo estabelecem uma relação dialética, uma unidade onde se inscreve não apenas a ação humana, mas também, enquanto construções sociais, atuam como elementos-chave na produção do espaço (HARVEY, 1990, p.418), a partir da produção de formas espaciais e da ação de processos ao longo do tempo. Nesse sentido, Corrêa destaca que formas e processos são, respectivamente, expressões diretas de espaço e tempo (2019, p.2).

Torna-se evidente a necessidade de congregar os aspectos temporais nas análises geográficas, sobretudo no que diz respeito à compreensão dos processos e do fluxo das transformações espaciais que são objeto de interesse dos geógrafos. HORNBECK et. al. destaca a utilidade metodológica e operacional do elemento “tempo” na Geografia. Para o autor, “Time thus provides geographers units of observation and of analysis [...] and these units permit a description of spatial changes and the processes responsible for them.”.

¹¹ “O homem e suas obras existem no Espaço e no Tempo [...] Isso significa que não podemos mais pensar em padrões e relações espaciais em um simples sentido estático; e devemos rejeitar, como geógrafos e cientistas sociais, um foco exclusivo na dimensão temporal”. (GOULD, 1969, p.11) - tradução livre.

(HORNBECK et. Al., 1995, p.34)¹². No mesmo sentido, Roberto Lobato Corrêa (2016) discute as possibilidades em torno do interesse dos geógrafos pelo tempo em suas análises, que “[...] se dá por meio da espacialidade da ação humana no curso da História, espacialidade que está materializada em obras fixas e expressas em fluxos, ambos resultados de complexos processos sociais.” (CORRÊA, 2016, p.3).

Ainda refletindo sobre o tema, o autor identifica cinco vias de interesse, cinco portas de entrada, que têm conduzido os geógrafos no trabalho com a temporalidade. São elas: herança, memória, projeto, inscrição e trajetória (CORRÊA, 2016, p.3). O presente trabalho possui uma estreita relação com a perspectiva da trajetória, isto é, “[...] as combinações entre processos e formas que a partir de um foco inicial no espaço e um ponto inicial no tempo, sucedem-se até uma dada área e ponto no tempo no presente ou no passado.” (CORRÊA, 2016, p.11). Tal perspectiva nos parece uma aproximação apropriada para a abordagem de tempo e espaço neste trabalho. O cenário do Baixo Leblon se estrutura e consolida e, a partir desse ponto de origem, é replicado a outros pontos da cidade e se transforma ao longo do caminho, em uma trajetória pelo tempo e pelo espaço, indicando um processo de difusão. O perfil da sua expansão, em que Baixo Leblon e seu cenário representam “o foco inicial no espaço e o ponto inicial no tempo” citados por Corrêa e se espalham no espaço e no tempo da noite carioca, é um ponto de partida para que espaço e tempo sejam acionados como elementos de análise no desenrolar de uma trajetória e de uma difusão.

3.2.1 A difusão espacial dos Baixos

Entendemos a difusão espacial, a partir de Corrêa, “[...] um processo no qual pessoas, mercadorias, idéias, capital, doenças e muito mais espraiam-se no espaço, envolvendo um lapso de tempo.” (2011, p.3). Trata-se, portanto, de um movimento de transmissão de variados tipos e formas de elementos no espaço, cuja evolução se dá a partir de um ponto inicial no espaço e ao longo de um dado intervalo de tempo. Tal perspectiva nos ajuda a compreender a relação entre a análise da difusão espacial apontada por Corrêa (2016) com o estudo da trajetória e sua relação com o tema aqui proposto. Para o autor,

¹² “O tempo, portanto, fornece aos geógrafos unidades de observação e de análise [...] e essas unidades permitem uma descrição das mudanças espaciais e dos processos responsáveis por elas”. (HORNBECK et. Al., 1995, p.34) - tradução livre.

“[...] a difusão espacial descreve a trajetória, indicando seus agentes sociais, o itinerário, as barreiras, os agentes receptores, apontando ainda para a intensidade e o ritmo da difusão, descrevendo assim a temporalidade da dispersão espacial. [...] tornar mais inteligível as complexas relações entre espaço e tempo, entre forma e processo ou vice-versa.” (CORRÊA, 2016, p.12).

A análise da difusão espacial, entretanto, é fundamental não apenas por significar a conjugação dos elementos do espaço e tempo – e as suas respectivas derivações em formas e processos – mas também por trazer à análise geográfica um maior aprofundamento ao seu objeto de estudo primário e mais importante: a distribuição espacial dos fenômenos. Silva (1995) inicia seu importante estudo sobre a difusão das inovações sob este argumento. Ressaltando a relevância da análise da distribuição espacial, o autor defende que resgatar os mecanismos responsáveis pelas mudanças, transformações e evoluções na distribuição espacial dos fenômenos em um dado tempo e espaço, isto é, adotar uma perspectiva difusionista acerca do processo estudado, torna-se um ponto cada vez mais importante e necessário às análises geográficas (SILVA, 1995, p.25).

O artigo, intitulado *Os avatares da teoria difusão espacial: uma revisão teórica* (SILVA, 1995), é uma grandiosa contribuição à temática da difusão espacial no Brasil. O autor realiza um profundo levantamento bibliográfico, traçando um panorama da evolução do conceito de difusão espacial ao longo do pensamento geográfico com foco na temática da difusão das inovações e sua transformação ao longo do tempo e do espaço. Os estudos sobre a difusão remontam às reflexões, ainda no século XIX, de autores como F. Ratzel, F. Boas e A. Kroeber, influenciando diretamente no desenvolvimento das noções culturais da Escola de Berkeley, onde, na figura de Carl Sauer, a temática ganha força estando profundamente atrelada ao seu aspecto cultural (CORRÊA, 2011, p.4). Segundo Silva, as perspectivas consolidadas com as produções sauerianas sobre a difusão sofrem uma virada de chave com as proposições do geógrafo sueco Torsten Hagerstrand e a chamada Revolução Teorética-Quantitativa:

“A contrapartida desses estudos e sua revisão teórica surgiram com Torsten Hagerstrand cujo trabalho, no início dos anos 50, significou uma mudança de foco na direção dos processos subjacentes à difusão. [...] Hagerstrand mudou o enfoque teórico ao afirmar que "a ordem espacial na adoção de inovações é freqüentemente tão marcante que se tem o desejo de tentar criar modelos que simulem o processo e venham eventualmente, a permitir que se façam algumas previsões" (1967, p. 7). Essa afirmação é indicativa da mudança de ênfase do autor, que parte da descrição e generalização indutiva para uma abordagem dedutiva, focalizando os processos generativos.” (SILVA, 1995, p.27).

A produção de Hagerstrand se torna um marco no âmbito da teoria difusionista, constituindo um momento, em consonância com as produções inseridas na Revolução Teórica-Quantitativa, da produção de grandes modelos e esquemas gráficos dos processos de difusão estudados, em especial a difusão de inovações e sua transformação. Quase duas décadas após suas primeiras formulações, no final da década de 1960 e início da de 1970, o modelo conceitual de difusão de Hagerstrand ainda era o dominante na Geografia. É nessa época que surge um movimento crítico de revisão teórica de sua obra, liderada pelo geógrafo americano Lawrence Brown, propondo um conjunto de perspectivas e novas possibilidades de leitura do processo de difusão, ainda inserido, porém, no contexto teórico-quantitativo.

Com o avanço das ideias marxistas na Geografia e o surgimento da Geografia Crítica na década de 1970 ressalta-se a necessidade da consideração da dimensão temporal nos estudos sobre a produção capitalista do espaço – o que implica os estudos sobre a difusão espacial. “Existe acordo geral na Geografia considerada crítica de se introduzir a dimensão temporal no estudo da organização do espaço. Daí a importância dos estudos sobre difusão de inovações que envolvem necessariamente a dimensão tempo. [...] A difusão de inovações constitui também fenômeno que submete o espaço a constantes variações quantitativas em função das necessidades do modelo de acumulação de um dado momento.” (SILVA, 1995, p.45). É nesse contexto que conceitos como o da seletividade espacial, por exemplo, se atrelam às noções de difusão espacial.

Tradicionalmente, o enfoque dos estudos sobre a difusão espacial se voltaram à difusão das inovações, entre produtos culturais, técnicas agrícolas, rádios e automóveis (como Hagerstrand em *The Propagation of Innovation Waves* (1952)), além de estudos sobre a difusão de populações, informações e etc.. Tais estudos conjugaram a noção de um movimento de um objeto no espaço e no tempo e sua transformação ao longo do processo. No presente trabalho, ao considerarmos os Baixos como um tipo de cenário de sociabilidade noturna na cidade do Rio de Janeiro, falamos na difusão de uma forma de organização espacial, composta por um conjunto de morfologias, comportamentos, significados e seu público. Acreditamos que a difusão dessa forma de organização espacial, o cenário dos Baixos, se inicia no bairro do Leblon em meados da década de 1970, com a consolidação do Baixo Leblon como um ponto de encontro boêmio na noite do Rio de Janeiro e avança, nas décadas seguintes, com o aparecimento de inúmeros novos Baixos por toda a cidade. É um espraiamento de um objeto no tempo e no espaço carioca, isto é, um processo de transmissão de cenários de sociabilidade noturna na cidade e o curso de suas transformações.

3.2.2 A diferenciação espacial dos Baixos

Como dissemos anteriormente, o objetivo deste trabalho é compreender o processo de difusão dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro e para isso buscaremos descrever e classificar suas formas de diferenciação espacial. Partimos do princípio, e das bases que os próprios estudos históricos sobre difusão nos fornecem, que esse movimento no tempo e no espaço se faz atrelado a uma mudança no objeto difundido e à sua diferenciação.

A diferenciação espacial é tradição e está presente na história do pensamento geográfico há séculos. Autores clássicos da Geografia, como Karl Ritter e Alexander von Humboldt já tinham como objetivo a apresentação e a descrição dessas diferenças, ainda na entrada do Século XIX. No século seguinte, Ratzel com seus estudos difusionistas e em suas formulações que constituíram a gênese da Geografia Política já reconhecia a diferença entre lugares e povos e, por fim, a Escola Francesa de Geografia se funda a partir do método regional lablachiano, nascido com as descrições das regiões francesas e suas diferenças a partir de Vidal de la Blache. São séculos de percurso e desenvolvimento de métodos que, em maior ou menor grau, se integraram ao princípio de diferenciação de áreas. O marco nessa trajetória, porém, está no final da década de 1930, com o geógrafo estadunidense Richard Hartshorne.

Hartshorne, ao longo dos anos 1920 e 1930, se dedicou a estudar um conjunto de características e aspectos de ordem física, econômica, social, política e populacional nos Estados Unidos. Era um contexto de profundas transformações no espaço geográfico estadunidense, que acompanhava o pós-Primeira Guerra Mundial, a Crise de 1929 e os investimentos do New Deal no país (Dutra-Gomes e Vitte, 2019). Hartshorne propõe que a compreensão do espaço, seus elementos e suas transformações se faça a partir de um método que alie um resgate histórico e contextual do espaço junto a um esforço de sistematização objetiva de seus elementos e suas relações espaciais. Seria a partir dessa conjugação de fatores e da aplicação desse método que se revelaria a grande diversidade espacial do mundo. O método da diferenciação de áreas se torna central na geografia estadunidense da época e Hartshorne, assim, afirma a Geografia como a ciência da diferenciação de áreas (idem, 2019).

Muito mais do que a descrição das diferenças entre áreas, trata-se a importância de se buscar também suas causas, explicá-las e poder estabelecer suas relações. Para Corrêa, a “diferenciação espacial é o resultado da ação combinada de processos naturais e sociais que produziu uma superfície terrestre fragmentada, irregular, complexa e mutável, porém

articulada.” (2022, p.2). Ela é resultado de ações e de processos de diversas ordens e sentidos. Ações e processos diretamente relacionados ao seu sítio de acontecimento e ao contexto de realização - isto é, ao espaço e ao tempo. A diferenciação espacial, portanto, não apenas se faz a partir de um contexto espaço-temporal específico, como sua própria expressão carrega e manifesta as características desse contexto. A esse respeito, o autor afirma:

“A diferenciação espacial, assim como qualquer produto da natureza e da ação humana, exhibe, simultaneamente, uma temporalidade e uma espacialidade. Estas são vistas como manifestação do tempo e do espaço, isto é, do movimento e processo, de um lado, e da pausa e forma, de outro”. (CORRÊA, 2022, p.4)

Além disso, a diferenciação espacial não é uma via de mão única, influenciada pelo curso das ações humanas, sociais e fatores naturais. Ela não é apenas o seu reflexo, mas também uma condição necessária para a expressão e realização de tais ações. Ela é resultante da ação humana ao mesmo tempo em que proporciona condições para que esta se realize.

“A perspectiva crítica rompe com a referida visão ao compreender o espaço como objetivação humana. Aqui o espaço não é mais um já dado anterior à ação humana, mas a materialização de suas relações, e ao mesmo tempo um meio necessário para que elas aconteçam. Neste sentido, vale destacar a primeira e mais elementar das diferenciações espaciais, aquela que se constitui na própria produção da materialidade social” (SANTOS, 2018, p.4).

É a partir dessa relação de duplo sentido que buscaremos compreender a diferenciação espacial dos cenários dos Baixos. Ou seja, pensaremos a diferenciação espacial não apenas como resultado das ações, mas também como a expressão de diferentes grupos sociais na cidade e meio para a sua existência. O próprio esforço de diferenciação é uma estratégia de afirmação e uma grande quantidade de Baixos e suas variedades surge a partir desse esforço.

Ao propor uma análise da diferenciação espacial de uma cena urbana, nesse caso de um espaço de sociabilidade noturna, o estudo rompe com a tradição geográfica dos estudos no tema que têm, historicamente, privilegiado escalas de análise mais abrangentes, sobretudo regionais. Trata-se aqui de uma microescala de análise, de um objeto cuja expressão numa cidade pode abranger um quarteirão, uma praça ou até mesmo apenas uma esquina. Nesse sentido, buscar explicações e mecanismos em elementos sociais, econômicos ou até mesmo físicos comuns à cidade não é o suficiente. É preciso explorar com maior atenção os contextos

e fatores locais, até mesmo em uma escala de uma zona, bairro ou rua da cidade. É justamente a partir daí que o trabalho ganha importância ao extrapolar seu tema principal e servir como uma forma de compreender o próprio Rio de Janeiro e seu espaço urbano através das décadas.

Da mesma forma em que buscaremos fornecer elementos para entender a vida social da cidade como um todo, ela própria, a cidade do Rio, nos fornecerá os recursos para compreender a diferenciação espacial dos Baixos. Assim, elementos como o bairro, sua situação, características e etc. serão considerados, bem como as características dos grupos frequentadores e dos atores que atuam ativamente e são centrais no curso dessa diferenciação.

3.3 Bairros, subcentros e subúrbios no Rio de Janeiro.

Em 1962, ao analisar a expansão urbana do Rio de Janeiro e o papel dos seus diferentes bairros para a metrópole, a geógrafa Maria Therezinha Segadas Soares defende a associação entre a cidade e o bairro nas análises urbanas. Segundo ela, “Cidade e bairro são, pois, uma coisa só: não se pode compreender uma cidade sem analisar os seus bairros, mas ao estudarmos um bairro temos sempre que ter em mente a cidade a que ele pertence” (BERNARDES & SOARES, 1990, p.120). Sessenta anos após a citação, os bairros continuam sendo elementos centrais na análise urbana da metrópole carioca do passado, presente e até mesmo futuro.

Ao longo deste trabalho, tratamos e trataremos ainda mais intensamente os bairros da cidade do Rio de Janeiro, bem como outras unidades urbanas, como suas zonas, centros, subcentros e subúrbios. Nesse sentido, torna-se importante situar esses elementos e contextualizá-los na história da cidade. Não se trata de um estudo ou de uma discussão aprofundada da evolução urbana do Rio de Janeiro. Tal missão foi realizada magistralmente por geógrafos como Maurício de Abreu, Lysia Bernardes e Maria Therezinha Segadas Soares, de forma primordial. Além disso, ao longo dos anos diversos trabalhos se dedicaram à análise do tema, seja para a cidade como um todo ou para parcelas específicas dela, como os bairros. Aqui, buscaremos apenas explicar um pouco melhor as categorias tratadas.

A cidade do Rio de Janeiro possui algumas formas de divisão territorial para fins de gestão do espaço urbano. Em uma escala maior, a cidade divide-se em quatro grandes zonas, que apesar de conterem um alto grau de heterogeneidade entre si, diferem-se uma das outras em termos de sítio urbano e processo social de formação.

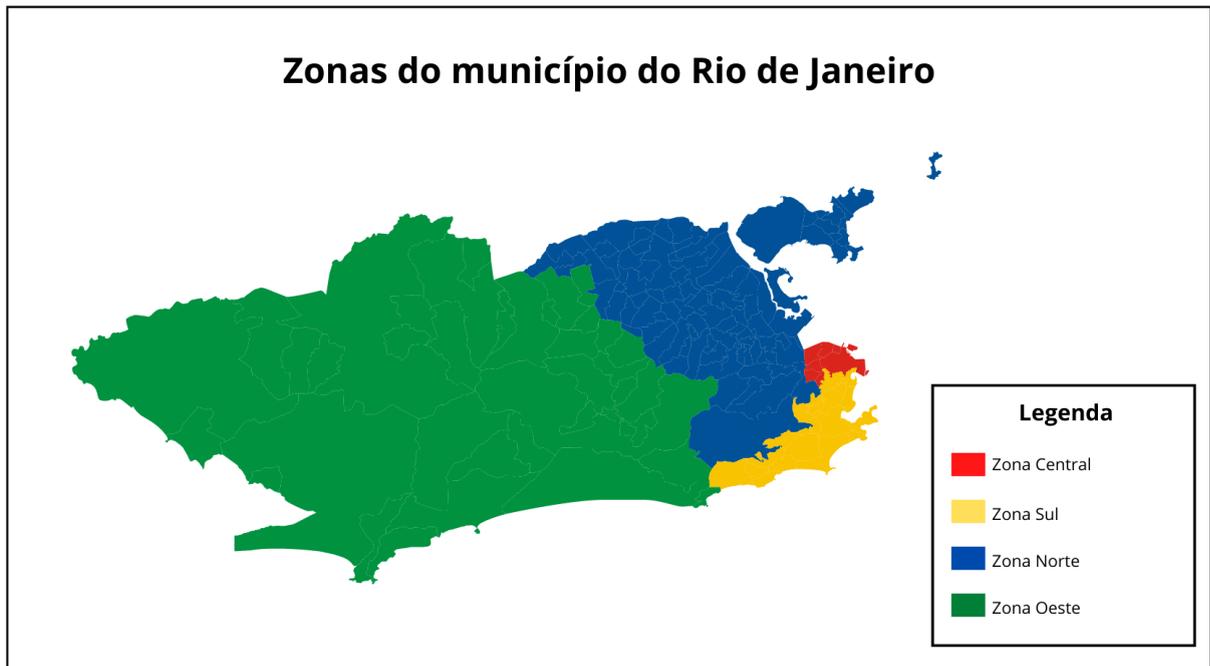


Figura 3: Zonas do município do Rio de Janeiro. Adaptado de Wikipedia.

A Zona Central representa o primeiro núcleo de ocupação urbana da cidade, sendo de gestão política, empresarial e de grande oferta de comércio varejista. A área residencial é baixa se comparada às demais zonas, ficando mais restrita aos bairros adjacentes ao Centro, como Saúde, Gamboa e Santa Teresa. É também um ponto de confluência da maior parte das linhas rodoviárias da cidade, dos ramais ferroviários e hidroviários e abriga o Porto do Rio. Com o processo de inchaço urbano vivido pela metrópole a partir da chegada da Família Real, em 1808, e a consolidação das linhas ferroviárias a partir de meados do Século XIX, ligando o Centro ao subúrbio, inicia-se um processo de forte ocupação do que hoje é a Zona Norte da cidade (Abreu, 2006). A área também recebe uma nova onda de ocupação com a abertura da Avenida Brasil, principal via de ligação entre o Centro e a Zona Oeste, cortando a Zona Norte.

De igual maneira, os bairros da Zona Sul servidos pelos bondes tiveram sua ocupação intensificada entre o final do Século XIX e início do Século XX, além da forte ocupação da orla marítima (Copacabana, Ipanema e Leblon) e da Lagoa Rodrigo de Freitas (Gávea, Jardim Botânico e Lagoa), fruto da valorização desses dois espaços, a partir da década de 1940. A Zona Sul se consolida como um espaço das elites ao longo do Século. Por fim, é a falta de disponibilidade de áreas na Zona Sul, que vivia um intenso processo de verticalização, a saturação da expansão urbana horizontal na Zona Norte e as limitações impostas pelo relevo

da cidade que levam a uma nova frente de expansão, dessa vez para a Zona Oeste. Por um lado, a Avenida Brasil representa um importante vetor de expansão em direção à Zona Oeste. Por outro, a linha férrea promoveu a integração desta zona às demais áreas da cidade. Por fim, a valorização da praia e da orla promoveu uma expansão da Zona Sul em direção à planície litorânea da Zona Oeste, hoje conhecida como Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes.

Apesar de compartilharem um processo de formação parecidos, a escala das Zonas limita a análise da evolução urbana, deixando de fora todo um universo de elementos representados pelas unidades que as formam: os bairros. Apesar de serem reconhecidos como recortes institucionais do poder municipal, a origem, a evolução e a vida dos bairros são populares e com alto grau de organicidade. Trata-se muito mais de um sentimento compartilhado de pertencimento associado a um espaço da cidade do que a um limite rígido instituído pelo poder público. Quando Pierre Monbeig diz que o bairro é portador de uma alma, é a esse sentimento que se refere. O bairro, portanto, mais que uma parcela do espaço urbano em si, é portador e ao mesmo tempo veiculador de um grupo na cidade, que se reconhece como seus habitantes (MONBEIG, 1962 apud BERNARDES & SOARES, 1990). A esse respeito, Soares comenta:

A noção de bairro é uma noção de origem popular, tirada de linguagem corrente. Para o habitante de uma cidade, o bairro constitui, no interior da mesma, um conjunto que tem sua própria originalidade. [...] A noção popular de bairro é muito mais geográfica, mais rica e mais concreta. Ela se baseia num sentimento coletivo dos habitantes, que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro. [...] é fruto da coexistência de uma série de elementos, que lhe dão uma originalidade, uma individualidade, em meio aos outros bairros que o cercam. (BERNARDES & SOARES, 1990, p.105-106)

O Rio de Janeiro, porém, adquire uma característica única ao se falar sobre bairros, segundo a autora. Três elementos coexistem e se articulam na conformação de um bairro: uma paisagem urbana específica, seu conteúdo social e o conjunto de funções nele desenvolvidas. Ao Rio, porém, soma-se um quarto fator de extrema importância: o sítio urbano. As formas de relevo desempenham um papel central na conformação, delimitação e na própria existência de bairros da cidade e, portanto, não devem ser dissociadas ao se analisar a evolução da urbe carioca.

Essa associação de elementos conferiu e ainda confere aos bairros diferentes perfis e níveis de importância na cidade. Com a expansão urbana em direção à Zona Norte e Sul da cidade e o aumento do caos na cidade fruto do inchaço urbano, se torna mais demorado e distante o acesso ao Centro da cidade e seus serviços. É justamente nesse contexto que surgem subcentros, isto é, bairros com uma importante e crescente oferta de serviços urbanos, geralmente no entroncamento de ramais de transportes públicos, que buscavam emular o grande Centro da cidade. “Cada vez mais o carioca foi procurando prover as suas necessidades em locais mais próximos de sua residência, onde havia condições para o surgimento de subcentros de serviços, por serem pontos de interseção dos transportes ou de passagem obrigatória.” (SOARES, 2011, p.148). Foram os casos dos bairros da Tijuca, Madureira e do Méier, para a Zona Norte, e Copacabana, Ipanema e Leblon, para a Zona Sul. Assim, localizados nos limites da zona de urbanização consolidada e do subúrbio, mais distantes do Centro, em processo de urbanização, os subcentros passam a atrair populações de ambos os lados, promovendo seu crescimento e relevância na cidade.

A partir dessas características, torna-se possível notar paralelos importantes entre os bairros e os Baixos em si. Em primeiro lugar, o perfil de uma iniciativa popular. A aglomeração de estabelecimentos é fruto de uma estratégia empresarial, é claro. Porém a unidade dada ao espaço, o nome e os apelidos pelos quais fica conhecido, o conjunto de condutas, práticas e significados desenvolvidos nos Baixos contam com um alto grau de organicidade. Tal como o bairro, o Baixo se trata de um espaço conformado e organizado pelos seus *habitués*, no mesmo sentido em que os habitantes conformam seus bairros.

Em segundo lugar, sendo o nome do Baixo muitas vezes associado ao seu bairro de localização, esses espaços de sociabilidade passam a ser inseridos em um estilo de vida típico e cotidiano desse local. Ele se torna uma parcela do bairro. Ao falarmos “Baixo Madureira”, por exemplo, não apenas *Baixo* carrega um conjunto de significados de boemia e vida noturna, como o *Madureira* evoca um imaginário do bairro e do seu estilo de vida. E, por fim, o mesmo peso que o sítio urbano representa na existência dos bairros cariocas, também representou para a própria existência dos Baixos. O termo Baixo nada mais é do que uma referência topográfica, como vimos, em oposição à parcela mais alta do bairro do Leblon, conhecido como Alto Leblon.

Como veremos a seguir, utilizamos como base de levantamento a lista oficial da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro como uma referência para os nomes de bairros. Apesar

disso, ao tratarmos os bairros neste trabalho, estaremos trabalhando com a ideia acima apresentada: a de uma unidade urbana conformada por um sentimento de pertencimento e coexistência social de seus habitantes. Assim, buscaremos compreender como diferentes bairros, zonas, centros, subcentros, subúrbios e demais elementos urbanos tiveram papel na difusão dos Baixos na cidade. A diferenciação espacial dos Baixos segue uma lógica que se torna inteligível quando tomamos essas unidades urbanas como base.

4 METODOLOGIA

Grande parte do interesse no objeto discutido neste trabalho e as reflexões aqui propostas são fruto de esforços que remontam há mais de quatro anos de pesquisa sobre os Baixos como espaços de sociabilidade noturna na cidade. Portanto, torna-se necessário discutir e esclarecer alguns aspectos metodológicos que, embora desenvolvidos em outras etapas dessa pesquisa, têm importância crucial no atual momento, sobretudo a constituição do extenso banco de dados, elemento central dessa pesquisa.

O primeiro passo executado foi um levantamento com o intuito da identificação e registro da existência de Baixos na cidade. A observação realizada no Baixo Méier, narrada na introdução deste trabalho, trouxe à memória a recordação da existência de outros espaços como aquele, outros espaços de sociabilidade noturna conhecidos como “Baixos” e acompanhados pelo nome do seu bairro de localização e identificá-los constituía um importante primeiro passo ao desenvolvimento do estudo. O procedimento de levantamento consistiu em pesquisas online em diversos mecanismos de busca, a partir da palavra-chave “Baixo + *Nome do bairro*”, tendo como base uma lista oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro¹³ contendo o nome dos bairros e sub-bairros oficiais do município do Rio de Janeiro, como uma referência para os nomes. Foram pesquisadas, portanto, todas as possibilidades de existência de Baixos associados à toponímia de qualquer um dos bairros e sub-bairros da cidade, de forma que, se por um lado diversos resultados foram nulos, indicando a inexistência do possível Baixo pesquisado, por outro foi possível identificar e levantar um número amplamente expressivo da ocorrência de Baixos na cidade, em torno de 69.

As fontes escolhidas para esse primeiro levantamento consistiram em acervos digitais de jornais de grande circulação histórica na cidade – o Jornal O Globo e o Jornal do Brasil –,

¹³ Disponível em: www.rio.rj.gov.br/dlstatic/ListadeBairroseAPs_Mapa

as redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, além de resultados obtidos a partir de pesquisas pela ferramenta *Google*, direcionando os resultados para sites de viagem, turismo, gastronomia e lazer na cidade, que identificaram nos Baixos objeto de interesse para suas pautas pelo seu papel na vida social carioca. A escolha dos acervos digitais dos referidos jornais se deu pela sua importância histórica na divulgação e veiculação de notícias sobre a vida social na cidade e pela amplitude temporal oferecida por tais acervos, possibilitando pesquisas sobre conteúdos de décadas atrás. Já as redes sociais foram consideradas por serem veículos de intensa publicização da vida social dos seus usuários por parte deles próprios, prática que engloba a divulgação e a visibilidade de diversos espaços de sociabilidade na cidade, como os Baixos, por parte dos seus frequentadores.

Além da própria verificação da existência dos Baixos, também foram registrados seus endereços, que, muitas vezes representados de maneira imprecisa, passaram por um processo de validação a partir da ferramenta Google Earth/Street View. A ocorrência dos Baixos e sua localização foram registradas em uma tabela, com as categorias “Baixo” e “Localização”, constituindo o primeiro banco de dados elaborado na pesquisa.

Com a obtenção das informações primárias de existência e localização desses espaços, foi iniciado o processo de levantamento de conteúdos sobre cada um dos Baixos encontrados, constituindo o grande banco de dados e informações com os diversos conteúdos sobre os Baixos. As fontes escolhidas para tal, mais uma vez, foram os acervos digitais dos jornais O Globo e o Jornal do Brasil e as redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Cada um desses veículos possui mecanismos de busca onde as pesquisas pelas palavras-chave desejadas exibem conteúdos associados ao termo inserido, isto é, em que eles foram mencionados. Pesquisando “Baixo Gávea”, por exemplo, a pesquisa tem como retorno o conjunto de conteúdos que foram publicados, nos jornais ou nas redes sociais, em que o termo “Baixo Gávea” foi mencionado. Além disso, as redes sociais possuem a funcionalidade extra dos *check-ins*, quando uma pessoa georreferencia os conteúdos postados (ou a si mesma) em determinado ponto do espaço. Nesse caso, publicações associadas à localização “Baixo Gávea” também são exibidas. Tendo como base o primeiro banco de dados produzido, foram repetidas as pesquisas a partir das palavras-chave “Baixo + Nome do bairro”, dessa vez com os Baixos encontrados no levantamento anterior, obtendo-se uma variedade de resultados. Neste momento, a diferença de natureza entre as duas fontes gerou uma divergência de procedimentos adotados, que se tornaram mais específicos de acordo com o tipo de material analisado, ainda que a lógica geral permanecesse a mesma: a) a pesquisa pelo conteúdo; b) o

armazenamento do conteúdo em um banco de dados; c) o registro dos metadados referentes ao conteúdo em uma tabela. Os arquivos gerados foram salvos em um banco de dados estruturado no computador, de acordo com o Baixo pesquisado e o acervo de origem, sendo nomeados de maneira cronológica. Ou seja, o próprio armazenamento de dados buscou preservar sua organização no *tempo* e no *espaço*. O procedimento foi adotado para conteúdos hemerográficos e originados em redes sociais, com pequenas adaptações referentes à natureza da fonte.

Com a consolidação do banco de dados sobre os Baixos e ao longo da extensa prática de levantamento de conteúdos foi possível notar alguns aspectos importantes ao desenvolvimento metodológico da pesquisa. Em primeiro lugar, ao longo da leitura dos conteúdos levantados foi possível registrar a ocorrência de outros Baixos na cidade, não encontrados no levantamento prévio realizado. A razão disso se dá pelo fato de que esses novos Baixos encontrados não seguiam o padrão de nomeação “Baixo + *Nome do Bairro*”, como pressuposto na prática do primeiro levantamento, mas eram atrelados a outros tipos de toponímias e nomeações, como o Baixo Tiradentes, referente à Praça Tiradentes, no Centro do Rio de Janeiro, o Baixo Araguaia, referente à Rua Araguaia, no bairro da Freguesia de Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade, ou até mesmo uma referência identitária, no caso do Baixo Gay, localizado no bairro de Botafogo. Esses Baixos eram frequentemente noticiados como uma comparação a algum Baixo mais famoso e consolidado, evocando-se um imaginário boêmio da vida noturna que se desejava atrelar ao Baixo noticiado e por isso foi possível fazer a identificação desses novos espaços. Se a comparação era feita com o Baixo Leblon, por exemplo, possuindo uma menção a ele na matéria, esses novos Baixos apareciam nos conteúdos referentes ao Baixo Leblon, sendo possível realizar o seu registro. Além disso, os mecanismos de busca das próprias fontes foram aperfeiçoados com o tempo, com novas funcionalidades que proporcionaram uma pesquisa mais completa. Ao fim desse novo levantamento, o número de Baixos cresce significativamente— estabelecendo-se um total de 106 Baixos registrados na cidade entre 1976, data do primeiro registro e o momento do levantamento - no início de 2020¹⁴.

O ano de 2019 foi escolhido como recorte final de análise por dois motivos. Em primeiro lugar, ele foi o último ano completo que precedeu o momento do levantamento de dados realizado. Junto a isso, a pandemia global da COVID-19, iniciada nos primeiros meses

¹⁴ É possível, contudo, que existam Baixos na cidade que não foram registrados neste levantamento em razão da fonte de pesquisa adotada.

de 2020, provocou um conjunto de medidas de restrição e distanciamento social no Rio de Janeiro a partir de março. Entre os setores afetados, a vida noturna e os espaços de sociabilidade na noite carioca sofreram uma profunda mudança. Entre espaços vazios e fechados e um retorno gradual das atividades, os cenários observados na noite foram transformados, para o atendimento dos protocolos de segurança solicitados. O último momento de normalidade dos cenários e da vida noturna foi, portanto, 2019. Por isso, o recorte adotado compreende os anos de 1976, com o primeiro registro de um Baixo, e 2019.

4.1 Entre os jornais e a rede: as notícias e os posts como fonte de pesquisa

Outro elemento metodológico notado ao longo do levantamento diz respeito às diferenças entre as fontes adotadas. Suas especificidades guardadas não estão apenas nos tipos de conteúdos obtidos, sendo as redes sociais privilegiadas para a obtenção de imagens enquanto os jornais possibilitam uma abordagem histórica mais bem definida pela sua amplitude temporal, mas nota-se também profundas particularidades e semelhanças na relação dos autores produtores dessas representações, enquanto jornalistas ou usuários de redes sociais, e seu objeto de representação. Isso gera a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre a própria natureza dessas fontes e seu contexto em relação aos Baixos.

A natureza e o uso das notícias como uma forma de conhecimento foram discutidos pelo sociólogo Robert E. Park, em *Notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento* (1976). O autor entende as notícias como uma forma de conhecimento, não sistemático e organizado, sendo distinto da História apesar de também ter em sua base a representação de eventos. A particularidade das notícias se dá pela sua fixidez no tempo e no espaço: os eventos tratados em suas páginas são únicos e isolados entre si. As notícias são independentes em relação às outras e fornecem relatos isolados na forma de pequenas comunicações, pequenas narrativas como limites restritos e bem situados, cujo interesse não vai além do momento e do local em que o evento está ocorrendo. São essas características, segundo Park, que irão diferenciar as notícias da História. Com seu caráter único e independente, elas não estabelecem conexões com outros eventos e conseqüentemente não se interessam por outros espaços e outros tempos, passado ou futuro, a menos que esses sejam invocados para explicar o evento presente e cumprir seu objetivo. Isso ajuda a entender como, ao contrário da História, a notícia possui um caráter efêmero e de pouca duração: sem

buscar estabelecer conexões e articulações entre eventos, a notícia se torna um produto perecível, facilmente esquecível (Park, 1976, p.173-175).

Outro aspecto importante das notícias é o seu papel enquanto formas de representação do mundo. Mais do que registros de fatos e eventos isolados, sem compromissos com nada além do que está contido naquele contexto que se deseja reportar, as notícias proporcionam ao seu público uma importante forma de conhecer o mundo e entrar em contato com a realidade a partir de representações. É claro, porém, que tais formas de representação são condicionadas pela natureza do seu veículo. Seguindo as reflexões de Park (1976), as notícias enquanto eventos são registros isolados e independentes, focadas em um recorte específico e interessadas apenas no espaço a qual a ação retratada se desenvolve durante a duração desse evento. Além disso, por seu caráter efêmero, as notícias enquanto eventos são esquecidas ao deixarem de ser um fato. Por outro lado, enquanto formas de representação, possuem grande importância por preservar os elementos representados ao longo do tempo. Ou seja, os fatos sobrevivem enquanto memória nas representações, resgatados pelo interesse humano da vida, da sociedade e da natureza contido nelas (Park, 1976, p.180). Enquanto representações do mundo, elas são veículos de preservação de memórias sobre fatos de outrora e formas de acesso a tempos e espaços do passado que se deseja investigar.

Por fim, Park aponta a capacidade das notícias em criar uma esfera pública de discussões, possuindo uma estreita relação com o público leitor e capacidade de condução no desenvolvimento de seus debates públicos. A reação natural e imediata à recepção da notícia é a sua repercussão. As notícias fazem o povo falar, comentar e debater seus temas, gerando uma repetição de seu conteúdo e criando assim uma esfera pública de discussão, onde a opinião pública irá se manifestar acerca dos conteúdos ali expostos (1976, p.176). Além disso, ela tem um forte poder sobre os grupos sociais aos quais ela se dirige e atinge. Suas formas de representação funcionam como veículos de uma agitação social, uma tensão permanente, como um estado de espírito, ao transmitirem um conjunto de valores e orientando uma série de práticas que se tornam elementos de unidade e coesão social àquele grupo (Park, 1976, p.181 e 182).

As notícias trabalhadas neste trabalho se apresentam em múltiplos formatos e variados tipos, entre matérias, reportagens, colunas, crônicas, notas, editoriais, entre outras formas. Apesar disso, todas contêm em seu conteúdo importantes representações, em maior ou menor grau, dos Baixos. Entretanto, é possível notar que os cadernos sociais e culturais, no caso o

Segundo Caderno do Jornal O Globo e o *Caderno B* do Jornal do Brasil, são espaços privilegiados a essas representações, sobretudo nas colunas sociais. As primeiras décadas em que ocorre a expansão dos Baixos na cidade compreende um momento em que a mídia, e principalmente a mídia impressa, era um veículo de suma importância na divulgação da vida social na cidade. Os sites de redes sociais ainda não existiam e a divulgação social e cultural na televisão não possuía o mesmo espaço que recebia nas páginas dos jornais, ainda mais considerando-se que o momento de consolidação dos Baixos e os primeiros anos de sua expansão se dão enquanto o Brasil ainda vivia sob um regime militar (até 1985) e o fato dos Baixos serem considerados espaços de grande desvio e transgressão às normas morais da época.

Nota-se também que os autores dessas notícias, destacando-se os colunistas sociais, por vezes são eles próprios “personagens” dos Baixos, atores dos seus cenários e frequentadores inseridos nos ritos de sociabilidade ali realizados. Com isso torna-se necessário tomar cuidados em relação às formas de representação feitas por eles. O discurso jornalístico enquanto uma narrativa objetiva de fatos é posta em cheque e é importante ter-se em mente que as representações são munidas de subjetividade e que o conjunto de fatos veiculados são impressões, opiniões e pontos de vista com base na experiência do observador jornalista e, por isso, devem ser analisados com atenção.

Da mesma forma, os conteúdos oriundos de redes sociais também se apresentam como representações únicas, narrativas isoladas entre si e de caráter efêmero após sua realização. Desde os primeiros anos da década de 2000 e, principalmente, ao longo da década de 2010, publicações em sites de redes sociais, também chamadas de *posts* (postagens), têm ganhado extrema importância como elementos de representação da vida cotidiana de seus usuários. As plataformas aqui utilizadas como fonte, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, se baseiam em uma estrutura de múltiplos perfis, onde usuários publicam, produzem e consomem em seus *feeds* diversos conteúdos com sua lista de contatos, adicionada de acordo com os relacionamentos dos usuários na esfera pessoal e/ou virtual. Tais conteúdos compreendem publicações no formato textual e/ou imagético, entre fotos e vídeos¹⁵ e a partir da rede social estabelecida por cada usuário em relação a seus contatos, a publicação de conteúdos corresponde, antes de tudo, à sua publicização. Com o avanço do seu uso, as redes sociais virtuais se tornaram

¹⁵ O Instagram, especificamente, necessita da publicação de um conteúdo imagético para que se poste algo escrito. Nos outros dois sites, porém, as publicações em formato escrito ou imagético podem ser independentes entre si.

espaços cada vez mais privilegiados à divulgação da vida social de seus usuários por parte deles próprios, que fazem *posts* representando, por exemplo, os locais que frequentam e seu conjunto de práticas e costumes neles.

Ocorre uma massificação na produção de representações da vida social dos usuários, através da publicação de textos, fotos, vídeos, *check-ins* e outras formas e tipos de conteúdos que expõem a sua rede de contatos micronarrativas sobre sua vida social. Trata-se de representações múltiplas e diversas de diferentes espaços e, mesmo quando em um mesmo local, estão submetidas à perspectiva de diferentes pessoas e a diferentes pontos de vista sob uma mesma cena. Assim, a exemplo das notícias, é de suma importância que a consideração sobre a subjetividade na produção dessas representações seja um elemento de atenção na prática analítica e que os conteúdos representados tão assertivamente como fatos sejam examinados cuidadosamente.

Apesar destas ressalvas, ambas as fontes oferecem um valor inestimável à realização da análise aqui proposta, além dos pontos já defendidos anteriormente. Guardadas suas evidentes diferenças em termos de formatos, contextos, épocas e modos de produção, é possível observar um conjunto de semelhanças que dão unidade e justificam seu uso. Em primeiro lugar, ambas são formas de resgate da memória. Mesmo que sejam conteúdos efêmeros e narrativas individuais sobre eventos específicos, notícias e *posts* se tornam passíveis de resgate a partir da prática de levantamento de seu conteúdo e representações. Ademais, aceitando-se a afirmativa de Park de que cada notícia, enquanto representações isoladas possui seu espaço-tempo específico e estendendo-se essa afirmação aos conteúdos das redes sociais é possível entender que o método aqui proposto ajuda a vencer essa barreira. O tratamento e a organização desses conteúdos, a princípio isolados, a partir de uma categorização que os agrupe de acordo com o seu local de ocorrência, no caso o Baixo analisado, e em ordem cronológica, ajuda a criar um conjunto organizado de elementos e narrativas sobre aquele mesmo lugar em diferentes momentos. A partir da sua complementaridade torna-se possível realizar um esforço de reconstrução, acesso e descrição de espaços do passado.

Buscamos orientar a análise desses conteúdos seguindo algumas etapas de investigação que, embora realizadas separadamente, serão complementares ao desenvolvimento da dissertação e da discussão proposta. Em primeiro lugar, procuramos nas matérias de jornais e nas publicações das redes sociais informações base e elementos que

darão forma à organização espaço-temporal dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro, como o próprio registro da existência dos Baixos, sua localização na cidade, sua área de atuação e sua delimitação na escala do bairro em que está localizado, além do conjunto de estabelecimentos que o compõem e informações importantes sobre a sua história (também acessíveis em fontes externas, como os sites dos próprios estabelecimentos). Registramos também informações como o ano de surgimento dos Baixos, isto é, o momento em que ele foi mencionado pela primeira vez nas fontes analisadas e o seu “período de atividade”, correspondendo ao intervalo de tempo em que cada um dos Baixos foi representado.

Esse conjunto de informações foi igualmente armazenado em um banco de dados na forma de uma tabela e em formato escrito, seguindo as categorias explicitadas para cada tipo de informação e organizados de acordo com os Baixos correspondentes. Além disso, a partir desses dados serão produzidos conteúdos gráficos como mapas, esquemas, gráficos e tabelas que darão base à compreensão da organização espaço-temporal dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro através de sua análise, também embasados pelo conjunto de narrativas contidas ao longo dos conteúdos analisados.

Em segundo lugar, com o intuito de operacionalizar descrições dos cenários dos Baixos e analisar sua composição e transformações sofridas por seus elementos ao longo do processo, foram registradas todas as menções e representações das categorias de cenário (Gomes, 2013) adotadas para a consideração no presente trabalho, tendo como fonte os textos, fotos e vídeos analisados. Vimos anteriormente que os cenários são compostos por três dimensões: morfologias, comportamentos e significados, as quais serão utilizadas como categorias de análise dos cenários que buscaremos descrever. A análise inicial do Baixo Leblon, porém, revelou a importância de se acrescentar duas novas categorias para a análise das cenas que se apresentavam.

Em primeiro lugar, notamos que a dimensão física dos Baixos apresentava elementos de diferentes naturezas e formas de uso. Elementos que, apesar de físicos, representavam diferentes papéis nas cenas analisadas. A esfera material dos cenários se dividia em duas partes: uma constituindo a própria base física das ações, entre estruturas, edificações e mobiliário urbano e de caráter mais fixo; e outra com um conjunto de objetos e itens de menor porte e maior mobilidade, não mais a base das condutas. Tomando emprestada as analogias cênicas do teatro, enquanto o primeiro representa o palco, seus limites e marcações, e os conjuntos de itens de sua cenografia, os segundos são seus adereços, objetos cênicos. A esses

dois tipos de materialidade nos cenários chamaremos de *Morfologias* e *Objetos*, respectivamente.

Além da adição da categoria de *Objetos*, a análise do Baixo Leblon suscitou a importância de se considerar quem e quais são os frequentadores dos Baixos. Essa pergunta foi de suma importância para se compreender a consolidação do Baixo Leblon no imaginário social carioca e sua posterior expansão, como veremos à frente. O público, seu perfil e suas diferentes características importam em grande medida e sua consideração nos ajuda a entender um pouco mais sobre o contexto de criação dos diferentes Baixos, suas formas de estruturação e a composição de seus cenários. Nesse sentido, adota-se a categoria *Público* para a análise realizada.

Morfologias, objetos, comportamentos, significados e público. Sendo a descrição geográfica a prática do registro de elementos observados no espaço e das relações espaciais estabelecidas entre eles a partir da análise da sua localização e posição no espaço, isto é, os elementos espaciais em seu aspecto relacional, buscaremos explicitar como se dá a interação espacial dessas cinco categorias e como sua relação conforma a existência de um cenário de sociabilidade noturna que corresponde ao Baixo. A exemplo dos demais procedimentos, os registros foram armazenados em formato textual em uma tabela, a partir das respectivas categorias de análise e agrupadas conforme o Baixo a que pertencem.

4.2 As classes e categorias de Baixos: uma proposta de classificação

A prática de descrição dos Baixos revelou a existência de uma grande multiplicidade dos seus cenários na cidade. Ao longo do tempo e em diferentes espaços, morfologias, objetos, comportamentos, públicos e significados se diversificaram, ora parcialmente, ora de maneira mais intensa. A ideia de *Baixo*, apesar de consolidada no imaginário social carioca, ganhava contornos mais elásticos. Os cenários consolidados no início da década de 1980 não permaneceram intocados, de forma que nessa trajetória de mais de 40 anos novos elementos foram agrupados a ele. Nosso objetivo aqui é compreender como essas transformações ocorrem, tendo *espaço* e *tempo* como elementos norteadores dessa análise.

Buscaremos analisar a lógica e os padrões de distribuição espaço-temporal dos diferentes cenários dos Baixos. Diante de um universo de 106 Baixos, múltiplos entre si,

adotou-se um procedimento para dar maior inteligibilidade a essa diferença e apresentá-la de maneira mais organizada à análise: a classificação.

O uso das classificações tem sido uma das principais etapas do procedimento científico em diversas áreas do conhecimento (Grigg, 1973, p.5). Na Geografia, seu uso tem sido profundamente associado à temática da região e procedimento de regionalização¹⁶. A regionalização seria uma forma de classificação espacial, um método de agrupamento de objetos a partir de critérios específicos e delimitando uma classe no espaço, isto é, uma região, que se distingue do todo ao seu redor (idem, 1973, p.19-21).

Apesar da relação histórica na ciência geográfica entre classes e regiões, não é o objeto deste trabalho propor uma forma de regionalização dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro. Antes, temos como objetivo a classificação desses espaços como uma forma de tornar inteligível sua grande diversidade de cenários e, assim, buscar padrões e lógicas na sua expansão pela cidade no tempo e no espaço.

Classificar os Baixos, portanto, significa agrupá-los em diferentes classes, de acordo com um critério pré-estabelecido. Para Peter Gould,

“The purpose of classification is to give order to the thing we experience. We classify things so that we may learn more about them. [...] A prime aim of classification is to enable inductive generalizations to be made about the objects under study”. (Gould, 1971, p.149-151).¹⁷

Assim, em primeiro lugar, esperamos “dar ordem” a esse conjunto de elementos e tornar compreensível suas diferenças, permitindo um melhor entendimento das suas transformações. Além disso, ao dividi-los em classes, poderemos compreender como tempo e espaço são elementos importantes para o entendimento desse conjunto de variações e seus padrões, não de caso em caso, em cada um dos 106 Baixos, mas a partir de suas diferentes categorias e classes. Trata-se de uma forma de criar ordem em meio a um universo caótico de diversos indivíduos (Baixos), cuja análise individual pouco revelaria sobre o que se pretende discutir. Para tal, o banco de dados constituído com os elementos dos cenários dos Baixos e

¹⁶ Ver Grigg (1973), Hall (1935) e Abler, Adams & Gould (1972).

¹⁷ “O objetivo da classificação é dar ordem à coisa que experimentamos. Classificamos as coisas para que possamos aprender mais sobre elas. Um objetivo primordial da classificação é permitir que generalizações indutivas sejam feitas sobre os objetos em estudo”. (tradução livre)

sua descrição foi trabalhado e organizado, para o seu agrupamento em diferentes categorias e classes. A esse respeito, a Enciclopédia da Internet de Filosofia¹⁸ diz que:

But, the real world has no reason to present itself as a hierarchical classification. In the real world, we have generally to deal with quite chaotic entities, complicated fuzzy classes and poor structured objects, all that form what we can call ‘rough data’. So when we want to get a clear order, we have to construct it, such that it is extracted from the complicated data. For that, we have to compare objects, to know the degree to which they are similar, and to do so, we need of course a notion of ‘similarity’. In order to make empirical classifications we must evaluate the similarities or dissimilarities between elements to be classified.

(Internet Encyclopedia of Philosophy)¹⁹

Foram inúmeras as possibilidades de classificação dos cenários descritos e analisados, ao passo em que a vida nos Baixos se desenvolve a partir de uma ampla riqueza de detalhes, de diferentes naturezas. Apesar disso, algumas limitações se impuseram e impediram a análise de algumas categorias em potencial, quase sempre associadas às fontes de análise. Trabalhar com a Geografia Histórica e o resgate de espaços do passado implica em alguns problemas, ao passo em que as fontes ao dispor da pesquisa nunca irão representar a totalidade do fenômeno analisado, ainda que integradas. Nesse sentido, os métodos de pesquisa devem ser construídos e aplicados de forma a lidar com essas limitações.

Como dito, as portas de entrada para a classificação dos Baixos são múltiplas. Poderíamos analisar o tamanho da sua área de abrangência, a ocupação dos espaços públicos, padrões espaço-temporais de frequência, perfil do público frequentador, entre outras características. Tais elementos, porém, apesar de observados e acessíveis para Baixos mais consolidados e tradicionais da cidade, são inacessíveis para a grande maioria deles. As fontes disponíveis, a depender da época e do contexto, abordam um Baixo de maneira mais geral, sem se aprofundar nos elementos acima citados. Seriam informações disponíveis e aptas à

¹⁸Internet Encyclopedia of Philosophy, disponível em: <https://iep.utm.edu/>

¹⁹ “Mas, o mundo real não tem motivos para se apresentar como uma classificação hierárquica. No mundo real, geralmente temos que lidar com entidades bastante caóticas, classes difusas complicadas e objetos mal estruturados, tudo isso forma o que podemos chamar de “dados brutos”. Então, quando queremos obter uma ordem clara, temos que construí-la, de modo que ela seja extraída dos dados complicados. Para isso, temos que comparar objetos, saber até que ponto eles são semelhantes e, para isso, precisamos, é claro, de uma noção de ‘semelhança’. Para fazer classificações empíricas devemos avaliar as semelhanças ou diferenças entre os elementos a serem classificados.” (tradução livre)

classificação de uma pequena parcela dos Baixos, inviabilizando uma visão universal do processo.

Os métodos aplicados buscaram encontrar elementos universais às fontes, ou seja, acessíveis em todas elas e, ao mesmo tempo, que fossem essenciais à compreensão da transformação e da diferenciação espacial dos Baixos ao longo dos anos na cidade do Rio de Janeiro. Com a realização da descrição dos cenários e sua organização em um banco de dados, conforme descrito anteriormente, foram escolhidas cinco categorias para o desenvolvimento da análise. Sua definição não apenas segue os parâmetros buscados pelo método acima citado, como também veio a partir da observação do conjunto de Baixos e dos principais tipos de transformações observados ao longo das décadas, as quais viraram as classes em questão. São elas: o tipo de nomenclatura dos Baixos, a quantidade de estabelecimentos, a variedade de atividades, o tipo da forma construída dos estabelecimentos e o seu grau de fixação.

4.2.1 A nomenclatura dos Baixos

Ao analisarmos os bairros, suas concepções e as especificidades cariocas no item anterior, vimos que essa unidade fundamental da cidade é portadora de um sentimento de pertencimento compartilhado, uma forma de afirmação de um grupo na cidade, que se identifica como habitante daquela porção do território municipal. Os Baixos, em certa medida, replicam essa ideia em uma microescala. Enquanto espaços de sociabilidade noturna, passam a ser identificados com o local ao qual eles pertencem e o conjunto de características a ele atribuídos.

Porém, mais do que isso, os Baixos funcionam como símbolos e passam a expressar diversos significados associados ao grupo (ou grupos) que os frequentam. Apesar de serem conformados muitas vezes por uma iniciativa empresarial de aglomeração de estabelecimentos, a unidade do local em torno da ideia de um “Baixo” surge a partir dos seus frequentadores, que passam a denominar o local como Baixo e utilizá-lo como tal. É nesse sentido que a sua nomenclatura, mais do que um referente espacial, funciona como um portador de símbolos e identidades.

Os tipos de nomenclatura são compostas por dois referentes: o termo “Baixo”, comum a todos, cujo sentido original era a altimetria local, acompanhado de uma referência à característica central daquele espaço. Na maior parte dos casos, essa característica se trata de

um referente locacional, isto é, indica a localização daquele Baixo. Em sua grande maioria, a referência é feita na escala do bairro. O Baixo seria uma parcela da unidade do bairro, marcada pela boemia e atividades noturnas. Com a consolidação da ideia de “Baixo” na cidade, porém, a escala da representação dos Baixos se aprofunda, passando a haver referências locais a ruas, praças e até mesmo condomínios, por exemplo. Tal mudança por si só já indica uma flexibilização na ideia de um “Baixo” e na composição de seus cenários, como veremos.

Junto a isso, surge uma nova forma de referência aos Baixos: a incorporação do público frequentador ao seu nome. Grupos sociais que passam a conformar certos espaços de sociabilidade na cidade passam a denomina-los de “Baixo” junto à sua identificação. O maior exemplo é o Baixo Gay, como veremos mais adiante.

A variedade de nomenclaturas analisadas neste subcapítulo será agrupada em três classes. As referências espaciais/locacionais serão divididas entre as classes “Bairros”, para toponímias de bairros, e “Local” para referências mais específicas, como ruas, praças e outras formas de menções a espaços. Já a classe “Grupo” será utilizada para designar Baixos cuja toponímia faz referência aos grupos, tribos e atividades que os marcam. Analisar os padrões espaço-temporais dessas mudanças, tal como dos outros tipos analisados, ajuda a entender os diferentes momentos de transformação e elasticidade da ideia de “Baixo”, bem como as diferenças daí advindas na composição de seus cenários.

4.2.2 A quantidade de estabelecimentos e sua variedade de atividades

Dissemos anteriormente que dois elementos centrais caracterizam um Baixo: a concentração de estabelecimentos, como bares e restaurantes, em um mesmo local, e a ocupação dos espaços públicos adjacentes a eles por parte de seus frequentadores. Além disso, vimos que o Baixo guarda uma forte relação com o entorno do qual faz parte e do grupo que o compõe, sendo uma parte importante da vida social, nesse caso noturna, dessas unidades representadas.

São características que se transformam e se adaptam ao longo da difusão dos Baixos. Dentre essas mudanças, talvez a que representa uma forma de diferenciação espacial mais marcante em relação às configurações tradicionais de um Baixo é a quantidade de estabelecimentos. Sendo um espaço, dentre outras coisas, de concentração de

estabelecimentos, encontrar Baixos com apenas um estabelecimento representa um grande desvio das formas usuais.

Assim, importa compreender a lógica do surgimento desses diferentes tipos de Baixos: onde e quanto são mais comuns Baixos de vários estabelecimentos e, ainda mais importante, os de estabelecimento único. Importa também entender o que possibilita a existência de um Baixo com apenas um estabelecimento, isto é, se o seu surgimento é semelhante ao surgimento de outros tipos, se ele emula características encontradas em diversos estabelecimentos e como se relaciona com o seu entorno. A quantidade de estabelecimentos é incorporada a esta análise como uma forma de classificação dos Baixos composta por duas classes: “Múltiplos”, em caso de Baixos com mais de um estabelecimento e “Único”, para Baixos com um único estabelecimento.

À quantidade de estabelecimentos associa-se também o grau de variedade de atividades que um Baixo proporciona. Grande parte do atrativo de um espaço de sociabilidade noturna é o universo de possibilidades que ele proporciona ao seu frequentador, seja na ordem social, nas experiências vividas e nos diferentes serviços e produtos disponíveis. Ao surgir na noite carioca, o Baixo Leblon proporcionou essa experiência, com seus frequentadores circulando de bar em bar ao longo da noite. Os Baixos surgem também como uma estratégia por parte dos seus empresários, de forma que a grande oferta de serviços no mesmo local servia como impulsionador da sua centralidade, seus usos e sua frequência na cidade.

Essa oferta de serviços, porém, não é homogênea. Ela varia ao passo em que os Baixos se difundem na cidade, nem sempre estando associadas à quantidade de estabelecimentos no local. Apesar da estreita relação entre as duas, há exceções importantes a serem observadas. Vimos também que tal variação segue, mais uma vez, uma lógica espaço-temporal significativa, essencial para compreendermos ainda mais os padrões de difusão dos Baixos na cidade.

A análise dos cenários dos Baixos levou a criação de três classes para a sua classificação de acordo com a sua variedade de atividades e serviços. Os três graus, divididos entre “Grau baixo”, “Grau médio” e “Grau alto”, indicam uma conjunção de fatores e elementos que se articulam nos cenários dos Baixos e se relacionam com outras formas de classificação aqui propostas. O grau baixo diz respeito a uma oferta reduzida e restrita de produtos gastronômicos e etílicos, geralmente típicos de bares e botequins, sem grande variedade de tipos. O grau médio compreende à oferta de serviços e produtos ainda de ordem gastronômica e etílica, porém com uma variedade ampliada, como a presença de bares e restaurantes especializados em um tipo de perfil específico e afins, como hamburguerias,

comida japonesa e afins. Por fim, os Baixos de grau alto apresentam não apenas uma ampla variedade gastronômica, como também atividades de outros gêneros, sejam eles culturais, comerciais e até mesmo esportivas.

4.2.3 A forma construída e a fixação de Baixos no espaço

As duas últimas categorias discutidas também guardam entre si uma forte relação de dependência. As possibilidades de mobilidade ou fixação de um Baixo no espaço da cidade derivam diretamente da sua forma, isto é, dos tipos de construção, seu material e seu modo de ocupação do espaço. Soma-se a isso o fato de que, tal como as outras classes propostas para a análise, a variação desses tipos indica importantes pontos de análise da trajetória dos Baixos e sua difusão, sobretudo na discussão da diferenciação espacial dela advinda.

Tradicionalmente, os Baixos são compostos por um conjunto de estabelecimentos de alvenaria, ocupando quarteirões de lotes de bairros. Dessa forma, se projetam para a rua, expandindo suas atividades para o espaço público e gerando sua intensa ocupação. Com o tempo, porém, a ideia de Baixo se torna mais elástica, passando a comportar uma maior variedade de formas associadas a si. Construções de alumínio, como estruturas de barracas armadas, *trailers* e *food-trucks*, além de barracas armadas de plástico, passam a compor o cenário dos Baixos. As novas formas se apresentam no espaço tanto de maneira “pura”, isto é, como o único tipo em um local, ou de maneira mista, em uma associação de diferentes tipos de formas em um mesmo espaço.

A esse respeito, é importante notar que os “pré-requisitos” para a existência dos Baixos se tornam mais flexíveis. A necessidade de concentração de estabelecimentos consolidados, como bares e restaurantes, é substituída pela ideia mais ampla de um serviço de ponto fixo que sirva de espaço de encontro à noite. Insistimos, mais uma vez, que a geografia dessa diferenciação, isto é, os padrões locacionais e temporais do surgimento dessas novas formas é de suma importância na compreensão da difusão dos Baixos, sua evolução e da sua inserção no tecido urbano e social da cidade do Rio de Janeiro.

O tipo da forma é essencial também para a mobilidade dos Baixos no espaço. Mais uma vez, a forma dominante da alvenaria traz como padrão Baixos fixos no espaço, sem possibilidade de mobilidade. Porém, com o surgimento de estruturas de ferro, alumínio e plástico, por exemplo, o cenário dos Baixos se tornam mais suscetíveis a mudanças no que diz

respeito à sua mobilidade. Torna-se possível instalar essas novas estruturas em diferentes pontos do seu espaço, a depender das situações, além de guardarem novos tipos de relação com o entorno, se comparados à alvenaria. Afinal, muitas dessas novas formas, móveis, ao fim dos ritos de sociabilidade na noite estão aptos a “voltarem para casa”, isto é, retornarem ao seu local de armazenamento/estacionamento, retornando ao Baixo apenas quando o cenário da sociabilidade noturna for novamente montado. De forma oposta, os bares e restaurantes de alvenaria ali continuam, 24 horas por dia, 7 dias por semana, apesar de fechados fora do seu horário de funcionamento.

Novamente, compreender a difusão dos Baixos e sua diferenciação passa pela análise dos padrões espaço-temporais dessas mudanças. Mais do que isso, porém, a análise da espacialidade e temporalidade dessas transformações é uma análise das transformações na paisagem urbana da noite carioca em suas formas, ritmos e características. Assim, propomos que a classificação das formas construídas a partir do seu tipo de edificação, isto é, alvenaria, *trailers/food-trucks*, barracas de ferro e barracas de plástico. Já os tipos de fixação no espaço serão divididos em duas classes: fixos e móveis.

Nomenclatura	Quantidade de Estabelecimentos	Variedade de atividades	Tipo da forma construída	Fixação
Bairro	Múltiplos	Alto	Alvenaria	Fixo
Local	Único	Médio	Trailers	Móvel
Grupo		Baixo	Food-truck	
			Barraca de Alumínio	
			Barraca de Plástico	

Legenda: Categorias e classes dos Baixos.

Com base na classificação proposta, iremos analisar como os nomes, o número de estabelecimentos, o grau de variedade de serviços oferecidos, seus tipos de formas e sua fixação variaram no tempo e no espaço. Buscaremos identificar os padrões dessa distribuição e sua lógica. Buscaremos também e associa-los com elementos da própria cidade e sua vida social a partir da análise dos mapas produzidos, agora da distribuição espaço-temporal para cada tipo de categoria analisadas e suas classes.

5 A EXPANSÃO DA NOITE COMO A EXPANSÃO DA CIDADE: PADRÕES ESPAÇO-TEMPORAIS DA DIFUSÃO DOS BAIXOS NO RIO DE JANEIRO ²⁰.

Em meados da década de 1970, uma esquina localizada no bairro do Leblon, Zona Sul carioca, passa a ganhar notoriedade nas colunas e na vida social da cidade. O local, repleto de bares e restaurantes e com uma vida noturna que só tinha fim ao nascer do Sol, se torna um *point* quase que obrigatório na noite, atraindo boêmios de toda a cidade, dentre eles diversos artistas, intelectuais e outros colunáveis²¹ da época. Nasce assim, na esquina da Avenida Ataulfo de Paiva e da Rua Aristides Espínola, o Baixo Leblon.

É possível perceber pelas primeiras matérias de jornais publicadas que o surgimento do Baixo Leblon se faz dentro de um contexto mais amplo da vida boêmia da cidade, quase que um novo ponto dentro de um longo circuito de espaços ocupados historicamente pela boemia. O Baixo Leblon se torna o ponto final (até então) desse percurso histórico e pontifica como o novo refúgio da boemia carioca. Ou pelo menos da parcela dela que merecia a atenção e os holofotes das colunas sociais da época, o que apenas reforçou sua fama e uma notoriedade na vida social carioca do final dos anos 1970.

O percurso vem sendo feito há anos, iniciado na Lapa (Capela, Bols, Indígena, com incursões à Taberna da Glória e Lamas), estendido ao Centro (Pardellas, Villarino, Amarelinho, Vermelhinho, Gouveia, Nacional, Brahma, Americano) até Copacabana (Bonfim, Bom Marché, Caixotes) e bem mais tarde a Ipanema, onde os antigos Zeppelin e Jangadeiros pontificaram durante anos [...] (Baixo Leblon – O Entendimento Boêmio, Jornal do Brasil, 05/12/1976).

Apesar da crescente consolidação do Baixo no imaginário da noite do Rio de Janeiro e o posterior surgimento de inúmeros outros pela cidade, a origem do termo “Baixo” é, ainda hoje, motivo de dúvidas entre seus frequentadores, assim como foi ao longo das décadas, o que se verifica em algumas cartas de leitores aos jornais, levantando a questão²². As fontes

²⁰ A maior parte deste capítulo e suas reflexões foram apresentadas no XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE) em Outubro de 2021. Trabalho disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78084>

²¹ Os “colunáveis” eram figuras de prestígio social, cujas vidas e seus acontecimentos eram considerados de relevância social e dignas de serem publicadas nas colunas sociais. O termo era comum nas editorias de jornais e revistas entre o fim dos anos 1970 e início dos anos 1980. Entre os considerados colunáveis haviam artistas, intelectuais, socialites e afins.

²² Carta do leitor Maurício Sauer, morador do Leblon, ao Jornal O Globo (O Globo, 14 de Junho de 1982, Caderno Jornal do Bairro, Edição Matutina, Página 2).

analisadas convergem para uma explicação simples e de cunho geográfico, confirmada pelo Subprefeito da Zona Sul, Ricardo Várzea, em entrevista ao *Jornal do Brasil* em 1996²³. No bairro do Leblon existia à época e existe até hoje uma parte elevada topograficamente, na elevação de um morro, conhecida como Alto Leblon. A Rua Timóteo da Costa e seus arredores é marcada como uma área residencial, com a presença de casas e edifícios de alto padrão, sem grande atividade comercial. Soares (2011) aponta que a crescente ocupação e verticalização do bairro do Leblon, junto a um inchaço populacional, ocupação das encostas do bairro processa-se, em torno dos anos 1960, com “[...] um caráter de zona exclusiva de classes ricas, que dispõem de capital para às construções e terrenos caros e dispõem de meios de acesso próprios a essas áreas” (2011, p.144). Nesse sentido, quando a área da Rua Aristides Espínola, na parte plana do bairro, passa a concentrar diversos estabelecimentos comerciais e sediar uma vida noturna festiva e agitada, com diversas tribos e grupos se encontrando, os próprios frequentadores do local passaram a chamá-lo de Baixo Leblon, como uma antítese ao Alto. Uma antítese topográfica e ao mesmo tempo moral, da baixa altimetria e das baixas condutas.



Figura 4 - Capa de reportagem do *Jornal do Brasil* sobre o Baixo Leblon - *Jornal do Brasil*, 05/12/1976.

²³ *Jornal do Brasil*, Caderno Programa, Abril de 1996.

O Baixo Leblon era um ponto de encontro e um espaço de interação social. A esquina da Avenida Acaufo de Paiva e da Rua Aristides Espínola concentrava um conjunto de bares, botequins e restaurantes que, abertos ao longo de toda a noite e madrugada, atraíam e abrigavam centenas de boêmios. Apesar de se concentrar mais intensamente na esquina citada, onde estavam a Pizzaria Guanabara, o Real Astória e o Diagonal, principais casas do local, o Baixo Leblon se estendia para um conjunto de ruas ao redor, integrando outros espaços do bairro às atividades noturnas e ampliando a área do Baixo. As esquinas desempenhavam um papel fundamental na distribuição dos estabelecimentos, concentrando alguns deles e conformando núcleos mais intensos de encontros e permanências de frequentadores.

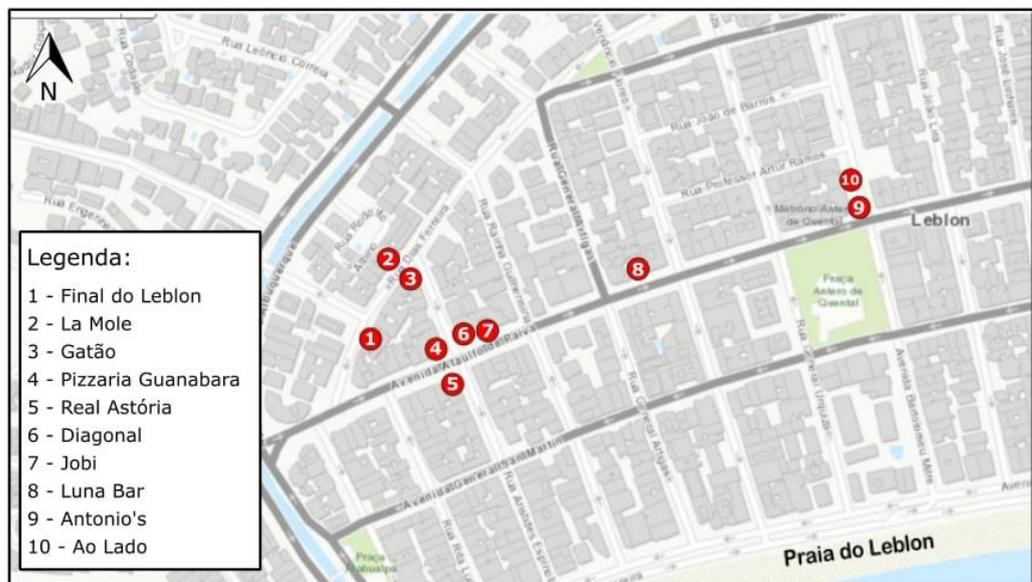


Figura 5: Localização dos estabelecimentos do Baixo Leblon ao fim da década de 1970. Elaboração própria.

Os ritos de sociabilidade no local não se confinavam às quatro paredes dos estabelecimentos e a rua desempenhou um papel central na consolidação do Baixo Leblon como um espaço de sociabilidade. Os frequentadores ocupavam as ruas, calçadas e esquinas de maneira intensa, de copo na mão, sozinhos e em grupos, conversando e interagindo. A circulação era também uma prática constante, seja entre o interior e o exterior dos estabelecimentos, entre diferentes partes de uma mesma esquina ou rua para encontrar amigos e transitar entre grupos, ou seja entre diferentes estabelecimentos, que proporcionavam uma variedade de serviços e opções acessíveis em um mesmo local. Era raro que uma noite no Baixo se resumisse a apenas um estabelecimento. O gosto estava na circulação e no universo

de possibilidades que ela oferecia e os frequentadores dos diferentes estabelecimentos se tornavam um só.

O Baixo Leblon inaugura na cidade uma forma de sociabilidade baseada na interação entre espaços públicos e privados, com a coexistência e a complementaridade entre diversos estabelecimentos em um mesmo local. Nesse sentido, algumas formas e dispositivos de interação entre os ambientes internos e externos aos estabelecimentos se tornam espaços privilegiados à interação entre pessoas. Os salões internos e as áreas ao ar livre permanecem densamente ocupados, mas a criação de varandas e balcões, por exemplo, proporcionavam a dupla experiência de se estar nas dependências dos estabelecimentos e ao mesmo tempo em contato com o movimento e as possibilidades da rua.

Não foram apenas tais características, porém, as responsáveis pela consolidação do Baixo Leblon na noite carioca. Uma conjunção de fatores de teor político, moral e cultural conformaram um contexto que o tornou um espaço único na vida social do Rio de Janeiro de então. Em primeiro lugar, apesar da intensa quantidade de frequentadores nas noites do Baixo, a presença de artistas, intelectuais e pessoas famosas em geral era grande. Mais do que isso, pode-se dizer que foram justamente esses grupos, integrantes de uma elite cultural em voga no momento, que “fundaram” o Baixo Leblon. Era a sua presença nos bares e restaurantes da área que conferiram ao Baixo um status de *must*²⁴ da noite carioca, a moda do momento, um espaço quase que obrigatório para quem quisesse ver e ser visto.

Todo esse clima social encontrou terreno fértil nas páginas dos jornais e revistas da época, sobretudo em um segmento específico da imprensa: as colunas sociais. Em meados da década de 1970, e ainda por algumas décadas depois, as colunas sociais e os cadernos culturais dos grandes jornais eram os principais meios de divulgação da vida social e cultural da cidade. A aparição do Baixo Leblon, seus fatos e célebres frequentadores eram cotidianos nas páginas dos maiores jornais da cidade, como o Jornal O Globo e o Jornal do Brasil. Além disso, sendo os próprios colunistas muitas vezes frequentadores dos bares e restaurantes do local, essa forma de divulgação era repleta de elementos folclóricos e chamativos, que não apenas eram características das colunas sociais de então, mas também contribuíram diretamente para a consolidação do Baixo Leblon no imaginário social da cidade.

Soma-se a isso o fato de que o Brasil em meados dos anos 1970 ainda vivia sob um regime de Ditadura Militar, cujos atos de repressão e censura afetaram diretamente a classe artística e intelectual. Em um contexto de constantes ataques à liberdade política, ideológica,

²⁴ Um lugar obrigatório, socialmente falando, onde as pessoas deveriam estar.

cultural, sexual e etc., o Baixo Leblon surgia representado na mídia como uma “ilha de liberdade”, um espaço da festa, de encontro de todas as tribos e sem qualquer tipo de preconceitos e/ou repressão. Enquanto o Regime Militar impunha como régua moral um conjunto de comportamentos restritos e considerados adequados à época, o Baixo Leblon se destacava justamente por seus padrões elásticos e sem limitações. Não era raro que notícias sobre o local transitassem entre as colunas sociais e as páginas policiais, justamente por um intenso e notório uso de “tóxicos e entorpecentes” nas dependências dos estabelecimentos²⁵. Os banheiros eram os espaços mais utilizados para uso e tráfico de cocaína e o Baixo Leblon já possuía em seu cotidiano conhecidos traficantes da área, o que trazia operações da Polícia ao local de maneira usual.

Para além dos tóxicos, a festa no Baixo Leblon refletia bem o que os jornais chamavam de “padrões elásticos”. O regime ditatorial em vigor no Brasil era baseado em uma extrema censura moral, cultural e política. Os padrões de conduta considerados “normais” na época seguiam uma retidão imposta e replicada pelo Regime, cerceando um conjunto de liberdades civis, para além do campo político. Nesse sentido, surgem diversos movimentos de resistência cultural, artística e sexual, que tinham como pauta a defesa da liberdade e como estratégia a ocupação e formação de espaços para serem livres. Conformaram-se paisagens alternativas na cidade, “ilhas de liberdade” e resistência. Os exemplos cariocas são diversos, porém longe de únicos no país. Do uso de escolas de samba para a luta contra a Ditadura (Natal, 2012) à conformação da Praia de Ipanema como símbolo de resistência e espaço de liberdade sexual (Bila, 2009), a vida social carioca passa a contar com espaços de liberdade. É nesse sentido que o Baixo Leblon se insere: a música, o álcool e os efeitos advindos de ambos ocorriam até o amanhecer. As ruas eram tomadas pela festa e ocupadas de maneira intensa. Diversos atos, considerados transgressores à norma moral do Regime Militar, ocorriam ao ar livre. Pessoas igualmente consideradas transgressoras também transitavam por lá. O retorno ao país de diversas figuras exiladas nos anos anteriores era não raramente noticiado com uma aparição sua nas ruas do Baixo Leblon.

Os diversos fatores citados acima não apenas tornaram o Baixo Leblon um local único na noite carioca, como também proporcionaram a ele uma intensa visibilidade na mídia, o que com o tempo se traduziu em uma cada vez maior atração de frequentadores para a área

²⁵ O momento de consolidação do Baixo Leblon coincide com o momento de intensificação do uso de cocaína no Rio de Janeiro, sobretudo na Zona Sul da cidade, ao longo dos anos 1970. As forças policiais realizavam já na época constantes operações de repressão às drogas e a mídia dedicava grande espaço de sua cobertura cotidiana à notícias relacionadas ao uso de “tóxicos” e “entorpecentes”. No Baixo Leblon, os banheiros eram espaços privilegiados ao uso e ao tráfico de drogas, por sua discrição.

no bairro do Leblon. Entre pessoas em busca de diversão e encontros sociais e curiosos em busca do contato com alguns dos famosos que ali passavam suas noites, o Baixo passa a sofrer algumas transformações. Em sua estrutura física, ocorre a expansão de alguns estabelecimentos, com novas áreas criadas para comportar um maior número de pessoas. Em sua estrutura social, o Baixo perde o status de “refúgio”, tão valorizado pelos grupos que tinham primazia no local, sobretudo a elite cultural e artística. Era necessário buscar um novo espaço onde eles pudessem se encontrar, interagir e fazer suas festas, mas que ao mesmo tempo proporcionasse as mesmas vantagens que o Baixo Leblon oferecia.

O local escolhido ficava a poucos minutos do Baixo original, no bairro vizinho, a Gávea. A Gávea era um pouco mais tranquila se comparada ao Leblon, sendo um antigo bairro industrial e fabril, concentrando menos comércio e o predomínio de residências, sendo edifícios na parte baixa e grandes casas na parte alta, consolidadas com o crescimento do bairro nos últimos anos, tal como o Leblon (Soares, 2011). Aqui, notamos que o surgimento de ambos os Baixos acompanham momentos de inchaço urbano e grandes modificações nos seus respectivos bairros. Assim, no início dos anos 1980, os bares da Rua dos Oitis na esquina com a Praça Santos Dumont passam a ser noticiados como um novo point na cidade, um novo espaço da juventude e da boemia dissidente dos bares do Leblon: surge assim o Baixo Gávea e se inicia o processo de expansão dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro.

O termo Baixo aplicado à Gávea é apropriado, tendo em mente seu sentido original. Afinal, o bairro também contava com uma parte alta, de forma que sua área boêmia ficava embaixo. As matérias publicadas na época, porém, dão a entender que o motivo foi muito mais associado ao Baixo Leblon, para reafirmar a dissidência e a criação de um novo Baixo, do que por questões da topografia do bairro. Além disso, a configuração física e conjunto de comportamentos do Baixo Gávea era muito semelhante ao cenário observado no Leblon. A concentração de bares e restaurantes no local era um grande atrativo aos boêmios em busca de um novo local para suas noites, com o Sagres, o Guimas e o Hipódromo assumindo o protagonismo. A esquina da Rua dos Oitis, suas ruas e calçadas, além de parte da Praça Santos Dumont, eram densamente ocupadas por jovens ao longo da madrugada, causando certo tumulto no bairro, caos no seu trânsito e conflitos com vizinhos incomodados com o barulho. A informalidade nas relações era uma marca também “herdada” do Baixo Leblon. A circulação se dava não apenas nas ruas, mas também entre os estabelecimentos e dentro deles, cuja organização poderia ser adaptada de acordo com as necessidades da situação, sempre no âmbito de uma relação de amizade com os garçons do local. Por fim, o uso de tóxicos e

entorpecentes, principalmente cocaína, era também constante no local, que passa a ser visado pela polícia para operações de repressão.

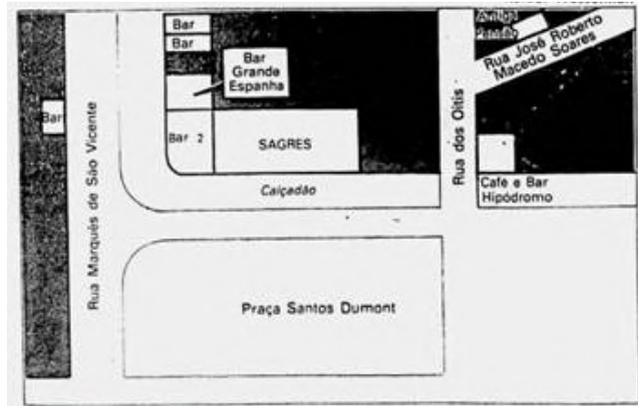
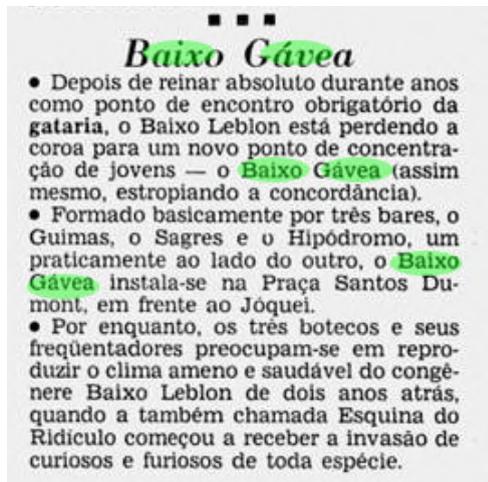


Figura 6: Matéria do Jornal do Brasil sobre a disputa de público entre Baixo Leblon e Baixo Gávea (esquerda) e Figura 7: Localização dos estabelecimentos do Baixo Gávea em 1982 (direita) - Jornal do Brasil, 01/05/1982 e 14/05/1982, respectivamente.

A intensa veiculação de notícias e fatos acerca do Baixo Leblon e Baixo Gávea no início dos anos 1980 acaba por consolidá-los no imaginário social carioca. Se por um lado alguns relatos eram negativos, como questões envolvendo o tráfico e o uso de drogas, conflitos com a vizinhança e fatores afins, por outro, estar no “Baixo” passava a significar estar no lugar da moda, da liberdade e da festa, onde a noite não acabava. As formas de sociabilidade ali desenvolvidas e a própria configuração física do local, com diversos estabelecimentos juntos e integrados pelos seus fluxos, passam a ser valorizados e os cenários dos Baixos se tornam uma marca na noite carioca. É na esteira desse momento de consolidação que, a partir do início da década de 1980, se inicia uma intensificação do registro dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro.

Os jornais e revistas da época passaram a noticiar o surgimento de novos pontos de encontro da boemia em diversos bairros da cidade, também com o nome de “Baixo”. Seus estabelecimentos, célebres frequentadores, fatos cotidianos passam a integrar as pautas das colunas sociais, bem como sua localização se torna parte de um roteiro boêmio que se consolida na cidade no início da década, enquanto o “Baixo” ganha cada vez mais força na noite do Rio de Janeiro.

Entre o primeiro registro de um Baixo (1976) até os dias atuais, a década de 1980 é um dos períodos em que são registrados mais Baixos na cidade, um total de 33. O primeiro registro após esse momento ocorreu ainda no ano de 1980, com o Baixo Botafogo, seguido

pelo registro de seis Baixos ao longo do ano de 1982: Copacabana, Catete, Cinelândia, Lapa, Santa Teresa e Ilha do Governador. É interessante notar dois pontos importantes acerca do registro desses novos Baixos. Em primeiro lugar, observa-se que os locais em que esses Baixos surgem já sediavam em suas ruas um conjunto de bares e restaurantes que compunham a vida noturna local, sendo alguns deles espaços históricos da boemia na cidade, como a Lapa e a Cinelândia. Não se trata de uma característica nova, ao passo em que a área do Baixo Leblon já dava lugar, desde o final dos anos 1960, a uma vida noturna relativamente movimentada, principalmente no Restaurante Antonio's²⁶. Nesse caso, e nos outros que viriam a seguir, a existência dos estabelecimentos e da vida noturna local antes de serem registrados como Baixos não muda o fato de que tal acontecimento veio acompanhado de um conjunto de mudanças no cenário noturno que ali se apresentava. Ser um Baixo atribui ao local um universo de significados, o que gera impactos nos comportamentos ali observados e em suas relações com a estrutura física.

O segundo ponto diz respeito à localização desses locais. Botafogo, Copacabana e Catete são bairros próximos, com uma rápida integração entre si e cujos Baixos surgem em um curto intervalo de tempo, em sequência. Além disso, são espaços de urbanização mais antiga e centralidade política e comercial na cidade, se comparados a Leblon e Gávea. Da mesma forma que o próprio Catete, Cinelândia, Lapa e Santa Teresa apresentam as mesmas características: um registro quase que simultâneo em áreas próximas entre si. A exceção fica com a Ilha do Governador, ilha/bairro da Zona Norte da cidade, localizada na Baía de Guanabara, porém integrada ao tecido urbano carioca. A quantidade de Baixos observadas até então é insuficiente para que se aponte quaisquer padrões no surgimento e na dispersão desses espaços na cidade, porém apontam alguns pontos a serem observados no processo da sua dispersão ao longo das décadas, como as relações de proximidade aqui observadas.

Nos anos seguintes, cada vez mais Baixos são registrados e noticiados, agora ganhando terreno em partes mais distantes da cidade, como Bangu e Taquara, na Zona Oeste, além de Vista Alegre e Tijuca, na Zona Norte e no Alto da Boa Vista, em uma abertura de estrada que corta o Maciço da Tijuca na “marcha para oeste” da evolução urbana do Rio de Janeiro. Concomitantemente à expansão dos Baixos pelo território carioca, a Zona Sul observa um surgimento massivo e localizado desses espaços, sobretudo a partir de 1986. Os Baixos Faro, Lagoa, Humaitá, Jardim Botânico, Bernadotte, Farme, Cobal e Flamengo, por exemplo, surgiram em um intervalo de dois anos, além dos Baixos de Ipanema.

²⁶ Nelson Motta, em *Noites Tropicais: solos, improvisos e memórias musicais* (2000, p. 151 a 288), narra fatos do cotidiano do Antonio's no fim dos anos 1960 e início dos 1970.

Nesse período é possível notar pela primeira vez um tipo de característica do surgimento dos Baixos que se faz presente ao longo de suas décadas de expansão: a coexistência e/ou a sucessão de Baixos em um mesmo bairro. O emprego do plural no parágrafo anterior em “Baixos de Ipanema” não foi à toa. Ao todo, existiram cinco Baixos Ipanema, três deles só na década de 1980. O mesmo ocorreu na Ilha do Governador, com o surgimento de um novo Baixo no bairro em 1985. Esse fenômeno reforça uma tendência comum na noite carioca: o surgimento de um espaço, seu momento de pico e valorização, uma posterior desvalorização e esvaziamento e, por fim, a eleição de um novo ponto de encontro. Por vezes, o local “abandonado” encerrava atividades e deixava de existir, socialmente falando. Em outras, permanecia relevante socialmente, ainda que em menor intensidade. Todos esses fatores conduziram a um quadro em que se observam em alguns bairros, sobretudo os mais centrais da cidade, a ocorrência de múltiplos Baixos ao longo dos anos.

A observação do mapa da distribuição espaço-temporal dos Baixos entre as décadas de 1970 e 1980 revela alguns comportamentos significativos desse processo de expansão e nos auxilia na análise de alguns pontos importantes na trajetória dos Baixos na cidade. O ponto rosa corresponde ao Baixo Leblon, único Baixo existente na cidade na década de 1970. Já os amarelos, aos Baixos registrados ao longo da década seguinte.

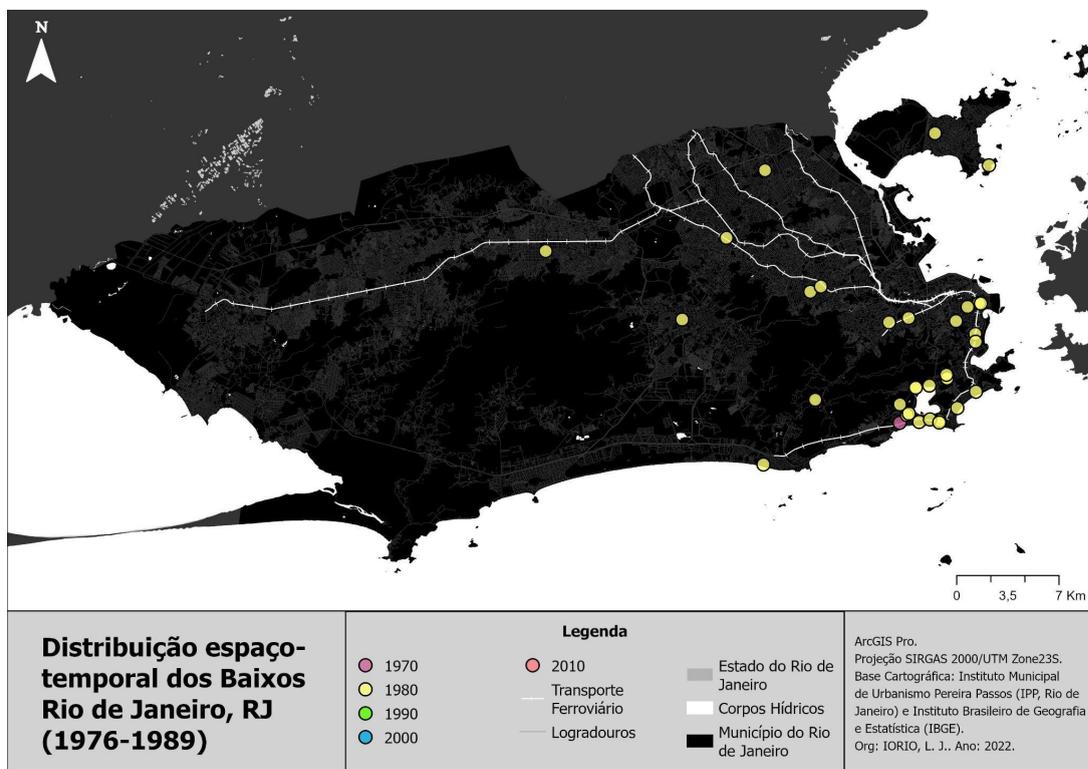


Figura 8: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na década de 1980.

É possível notar que o registro de Baixos se dá de maneira mais intensa na Zona Sul da cidade, acompanhado de uma pequena concentração na Zona Central. O eixo Zona Sul/Centro, concentra um total de 22 Baixos dos 34 registrados ao longo do período (Baixo Leblon em 1976 + 33 na década de 1980). Apesar de presentes em diferentes zonas e áreas do Rio de Janeiro, a primeira década da expansão dos Baixos se caracteriza por uma maior concentração nos bairros vizinhos e adjacentes ao seu local de origem, o Leblon. Os bairros ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas e com rápido acesso e integração com o Leblon, como a própria Gávea, o Jardim Botânico, Lagoa, Humaitá e Ipanema passam a concentrar esse tipo de espaços de sociabilidade noturna. De maneira oposta, áreas da Zona Sul mais afastadas desse eixo, como o Leme e partes dos bairros de Copacabana e Botafogo²⁷, apresentam um vazio de registros. Esse padrão de surgimento guarda uma forte relação com a própria evolução urbana da Zona Sul. Os bairros ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas viveram um processo de ocupação urbana mais recente, se comparados a Copacabana e Botafogo, por exemplo. O processo de verticalização dessas áreas encontra seu auge a partir da década de 1950/1960, sobretudo em bairros como o Leblon (Soares, 2011). O surgimento dos Baixos nessas áreas, portanto, parece estar inserido no conjunto de transformações e melhorias na infraestrutura urbana em vigor no local, sobretudo para suprir a demanda do grande contingente populacional que passa a morar ali. Nota-se também uma tendência à proximidade dos Baixos surgidos nessa época com a linha do metrô.

Quanto à Zona Central, reforça-se a tendência de registro de Baixos em locais que já abrigavam uma certa tradição boêmia, como falado anteriormente. Aos Baixos Lapa, Cinelândia e Santa Teresa, soma-se o Baixo Gay, que sediava um conjunto de espetáculos voltado para o público homossexual masculino em um sobrado na Rua Santa Luzia, ao lado da Cinelândia. Trata-se, nesse momento, de um retorno ao Centro do Rio, que décadas atrás centralizava a noite carioca e, com o seu posterior declínio no Estado Novo de Vargas se vê esvaziada e transferida para a Zona Sul (Feijó & Wagner, 2014). Passam a coexistir duas tendências de expansão da noite carioca identificadas por Góis (2015), que se refletem na própria expansão dos Baixos: uma recentralização da noite no Centro do Rio, se tornando mais presente em sua área e explorando novos espaços antes inexplorados, e uma descentralização dessa mesma noite carioca, que passa a ocupar novos espaços da cidade,

²⁷ O Baixo Botafogo e o Baixo Copacabana foram registrados, respectivamente, em 1980 e 1982. Apesar disso, a localização desses Baixos se concentra em partes dos limites dos bairros, mais próximas aos arredores da Lagoa Rodrigo de Freitas.

como a Zona Sul, a Zona Norte e alguns espaços da Zona Oeste, ainda em expansão e “exploração” na cidade (2015, p. 212 e 2013).

Sobre isso, nota-se como as características da expansão dos Baixos em outras áreas da cidade se diferem do que é observado no eixo Zona Sul-Centro. Os Baixos registrados na Zona Norte e na Zona Oeste se distribuem de maneira bastante dispersa e pontual. Não se verificam concentrações de Baixos nessas partes da cidade. A exceção é o bairro do Méier, que registra 2 Baixos Méier (1988 e 1989) bem próximos um ao outro, mas sem as dimensões das aglomerações na Zona Sul. Apesar de ter sua primazia e maior concentração na Zona Sul, o surgimento dos Baixos nas demais Zonas é concomitante à sua expansão no eixo Zona Sul/Centro, ainda que em menor número. Já em 1982, mesmo ano de aparecimento do Baixo Ipanema e Copacabana, é registrado o Baixo Ilha, localizado na Ilha do Governador (Zona Norte), além do Baixo Bangu, na Zona Oeste, em 1983.

É possível notar como a localização dos Baixos das Zonas Norte e Oeste ocorre, em sua grande maioria, em bairros de expressiva atividade comercial. Ilha, Méier, Tijuca, Madureira, Bangu e Barra da Tijuca, por exemplo, eram à época e ainda são importantes subcentros comerciais da cidade do Rio de Janeiro, abrigando uma intensa variedade e oferta de atividades, comércio e serviços, representando importantes subcentralidades²⁸ na cidade, sobretudo em relação a seus bairros adjacentes. Essa tendência não é tão comum no eixo de maior concentração, onde os Baixos tenderam a se concentrar em bairros predominantemente residenciais, com exceções ao próprio Leblon, Botafogo e Copacabana. Há também uma forte correlação com a linha férrea nesses casos: os Baixos na Tijuca ao longo do metrô e os Baixos no Méier, Madureira e Bangu ao longo da linha do trem.

Apesar de passado um período relativamente curto, o conjunto de características que marcaram os cenários do Baixo Leblon e Gávea e foram reproduzidas em diversos novos Baixos surgidos nos anos posteriores, já não eram tão uniformes assim. Os Baixos se expandem pela cidade, sobrevivem ao longo dos anos e seus cenários sofrem algumas transformações. A tradicional configuração dos Baixos, com uma concentração de bares e restaurantes cujos frequentadores ocupam de maneira intensa os espaços públicos adjacentes a esses estabelecimentos é aos poucos transformada.

Em primeiro lugar, isso ocorre no próprio nome. A toponímia que acompanha o termo Baixo não é mais exclusiva ao bairro em que se situa. A variação ocorre já em 1982, onde o Baixo Cinelândia passa a representar não o bairro, mas sim a praça em que se situa. O Baixo Faro e o Baixo Bernadotte, por exemplo, levam o nome das ruas em que estão localizadas, no

²⁸ Sobre subcentros, ver item 3.3, *Bairros, subcentros e subúrbios no Rio de Janeiro*.

Jardim Botânico e no Leblon, respectivamente, enquanto o Baixo Cobal faz referência à Cobal do Leblon, um mercado que concentrava um conjunto de estabelecimentos no bairro do Leblon. Por fim, o Baixo Gay, no centro da cidade, varia ainda mais ao representar não mais o local em que se situa, mas sim o público frequentador.

Além disso, elementos da esfera morfológica dos Baixos, além do conjunto de comportamentos e sentidos ali desenvolvidos também se transformam. Os Baixos ao longo dos anos se tornam múltiplos e diversificados. As diversas mudanças ocorridas em seus cenários e as novas variedades de Baixos serão objeto de análise no capítulo a seguir. Por hora, cumpre se ter em mente que o caminho percorrido pelos Baixos nas últimas quase cinco décadas na noite carioca não se fez de forma reta, uniforme e invariável.

Na década seguinte, 1990, o padrão de expansão que se observa até então se repete e acaba por reforçar as tendências de concentração de Baixos já estabelecidas. Em linhas gerais, a distribuição desses espaços na década de 1990 mantém uma faixa de concentração no eixo Zona Sul/Centro da cidade, com a sua ocorrência mais dispersa nos bairros da Zona Norte e Zona Oeste. Apesar da manutenção desse padrão, a partir da observação do mapa abaixo é possível notar o surgimento de novas tendências de concentração dos Baixos e o reforço de algumas centralidades fora do eixo principal. Os Baixos surgidos na década de 1990 estão representados pelos círculos verdes, conforme legenda.

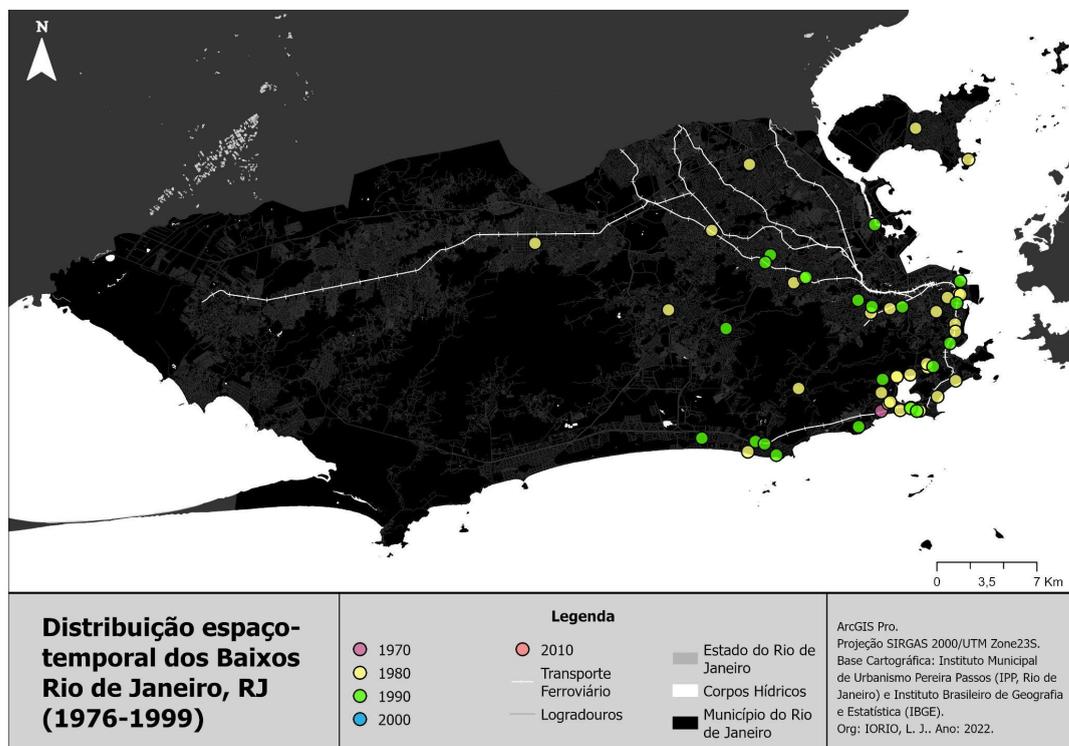


Figura 9: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na década de 1990.

Em primeiro lugar, pode-se observar como os registros dos Baixos nos anos 1990 ocorrem de maneira mais equilibrada entre as diferentes partes da cidade, diferente do que foi observado na década anterior. A maior concentração permanece entre os bairros da Zona Sul e do Centro, onde 8 Baixos são registrados nesse eixo ao longo da década, enquanto o restante da cidade registra 12 novos. Se essas demais áreas forem separadas em suas Zonas, porém, vemos como os novos registros dividem-se entre a Zona Norte, com 7, e a Zona Oeste, com 5, sendo 3 deles apenas na Barra da Tijuca.

Apesar do relativo equilíbrio, é possível perceber um padrão de concentração dos Baixos ao longo da orla da cidade, sobretudo da Zona Sul. Tal tendência já podia se observar nos anos 1980, mas se antes o surgimento de Baixos também ocorreu de maneira mais concentrada em bairros mais internos da Zona Sul, sem contato direto com a praia, na década de 1990 é evidente como a localização desses espaços privilegia a extensão da orla e, em algumas partes, a linha férrea do metrô. Esse comportamento reflete a própria tendência de evolução urbana do Rio de Janeiro, comentado no item 3.3. A expansão da cidade se consolida seguindo alguns vetores, sendo um deles um eixo entre a Zona Central e a Zona Sul. Em grande parte do Século XX, a vida noturna e o lazer carioca foram concentrados nesse eixo. Como vimos anteriormente, “O percurso vem sendo feito há anos, iniciado na Lapa [...], estendido ao Centro [...] até Copacabana e bem mais tarde a Ipanema [...] (Jornal do Brasil, 1976). A expansão dos Baixos acaba por seguir esse comportamento e se concentrar, primariamente, nesse eixo.

Ao longo dos anos e a partir do momento de sua consolidação imobiliária na cidade, é possível perceber como a Barra da Tijuca ganha uma centralidade na vida noturna carioca ao registrar em uma pequena porção do bairro três novos Baixos. A área em questão compreende localidade do Jardim Oceânico e da Avenida Olegário Maciel, espaço que na década de 1990 passa a abrigar uma intensa atividade noturna que conta com bares, botecos, restaurantes e casas noturnas, além de uma rápida integração com a praia da Barra e com os bairros da Zona Sul, o que permite inserir essa nova centralidade como parte constituinte do eixo de expansão Zona Sul/Centro, apesar de oficialmente estar localizada na Zona Oeste.

O padrão de localização dos Baixos nas Zonas Norte e Oeste se mantém, com uma maior dispersão entre eles e sem a ocorrência de concentrações. Enquanto a Zona Norte compreendia uma área estabilizada na cidade, sobretudo no que diz respeito à sua ocupação imobiliária vertical, a Zona Oeste ainda representava uma área de recente ocupação e transformação. Apesar disso, a associação de Baixos a bairros de maior centralidade comercial permanece e é justamente nesses locais em que algumas centralidades começam a

ser criadas, com a ocorrência de 5 Baixos na área da Grande Tijuca e de 3 no Méier, além de mais 2 em bairros do Grande Méier (Abolição e Piedade). A proximidade com a linha do trem e do metrô também se mantém.

Observa-se mais uma vez a tendência à existência de mais de um Baixo e/ou da mudança da sua localização no mesmo bairro, como nos casos citados acima. Foi falado anteriormente que esse tipo de acontecimento é comum na noite carioca, do surgimento de um novo *point* e o seu posterior esvaziamento, geralmente associado à eleição do seu sucessor. Nem sempre, porém, as mudanças eram ocorridas por esse motivo. O Baixo Méier, por exemplo, antes localizado nos arredores da Rua Ana Barbosa, muda de lugar dentro de uma lógica de maior ação do poder público com a implantação do programa urbanístico Rio Cidade. Através de intervenções e regulações nas formas de uso desse espaço, o programa atuou em diversas frentes na remodelação urbana, estrutural e estética do bairro do Méier, cujo Largo foi reformado para sediar o novo Baixo Méier em 1995²⁹.



RIO CIDADE

LARGO DO MÉIER GANHARÁ NOVO VISUAL

<p>O projeto Rio Cidade prevê uma nova imagem para o Méier. Entre as propostas para o bairro, estão a reforma, ampliação e arborização das calçadas, o disciplinamento da disposição dos camelôs, reforma das praças, criação de novas áreas verdes e a melhoria das passarelas da linha férrea.</p>		<p>da Cruz passará por amplas reformas. Será coberta, terá novos acessos e, numa segunda etapa do projeto, se interligará diretamente à Praça Agripino Grieco - que também está nos planos da Prefeitura.</p>
<p>O Largo do Méier ganhará novo visual para assumir o seu papel de principal porta de entrada para o bairro. Para tanto, receberá árvores, desenhos no piso, bancos e uma</p>	<p>Passarela do Méier será reformada</p>	<p>A Praça contará com quiosques de alimentação, mesinhas, um pequeno anfiteatro e será integrada a uma nova área de pedestres e de estacionamento, nas ruas Tenente Cerqueira Leite e Silva Rabelo. No local, será consolidado o "baixo Méier", com o fortalecimento dos bares e restaurantes.</p>
<p>escultura em chapas de aço, iluminada e assentada sobre um chafariz. O projeto propõe ainda que as edificações em volta do Largo, de interesse</p>	<p>histórico-arquitetônico, sejam preservadas e recuperadas.</p>	<p>A passarela que faz a integração entre o Jardim do Méier e a rua Dias</p>

Figura 10: Matéria sobre a ação do Programa Rio Cidade no Bairro do Méier, com a criação do novo Baixo Méier - Jornal O Globo, 30/11/1995.

Ao longo dos anos 2000, porém, o padrão de surgimento dos Baixos volta a refletir as tendências observadas na década de 1980. É possível notar um surgimento tímido de Baixos em bairros da Zona Norte e da Zona Oeste, em geral. Excluindo a faixa marítima que compõe

²⁹ O trabalho de Vicente Del Rio, *Requalificação Urbanística e Recuperação da Imagem da Cidade O Projeto Rio Cidade para os Bairros do Méier e do Leblon, Rio de Janeiro* (2000), analisa de maneira mais aprofundada o processo de requalificação urbana do projeto Rio Cidade nos bairros do Méier e do Leblon. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/134110>

a Zona Oeste com os bairros da Barra da Tijuca e do Recreio, que passam a integrar outra lógica de expansão, apenas 4 Baixos são registrados ao longo desses locais: Baixo Cachambi, dentro da nova centralidade do Méier; Baixo Ribeira, na Ilha do Governador; Baixo Penha e Baixo Araguaia, que dá nome a um estabelecimento e a sua área ao redor, na Rua Araguaia, na Freguesia de Jacarepaguá. Por outro lado, o eixo Zona Sul-Centro, agora integrando uma faixa da orla que abriga a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes, volta a registrar uma intensa quantidade de Baixos, 15 ao total. Os Baixos registrados na década de 2000 estão representados no mapa a seguir pelos círculos azuis.

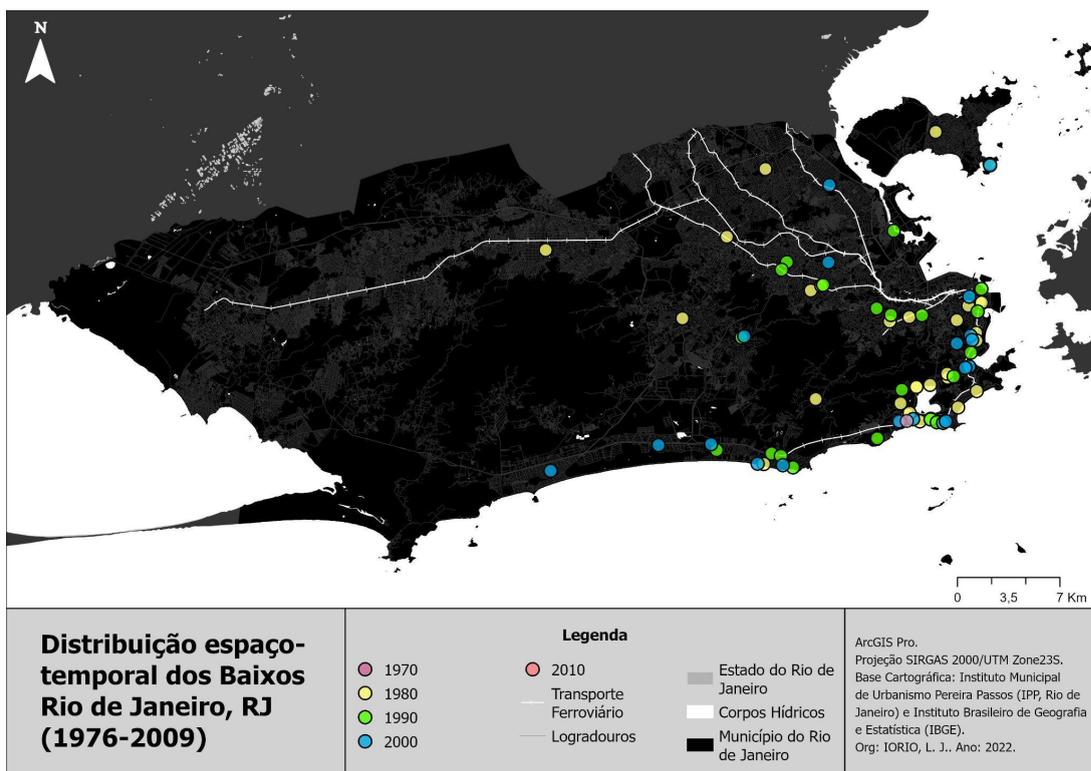


Figura 11: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na década de 2000.

Ao longo da década de 2000, as áreas da orla marítima se tornam mais densamente ocupadas pelos Baixos. Antigos vazios, como grande parte do bairro de Copacabana e Botafogo, além do bairro do Leme, passam a conter novos registros. Nesses casos específicos, a ação empresarial na criação dos Baixos se manifesta de maneira mais evidente e organizada. Grupos empresariais passam a atuar na promoção não apenas dos seus estabelecimentos e seus serviços, mas da sua área de localização e suas vantagens. O processo semelhante ocorreria também na Zona Norte, como veremos. O surgimento do programa dos Polos do

Rio³⁰, articulando a ação estatal na instituição desses espaços e a atuação dos empresários foi fundamental na mudança do perfil de alguns Baixos já existentes, como o Baixo Tijuca, e na consolidação de outros. A criação do Baixo Lido, em Copacabana, e do novo Baixo Botafogo, mais próximo à orla da praia, foi organizada a partir da articulação do empresariado da noite carioca como forma de promoção desses locais a partir do termo “Baixo”. Os classificados dos jornais e revistas ganhavam agora não mais anúncios dos estabelecimentos em si, mas dos locais em que eles se situavam, conforme a imagem abaixo.

O ecletismo é uma das marcas registradas do **Baixo Botafogo**. Não só por reunir gente de todas as tribos e idades, mas principalmente por sua diversidade gastronômica. Confira algumas delícias da região:

Gastronomia com vários sotaques

GORÔS E ÓTIMOS PETISCOS
O nome já dá a pista: O ZUZU GORÔ é bom do dinêque. A capivada é realmente ótima (R\$ 10,90 a de Smirnoff e acredite se quiser, a de Absolut). Mas tem também uns petiscos de dar água na boca. Alinal, a bebida sempre pede um bom acompanhamento. Entre eles, uma deliciosa carne de sol com apim (R\$ 18,90) – a carne bem temperada, o apim macio – e os concintos croquetes de carne (12 unidades a R\$ 11,90), daqueles que se faz em casa.

ATÉ A VISTA É DELICIOSA
A vista é de tirar o fôlego. Mas não o apetite. Até porque, no REAL ASTORIA, seria mesmo impossível. A mesa, o melhor da gastronomia internacional, com foco nos frutos do mar e na culinária espanhola – uma receita de sucesso que ganha a cada dia novos admiradores. A casa oferece ainda um bufê incomparável (almoço de seg. a sex., das 12h às 16h, a R\$ 35; Sáb, dom e feriados, das 12h às 17h, a R\$ 55) e uma excelente adega climatizada com dezenas de opções.

TACOS, WRAPS E MUITO SABOR
O TACOS & WRAPS alia a saborosa cozinha mexicana aos criativos wraps americanos. No cardápio, delícias como burritos, quesadillas, pizzas e flautas, mexicanos. E o carro chefe da casa: o taco Boi Bandido, recheado de carne moída temperada, alface, tomate e jackcheedar (R\$8,90). Já entre os wraps o destaque é o Fox-felix, recheado com contrailé, jackcheedar e molho barbecue (R\$ 18,20). Impedíveis, também, os Nachos Locos (R\$ 20,80), o combo de taco (três a R\$ 22) e o delicioso rodízio de quartas e quintas (R\$ 31,90). Além, é claro, dos dinêques exclusivos como o TGV (R\$ 15).

PARA SE SENTIR EM CASA
Ambiente bem aconchegante, muito conforto, o cliente se sente em casa. E ainda tem uma varanda com vista privilegiada para o Pão de Açúcar. Mas o que faz o nome do ALMA CARIOCA é sem dúvida sua cozinha. Ho bufê internacional marcam presença as culinárias árabe e japonesa. Da churrasqueira a carvão, além de cortes tradicionais, sai um galeto único. Já do forno especial saem pizzas crocantes de vários sabores. Para acompanhar, um chope da Brahma bem gelado ou os melhores vinhos da adega climatizada.

SUCESSO SEM SEGREDOS
Uma das principais características do SOCIEDADE SECRETA é a atenção especial dos donos, sempre presentes. Melhor, só mesmo os pratos e petiscos de dar água na boca e a cereja sempre gelada. A cachacinha também é muito falada e não para de conquistar apreciadores. Já o espaço é bem aconchegante, com iluminação suave, um clima ótimo. Mas qual a principal razão do sucesso da casa? Eles mesmos, os cozinheiros, que preparam os pratos com aquele gostinho de comida de vovó.

PIONEIRA NO CASUAL FOOD
A velocidade do fast food aliada ao culto da saúde e bem-estar. E surge o casual food. Coisas do COHE EQUIPE, pioneiro no estilo Ho cardápio, wraps com leite de gadoira, pau-ros carbohydrates e muita proteína. Além de temakés, maltonomes, hot philadelphia, yakissoba e kebabs. A união perfeita entre as gastronomias árabe, japonesa e americana. E que contribuiu muito bem com a boa variedade de sucos e vitaminas. Já na happy hour, rola promoção de chope Davassa. E a noite desponta num clima ótimo, principalmente se você ocupar uma das mesas do deck.

Figura 12: Propaganda do Baixo Botafogo - Jornal O Globo, 23/09/2010.

Com esse movimento, a ideia de “Baixo” como um espaço típico da noite carioca se valoriza ainda mais. Suas formas de promoção ganham força não apenas a partir de um movimento orgânico de seus frequentadores ou das matérias de jornais, mas passam agora por uma ação estatal e empresarial, que começa a ganhar força já na década de 1990 com o Programa Rio Cidade.

O início dos anos 2010, última década analisada, marca uma significativa mudança no padrão de surgimento dos Baixos no Rio de Janeiro, sobretudo no que diz respeito à consolidação de um novo eixo de expansão desses espaços na cidade. Ao longo das décadas, observou-se como a tendência de registros de Baixos foi mais intensa e concentrada ao longo da orla da Zona Sul e em partes do Centro da cidade. Com a consolidação desse eixo, aqui denominado Zona Sul-Centro e sua integração e proximidade com a orla marítima, os bairros da Barra da Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes também passam a compor esse eixo,

³⁰ Segundo a página oficial, o Programa Polos do Rio “[...] é o encontro virtuoso entre o poder público e a iniciativa privada para revitalizar o tradicional comércio de rua.”. Atualmente, foram criados pelo projeto um total de 26 polos na cidade. Mais informações em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/programapolosdorio/index.php>

expandindo a faixa litorânea de concentração dos Baixos. O que se observa ao longo da última década, porém, representa uma nova fase da expansão dos Baixos na cidade, com o surgimento de um padrão que atribui uma grande importância da Zona Norte no surgimento de novos Baixos e a consolidação de um novo eixo de expansão desses espaços na cidade.

O surgimento de Baixos na década de 2010 se apresenta de maneira contida no eixo Zona Sul/Centro, bem como na Zona Oeste. No primeiro eixo, apenas 2 novos Baixos são registrados ao longo do período. O primeiro localiza-se no bairro de Botafogo e foi denominado como Baixo Irajá, por conta da sua localização na Rua Conde de Irajá. Trata-se de uma área de grande concentração de bares e de uma vida noturna já consolidada. O segundo é registrado no bairro do Leme, vizinho à Copacabana, em uma parcela da Zona Sul historicamente escassa de registros de Baixos.

Já na Zona Oeste, 4 Baixos são registrados, sendo dois deles em Bangu, um dos importantes subcentros comerciais a registrar um Baixo já em 1983 - sendo o primeiro da Zona Oeste. São eles o Baixo Padre Miguel e o Baixo Vila, na favela da Vila Aliança. Além destes, o Baixo Valqueire, na Vila Valqueire, é registrado em 2013, representando um importante centro da vida noturna no bairro e o Baixo Deodoro em 2019. O mapa abaixo exhibe a distribuição espaço-temporal dos Baixos registrados entre as décadas de 1970 e 2010. Os mais recentes, referentes à última década, estão representados pelos círculos vermelhos.

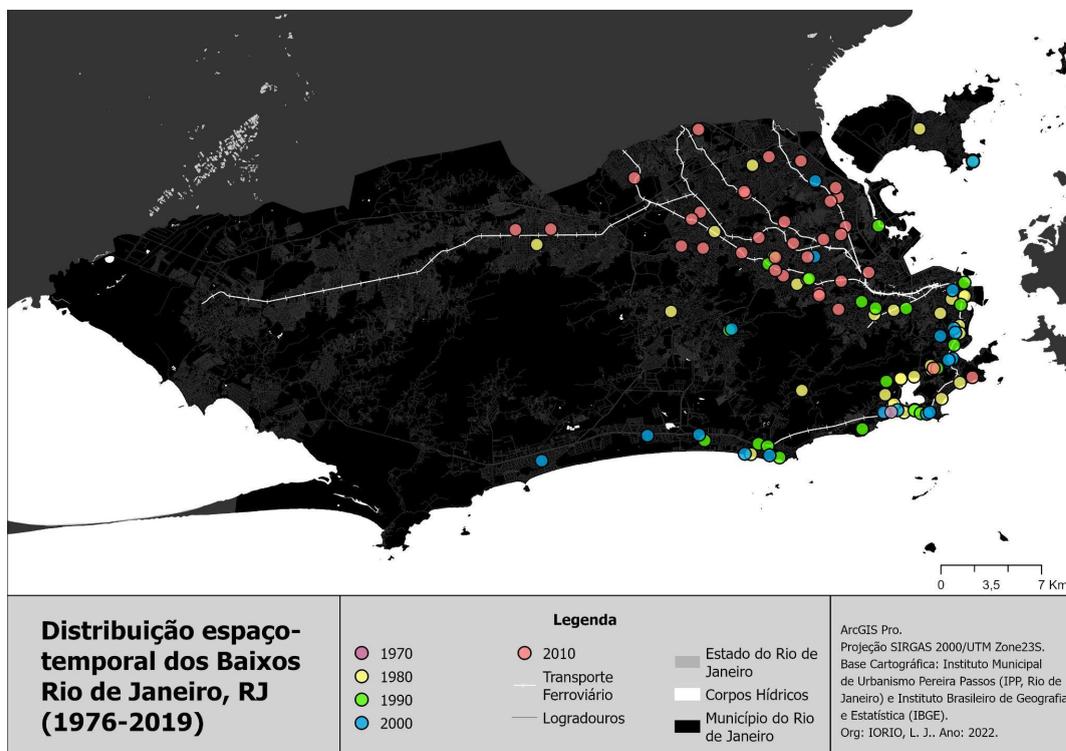


Figura 13: Distribuição espaço-temporal dos Baixos na década de 2010.

Chama atenção no mapa o significativo registro de Baixos na Zona Norte da cidade. As áreas mais isoladas da Zona Norte, que apresentavam uma ocorrência mais rarefeita de Baixos, mantêm esse padrão. Nota-se, todavia, o surgimento de pequenas concentrações em alguns pontos específicos, como no corredor entre Higienópolis, Bonsucesso e Penha, e na área de Cordovil, Brás de Pina e Vista Alegre, todos ao longo da linha de trem do Ramal de Saracuruna. Os arredores da Avenida Brasil também registram o surgimento expressivo de Baixos em sua área. Em comum a essas áreas, a proximidade com a linha férrea: o ramal Saracuruna da linha de trem e a linha 2 do metrô, em direção à Pavuna.

As concentrações que começaram a se formar na década anterior entre as áreas da Tijuca e Méier se conformam de maneira mais intensa. Ocorre um registro massivo de Baixos nas áreas, tendo apenas o Grande Méier, por exemplo, registrado 9 novos Baixos. Soma-se a isso um significativo surgimento de Baixos em áreas de transição entre a Zona Norte e a Zona Oeste, sobretudo nos arredores de Madureira, como Bento Ribeiro, Campinho e Cavalcanti. Consolida-se, assim, um segundo eixo de expansão e concentração de Baixos na cidade do Rio de Janeiro. Um eixo que parte dos bairros da Tijuca, Maracanã, Vila Isabel e Grajaú, passa por uma intensa concentração de Baixos nos bairros do Grande Méier e vai em direção à Madureira e à Zona Oeste, esta última com uma presença ainda diminuta de Baixos.

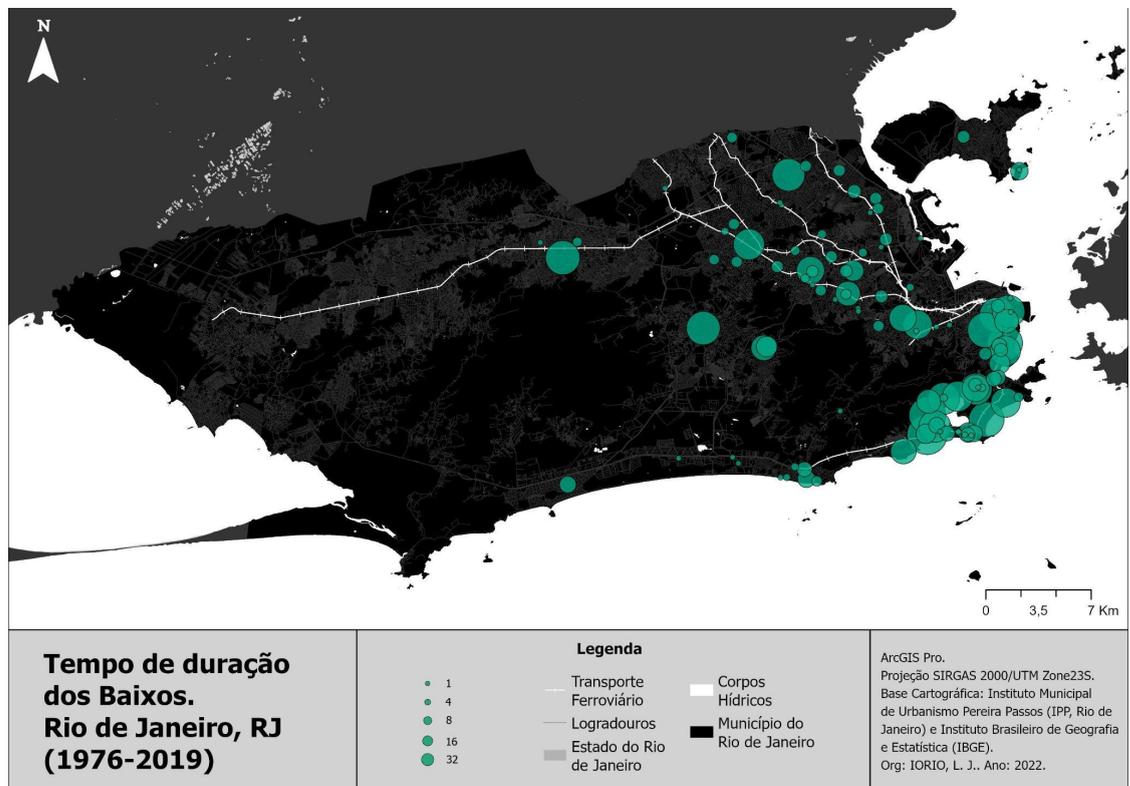


Figura 14: Período de duração dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro (1976-2019). Elaboração própria.

O padrão parece indicar que, tal como a expansão da noite carioca e do próprio tecido urbano, a Zona Oeste será o último terreno a ser explorado pelos Baixos. Nota-se que a Zona Sul concentra os Baixos mais velhos e de maior duração, enquanto na Zona Norte o processo ainda se configura em um momento de expansão. Frente pioneiras já se consolidaram nos limites da Zona Norte e verifica-se a sua presença em alguns subcentros comerciais na área. Observa-se nos mapas abaixo esse perfil de expansão urbana, que condiz com o que se observa no mapa anterior: áreas de expansão mais recente possuem Baixos mais recentes, ainda jovens, enquanto áreas de expansão mais antiga possuem Baixos de grande duração.

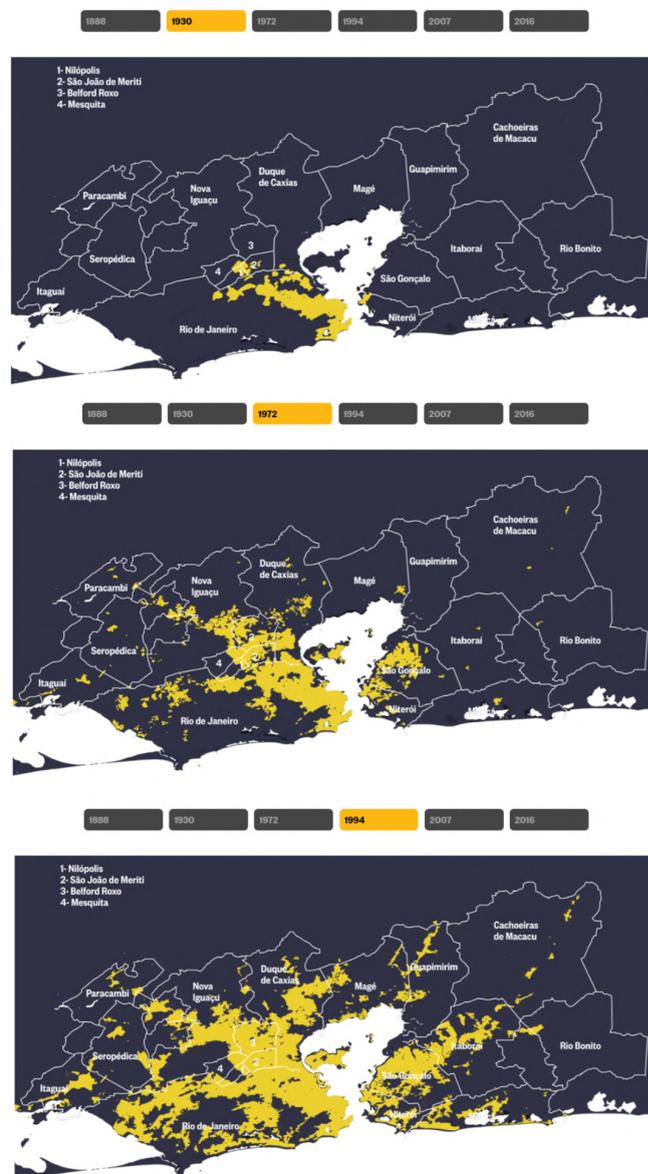


Figura 15: Evolução da mancha urbana na Região Metropolitana do Rio de Janeiro em 1930, 1972 e 1994. Nota-se, no município do Rio de Janeiro, uma progressiva expansão em direção a Oeste. Fonte: Jornal O Globo³¹.

³¹ Disponível em: <https://infograficos.oglobo.globo.com/rio/expansao-urbana-do-rio-de-janeiro.html>

Esse surgimento massivo segue alguns vetores de expansão associados a elementos do transporte urbano, como o traçado de ramais de trem, sobretudo o ramal Deodoro, além de importantes vias expressas de ligação rodoviária entre subcentros comerciais da Zona Norte. A Avenida Dom Hélder Câmara, antiga Avenida Suburbana, que liga a Zona Norte e a Zona Oeste, concentra em seus arredores diversos novos Baixos surgidos nos últimos anos. A área em questão passa por um forte processo de valorização imobiliária e diversificação de serviços e infraestrutura urbana a partir dos anos 2000, conforme analisa Santos (2021), sobretudo no contexto dos megaeventos ocorridos na cidade. Além disso, fatores como o rápido acesso pela Linha Amarela, conectando-a ao resto da Zona Norte e à Zona Oeste, e a presença do Norte Shopping, segundo maior da cidade, são grandes atrativos de pessoas ao local. Impulsiona-se a área e, com as transformações vividas por ela ao longo dos anos, entre a instalação de novos empreendimentos e obras de melhoramento da infraestrutura urbana, dentre calçamentos, praças e etc., consolida-se uma nova centralidade na cidade e na noite carioca.

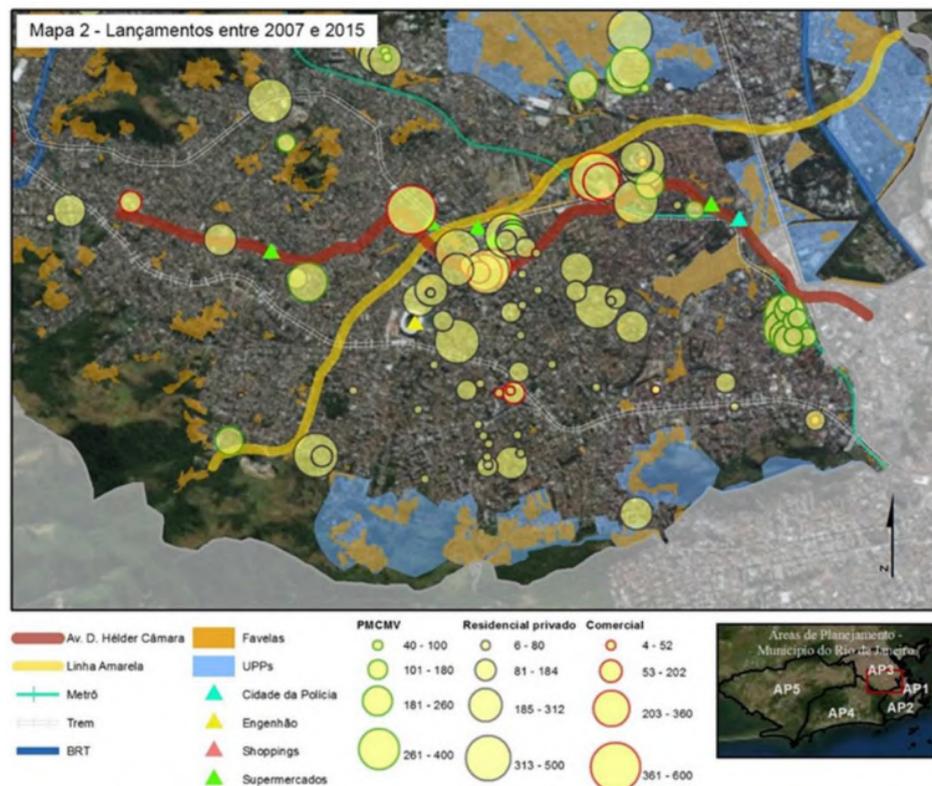


Figura 16: O massivo lançamento de empreendimentos nos arredores da Avenida Dom Helder Câmara alcançou seu auge entre os anos de 2007 e 2015. De igual maneira, trata-se do momento de maior registro de Baixos no local. Elaborado por Pedro Henrique Santos³².

³² Disponível em:

https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/22454/ANAIS_2019_FINAL.pdf?sequence=4&isAllowed=y#page=40

A Zona Norte passa a desempenhar um papel central no curso dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro ao longo das décadas. Se antes ela sediava uma concentração espaçada e tímida, os últimos anos exibem como seus bairros passam a abrigar uma intensa presença de Baixos. Tal consolidação é reflexo de um movimento que se iniciou ainda na década de 1980, sendo fruto de um duplo processo analisado e discutido por Marcos Góis. De um lado, a ação de empresários da noite carioca e suas estratégias de expansão levam à variação de suas atividades em direção à Zona Norte. Por outro lado, a ação do poder público com obras de urbanização e reestruturação urbana em espaços de sociabilidade noturna, como o Corredor Cultural, o Rio Cidade, os Polos do Rio e o Rio Ruas Comerciais trouxeram novos contornos à vida noturna carioca. Apesar das ações não terem sido exclusivas à Zona Norte, é inegável seu impacto nessa parcela da cidade e na remodelação da sua noite. Segundo Góis,

“O projeto de estímulo aos pólos comerciais surge quando os empresários cariocas, e neste caso os empresários da noite urbana, já estão bastante organizados em torno de seus clusters. A criação dos pólos segue, inclusive, o próprio movimento dos empreendedores cariocas, iniciando no Centro da cidade, indo em direção à Zona Sul e finalmente se desdobrando para a Zona Norte da cidade. [...] Este duplo processo parece ter produzido um quadro diverso de situações, com novas localizações de centros de vida noturna, baseadas em padrões sócio-espaciais que reproduzem de uma maneira geral as práticas da vida noturna dos cidadãos cariocas.” (GÓIS, 2015b, p.191 e 192).

Não se pretende afirmar que isso significa que a vida noturna na Zona Norte da cidade ganhou força apenas nos últimos anos, com o surgimento mais intenso dos Baixos ali, ou com a execução de tais programas. Ela já era rica e variada, com lugares históricos e espaços proeminentes que compunham a vida noturna cotidiana e excepcional da cidade. Essa nova tendência, porém, sinaliza no mínimo um aprofundamento dessa variedade e a inserção mais intensa da Zona Norte em um processo que já marca a vida social do Rio de Janeiro há quase 50 anos. Cumpre observar e analisar como os Baixos mudaram de lá para cá. Os Baixos, suas configurações e significados se transformam, de forma que o Baixo registrado no Leblon em 1976 se difere do registrado em Irajá em 2018, por exemplo. O universo dessas transformações e a influência do tempo e do espaço no seu curso serão objetos de análise nos capítulos a seguir.

Por fim, concluímos, evidencia-se que a expansão dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro é paralela a dois processos distintos, porém interligados em sua raiz: a expansão da vida noturna na cidade e a própria evolução do espaço urbano carioca. Em primeiro lugar, o padrão de concentração no eixo Zona Sul-Centro reflete a própria espacialidade da vida

noturna carioca, de intenso movimento nos bairros da Zona Sul e retomando com força os espaços do Centro da cidade a partir dos anos 1980. Posteriormente, a tendência à descentralização da vida noturna, iniciada nos anos 1980 porém intensificada nos anos 1990 e início dos anos 2000, se reflete no boom de surgimento de Baixos na Zona Norte da cidade.

A associação ganha ainda mais força quando notamos que a expansão na Zona Norte se faz a partir de Baixos localizados em subcentros da cidade. Antes isolados no mapa como frentes pioneiras de expansão desses espaços, tal como seus bairros o foram para a expansão da urbe carioca, agora consolidam-se como importantes centros na noite carioca, polarizando um conjunto de Baixos ao seu redor.

6 DE BAIXO EM BAIXO: FORMAS E TIPOS, CATEGORIAS E CLASSES.

Do primeiro registro no Baixo Leblon, em 1976, até o momento atual, passaram-se quase 45 anos. São mais de quatro décadas de notícias e registros de diversas épocas e contextos da vida social carioca e em diferentes fontes e formatos, reunidas sob o rótulo de “se estar no Baixo”. Houve um momento na cidade em que “Ir ao Baixo” era uma frase unívoca, afinal, o único existente na cidade, o Baixo Leblon, figurava cotidianamente na mídia como o *point* do momento e a obrigação social da juventude carioca. Mas hoje, se a frase de Caetano Veloso em “Lua e Estrela” fosse replicada – *Quem sabe eu te encontro de noite no Baixo* – faria mais sentido que se respondesse: *Mas qual deles?*

Foi registrado um total de 106 Baixos na cidade do Rio de Janeiro entre 1976 e 2019, limite final do levantamento realizado para esta pesquisa, distribuídos por 62 bairros da cidade, em todas as suas 4 zonas. Apesar das características dessa expansão mostrarem que certos bairros e zonas tiveram primazia no processo e desempenharam papéis diferenciados ao longo das décadas, como visto no capítulo anterior, é inegável que os Baixos constituíram e ainda constituem uma parte de suma importância na história e no cotidiano atual da vida noturna do Rio de Janeiro.

As formas com as quais esses espaços se apresentaram na cidade nem sempre foram iguais e a ideia de “Baixo” que se tinha no momento de sua origem se alargou, sofrendo inúmeras formas de variação ao longo do tempo e do espaço, ora de maneira mais tímida e pontual, ora de maneira mais intensa. Os Baixos não foram espaços estáticos e imutáveis ao longo de sua trajetória, menos ainda padronizados e de características uniformes. Suas

dimensões materiais e imateriais foram diversamente transformadas e os cenários que se apresentaram nessas décadas foram igualmente múltiplos. Os percursos e os padrões dessas transformações serão analisados no capítulo seguinte. Antes, é importante que se discuta o universo e a natureza dessas transformações, bem como seus tipos e a variedade de formas e sentidos que delas decorrem.

6.1 Os nomes dos Baixos

No capítulo anterior, ao analisar o caminho percorrido pelos Baixos ao longo dos anos, foi discutido brevemente como já em 1982 suas formas de nomenclatura apresentavam variações em relação aos primeiros Baixos que surgem e se consolidam na cidade. O padrão “Baixo + *bairro*”, como em Baixo Leblon, Baixo Gávea e Baixo Botafogo é quebrado com o surgimento do Baixo Cinelândia, que faz referência à Praça da Cinelândia (oficialmente Praça Floriano), local histórico do centro do Rio de Janeiro, cujo nome se origina da presença marcante de grandes cinemas de rua no local, hoje quase que inexistentes ali. Tal padrão só seria rompido novamente 4 anos e 16 Baixos depois, com o surgimento dos Baixos Faro e Bernadotte, em referência às ruas da Zona Sul carioca, em 1986.

Apesar da quebra do padrão predominante, com o nome dos bairros, a referência que segue o termo “Baixo” até então se mantinha atrelado, antes de tudo, a uma referência espacial e locacional. A referência aos locais de ocorrência dos Baixos era preservada, seja na escala mais ampla dos bairros, seja numa escala mais reduzida, de praças ou ruas. Pensar que as referências ao local se tornam mais precisas e específicas com o tempo demonstra não só a flexibilização da ideia dos Baixos no imaginário social, mas também como a sua criação e a sua consolidação enquanto um Baixo se tornava “acessível” a um número cada vez maior de pessoas e grupos. A existência prévia de um Baixo Leblon, por exemplo, não impediria que outras áreas do bairro do Leblon que apresentassem atividades noturnas reivindicassem para si o seu próprio status de Baixo, ainda que sem o nome do bairro, mas sim da rua ou da praça.

Com o passar dos anos, as referências aos locais se tornaram ainda mais numerosas e variadas, entre bairros, ruas, praças e outros tipos de locais. Em 1989 surge o Baixo Lido, localizado no sub-bairro do Lido, em Copacabana, e em 1993 o Baixo Horto, no sub-bairro homônimo do Jardim Botânico. O mesmo processo ocorreu com a criação do Baixo Vila, em referência à favela da Vila do Pinheiro, no Complexo de Favelas da Maré.

Baixo Vila: nasce um 'point' junto à Linha Vermelha

Foto de Jorge William

O cardápio não é dos mais variados e a música dificilmente escapa do brega-sertanejo mas, mesmo assim, um novo **point** vem se firmando na Zona Norte: é o Baixo Vila, na Vila do Pinheiro, em Bonsucesso. Com clientela certa — os 800 operários da Carioca Engenharia que trabalham no lote três da Linha Vermelha — oito birosacas, abertas quase simultaneamente à instalação do canteiro de obras, transformaram a via B-3 na mais movimentada do bairro. Só que, ao contrário dos seus "primos" Baixo Leblon e Baixo Gávea, o Baixo Vila ferve num horário de espantar boêmios: entre 8h e 9h30m.

Abrir birosacas foi a maneira encontrada pelos moradores da vila para espantar a crise. Na rua principal, conhecida como Via Seletiva, são mais de dez e, ao redor do Baixo Vila, mais cinco bares servem aos operários. Os petiscos variam de lingüiça frita a salgadinhos engordura-



Um dos bares junto às obras da Linha Vermelha: operários formam freguesia

dos, passando por moelas de galinha mergulhadas em molhos indescritíveis. Mas se a cachaça, o cafezinho ou o "pingadinho" — cachaça com conhaque — são as bebidas mais vendidas, a água é de graça para conquistar a simpatia do freguês.

A confusão da obra, que só deverá acabar em meados de 1992, já está deixando saudades em

muita gente. E o caso do aposentado Hermínio José Inácio, o Hermínio Barbudo, de 48 anos, que montou na garagem sem uso de sua casa — em frente ao canteiro de obras — um animado barzinho.

— O pessoal é "maneiro" e só fico triste quando penso que eles vão embora — afirma.

Figura 17: Baixo Vila, na Vila do Pinheiro - Jornal O Globo, 18/12/1991.

Concomitantemente, referências mais elásticas e específicas aos locais de ocorrência dos Baixos também são registradas. A primeira delas ocorreu também no Leblon, com o surgimento do Baixo Cobal. A Cobal³³ era, e ainda é nos dias de hoje, um complexo comercial dotado de um conjunto de estabelecimentos do gênero alimentício e outros serviços. No caso do Leblon, e em 1989 na Cobal do Humaitá, suas vidas e atividades noturnas ganharam notoriedade na mídia e relevância na noite carioca, lhes atribuindo o status de Baixo. Já em 1992, a ocorrência de um Baixo nas dependências do Condomínio Condado de Cascais, na Barra da Tijuca, ocasionou na consolidação de um Baixo Cascais, enquanto em 1996 registrava-se o Baixo Telles, referente ao Arco do Telles, conjunto de ruas de intensa e tradicional atividade boêmia no centro da cidade.

Apesar de predominante, a referência espacial/locacional não foi a única forma de nomenclatura dos Baixos. Já foi discutido como os seus frequentadores tiveram e ainda têm

³³ COBAL é a sigla para Companhia Brasileira de Alimentos, criada pelo Presidente João Goulart em 1962 para o abastecimento de gêneros alimentícios das grandes cidades brasileiras. Entre os objetivos do programa, estava a criação de diversos mercados, que funcionariam como pontos de vendas a varejo. Estes locais incorporaram o nome do programa, passando a ser conhecidos como Cobal. A primeira Cobal foi criada em 1971, no Humaitá, seguida pelas unidades do Leblon, Méier e Campinho em 1972 (Lopes & Vasconcellos, 2009; Lopes & Rocha, 2013). Disponíveis, respectivamente, em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/112.pdf> e http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/006-lobes.pdf

uma forte influência na definição de suas características. Sendo espaços da informalidade e da liberdade, faz sentido que seus clientes, sobretudo os tradicionais, se valham desses atributos para diversos fins, como a sua nomenclatura. O próprio termo “Baixo”, conforme o capítulo anterior demonstra, foi fruto de um jogo de palavras dos frequentadores do primeiro Baixo da cidade, nomeado por eles de Baixo Leblon. Com isso, já em 1986, surge a primeira nomenclatura não-espaial dos Baixos: o Baixo Gay.

O Baixo Gay era um sobrado de dois andares localizado na Rua Santa Luzia, centro do Rio de Janeiro, onde realizavam-se diversos espetáculos e performances voltados à comunidade e ao público homossexual masculino, principalmente. Se consolidando como um ponto de encontro da comunidade gay na cidade e sendo marcado pela efervescente vida noturna, o espaço passa a ser chamado de Baixo Gay em uma referência não mais ao seu local de ocorrência, mas sim ao público frequentador e à identidade compartilhada por esse grupo. Como dito anteriormente, sendo o próprio nome dos Baixos uma forma de afirmação social do grupo que o compõe, a existência de um Baixo conformado pela comunidade gay, ou parcela dela, consolidava sua presença na noite carioca, sobretudo no contexto de democratização no país com o fim da Ditadura Militar, um ano antes. Com o passar dos anos e a posterior decadência do referido local na Rua Santa Luzia, outros dois Baixos Gay foram registrados, ambos na Zona Sul: um localizado na Rua Visconde Silva, em Botafogo, em 1996 e o outro em Ipanema, entre as ruas Teixeira de Melo e Farme de Amoedo, em 2001.

As referências aos grupos que frequentavam os locais em seus nomes se tornaram comuns nos Baixos da cidade, apesar de não serem tão predominantes quanto as referências aos locais. Ainda em 1992 foi criado o Baixo Gama, em referência aos estudantes da Universidade Gama Filho, no bairro de Piedade, Zona Norte do Rio de Janeiro. A tendência extrapola até mesmo o universo boêmio da noite carioca e passa a ser utilizada para atividades cotidianas de lazer e saúde. O trecho da Praia do Leblon que abriga um espaço infantil com parquinhos e aparelhos de lazer para crianças passou a ser chamado de Baixo Bebê por seus frequentadores. O nome se popularizou, se associou ao espaço e ainda hoje é incorporado de maneira oficial ao local, tendo ganhado novas versões na cidade³⁴. Da mesma forma, a área da mesma praia em que idosos praticavam atividades físicas matinais foi relatada nos jornais e revistas como o Baixo Vovô. Os Baixos passam a ser tratados, antes de tudo, como pontos de

³⁴ Além do Baixo Bebê original, na Praia do Leblon, uma nova versão foi criada no bairro da Lagoa, às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas. Em 2015, a Veja RIO noticiou que o Parque Madureira, localizado na Zona Norte da cidade, também ganharia um Baixo Bebê até o final do ano em questão.

encontro na cidade e a referência ao seu público no nome é parte essencial do jogo de palavras.



Figura 18: Segundo Baixo Gay, localizado na Rua Visconde Silva, em Botafogo - Jornal do Brasil, 08/1997.

A mesma lógica se aplicou na Barra da Tijuca, quando a concentração de pessoas que se reunia na praia do bairro, ao redor de um quiosque, para soltar pipa e consumir comes e bebes ao longo da prática ganhou o nome de Baixo Pipa, em 2005.

As mudanças nas formas de nomenclatura dos Baixos não necessariamente implicam em mudanças de outras naturezas, como na sua forma física ou no curso dos seus comportamentos e significados. Os nomes não são exclusivamente originários dos cenários, assim como os cenários não dependem dos nomes para sua organização. Tais relações serão objeto de análise no próximo capítulo, mas por hora cumpre perceber que ambos os tipos de mudança parecem estar inseridos em um mesmo universo de transformações e alargamentos que a ideia de “Baixo” sofreu através dos séculos.

6.2 A quantidade de estabelecimentos

Definir de maneira exata o que é um “Baixo” costuma ser uma tarefa complicada. A sua marcante presença pela cidade e as variedades de formas, comportamentos e significados que se desenvolveram ao longo da sua história na noite carioca tornam qualquer definição restrita. Privilegiar certos aspectos geralmente implica em deixar de lado outros tão importantes quanto, da mesma forma que defini-los como simples espaços de sociabilidade noturna é igualmente restritivo, sobretudo tendo em mente o papel diurno que diversos deles apresentam.

Em um esforço máximo de generalização, as definições mais simples do que seriam “Baixos” privilegiam três características fundamentais presentes em seu momento de consolidação e intensamente reproduzidas ao longo dessas 5 décadas. Em primeiro lugar, a concentração de estabelecimentos em uma área de um bairro. Trata-se de uma configuração física e morfológica, fruto de um processo de coesão espacial e a conformação de economias de aglomeração³⁵, isto é, uma ação empresarial onde estabelecimentos de um mesmo ramo/serviço se concentram em um local, trazendo benefícios para todos. Em segundo lugar, observa-se a intensa ocupação dos espaços públicos adjacentes a esses estabelecimentos por parte de seus frequentadores, isto é, uma configuração de práticas e condutas. A paisagem urbana, e especificamente a noturna, é profundamente marcada por essa ocupação, que tem justamente na complementaridade entre público/privado e estabelecimento/rua o desenvolvimento da sua vida social.

Por fim, em terceiro lugar, observa-se um tipo de configuração de sentidos e significados referentes à inserção do Baixo no espaço. Os dois primeiros fatores citados são observados comumente em outros espaços da cidade que não são conhecidos como Baixos. Um Baixo, porém, diferencia-se por ser uma parte, uma parcela dentro de um todo. Dentro de um bairro, uma rua ou uma praça, seu Baixo é sua parcela boêmia, sua área da vida noturna. No sentido inverso, ao carregar o nome do espaço em que está, o Baixo veicula seu conjunto de valores e sentidos. Os três elementos que caracterizam um Baixo, portanto, são de ordem

³⁵ As economias de aglomeração, os *clusters*, são formas comuns de organização espacial de atividades produtivas e serviços no espaço. A lógica é que a proximidade geográfica entre os locais de produção e serviços se traduza em vantagens para ambas as partes envolvidas, tornando a atividade mais exitosa do ponto de vista econômico. O que em uma primeira abordagem seria considerado negativo, com o aumento da concorrência em uma mesma área, se traduz em uma maior atratividade e notoriedade para o polo do serviço em questão, gerando uma maior demanda e maiores lucros. Exemplos de economia de aglomeração no Rio de Janeiro são a Rua dos Lustres, no bairro de Benfica, concentrando diversas lojas especializadas em produtos de iluminação e a Avenida Intendente Magalhães, em Campinho, com suas diversas concessionárias de automóveis.

física, de condutas e de sentidos, isto é, as três dimensões que compõem uma cena. Evidencia-se mais uma vez a importância de concebê-los e analisá-los enquanto cenários.

A conjunção desses elementos conformou a grande maioria dos Baixos registrados na cidade e como consequência consolidou essa forma de organização de cenários como os mais tradicionais e comuns ao falarmos desses espaços. Apesar disso, em diversos momentos e espaços da cidade foram registrados Baixos com cenários desviantes desse padrão, em maior ou menor grau. Esse fato, longe de enfraquecer as formas mais “tradicionais”, são mais um reflexo do alargamento e da abertura que a ideia de “Baixo” passa na noite carioca. Neste item será discutido um desses reflexos, que diz respeito justamente à primeira grande característica dos Baixos: a sua quantidade de estabelecimentos.

Em meados da década de 1970, antes mesmo da ideia ou do nome “Baixo” ter sido consolidado no Leblon, a grande oferta e variedade de estabelecimentos presentes no que viria a ser em breve o Baixo Leblon foi um dos grandes responsáveis pelo êxito do local. Diferentes serviços e opções em um mesmo local o tornou mais atrativo aos clientes e gerou diversas formas de usos e atividades na área, além de um maior dinamismo, pois uma ida ao Baixo implicava frequentar diversos bares e restaurantes ao longo da noite. A circulação se intensifica e os fluxos passavam a unir diferentes estabelecimentos, cujos públicos se misturam nas ruas, esquinas e calçadas como um só.

Não apenas os Baixos seguintes ao Baixo Leblon preservaram esses aspectos, como a grande maioria até hoje ainda se configura dessa maneira. Dos 106 Baixos registrados nesta pesquisa, 85 tinham e/ou tem como característica básica a concentração de estabelecimentos. A manutenção desse padrão é muito menos fruto de uma “tradição” dos Baixos em se organizarem dessa maneira e o esforço para a sua preservação e muito mais em torno dos benefícios e vantagens econômicas advindas dessa forma de organização espacial das atividades. Nesse sentido, os Baixos e sua aglomeração de estabelecimentos funcionam como clássicos exemplos de *clusters* e economias de aglomeração, como dito anteriormente. A concentração se traduz em uma variedade de serviços, em vantagens econômicas para o empresariado do local e em notoriedade social para a área, que passa a ser mais atrativa e consolidada.

Com o passar dos anos e a maior variedade de elementos associados, se registraram na cidade alguns Baixos cuja configuração abrigavam apenas um estabelecimento. Assim como as formas de nomenclatura, a primeira variação na quantidade de estabelecimentos de Baixos também ocorreu em 1982, ou seja, nos primeiros anos da expansão dos Baixos no Rio de Janeiro. O primeiro Baixo Ilha, localizado no bairro da Ribeira, na Ilha do Governador,

próprios estabelecimentos passam a ter como nome fantasia o termo “Baixo”, acompanhado de sua referência. Nesses casos, os Baixos não se tratam mais da área de sociabilidade em si, mas do nome oficial do estabelecimento. O primeiro caso ocorreu em Jacarepaguá, em 2000, com o restaurante Baixo Araguaia, localizado na Rua Araguaia. Em seguida, o processo se repete na Barra da Tijuca, com a churrascaria Baixo Barra, e em 2007, na Rua Gago Coutinho, em Laranjeiras, com um bar/restaurante chamado Baixo Gago. Ao longo da década de 2010 surgiram inúmeros outros, como o Baixo Valqueire, Baixo Cavalcante, Baixo Pavuna, entre outros. O Baixo se consolida como uma espécie de “marca”, no sentido comercial, da noite carioca. E batizar seu estabelecimento com essa marca significa situá-lo em um processo consolidado com mais de 40 anos de desenvolvimento na cidade.

Os contextos em torno de cada caso são únicos. Existem “Baixos estabelecimentos” que precederam a existência de um Baixo enquanto uma área maior. Os estabelecimentos cresceram, foram bem-sucedidos, movimentaram a vida noturna da área e atraíram novos estabelecimentos para o local. Assim, o Baixo seria não mais apenas o estabelecimento inicial, mas a área do entorno, que incorpora o seu nome. Por outro lado, o caminho oposto também ocorreu: espaços de sociabilidade já consolidados como Baixos e o surgimento posterior de um estabelecimento local batizado com o seu nome. Em alguns casos também nada ocorreu: enquanto o Baixo Barra churrascaria não existe mais, sendo hoje um shopping, o Baixo Gago ainda está em atividade mas sem ter se consolidado como uma área em si, ficando restrito ao estabelecimento.



BAIXO ARAGUAIA
A MELHOR PICANHA DO RIO

- Atendimento único e personalizado
- Carnes importadas
- Ambiente familiar
 - espaço infantil
- Qualidade e bom preço
- Entrega em domicílio

Segunda a Sexta:
das 18h às 02h
 Sábado: das 12h às 02h
 Domingos e Feriados:
das 12h às 00hs

TEL.: 3392-3760 • 2424-9773
 Rua Araguaia nº 1.709 Freguesia jacarepaguá



Figura 20: Baixo Araguaia e Figura 21: Baixo Gago, estabelecimentos batizados como “Baixos” e em referência às suas ruas de localização - Jornal do Brasil, 2007 / Site Apontador, ano desconhecido, respectivamente.

As intenções em nomear um estabelecimento com o nome de tradicionais espaços de sociabilidade da cidade podem ser inúmeras. Estratégias comerciais, maior visibilidade, inserção do local em um contexto maior da noite carioca, uma homenagem, entre outras possibilidades. Os dados obtidos nas investigações para essa pesquisa são insuficientes para que se afirme qualquer uma delas. Mas o fato é que, sendo intenção ou não, apenas sua nomeação já situa o local dentro de um contexto social maior na cidade, apesar das inúmeras diferenças que possam ser encontradas entre eles. Uma pizzaria/hamburgueria na Zona Norte da cidade chamada Baixo Pavuna, cujo cardápio não conta com oferta de bebidas alcólicas, nada tem a ver com o Baixo Vista Alegre, que a poucos quilômetros de distância abriga um Polo Gastronômico e o coração da vida noturna da região com seus diversos bares e restaurantes. Porém, ambos são unidos pela ideia de “Baixo”, em toda a sua diversidade de formas e comportamentos.

Por fim, o fato de concentrarem apenas um estabelecimento, sejam eles com nomes “normais” ou com nomes de Baixos, não implica em uma mudança integral no seu conjunto de morfologias e comportamentos. A prática da circulação entre estabelecimentos é impossibilitada em um Baixo de estabelecimento único, porém a existência de morfologias de ligação entre os espaços públicos e privados, como varandas e balcões, além da intensa ocupação das calçadas ao redor do local continuam se fazendo presentes em inúmeros casos, guardando uma relação direta com as formas mais tradicionais de organização dos cenários dos Baixos.

6.3 A variedade de atividades e serviços

Faz sentido concluir que o grau de variedade de atividades e serviços encontrados em um Baixo guarda uma relação estreita com a sua quantidade de estabelecimentos. Quanto maior o número de estabelecimentos, maior o número de serviços oferecidos, e vice-versa. Esse padrão é predominante quando analisados os diferentes graus dessa variedade de serviços comparando-os com os dados sobre a quantidade de estabelecimentos. Porém, essa relação não é uma regra necessária e nem sempre quantidade será sinônimo de variedade, em maiores ou menores graus.

De maneira geral, sendo os Baixos espaços de sociabilidade noturna predominantemente voltados ao público jovem e tendo a vida boêmia no coração da sua concepção e expansão pela cidade, os serviços ali ofertados giram em torno de atividades de

consumo de comidas e bebidas, acompanhados da sua ambiência musical, seja ela ao vivo ou não. O cenário descrito, tradicional de bares e restaurantes como um todo, encontram nos Baixos e nos seus vários estabelecimentos uma variedade de serviços e tipos de atividades tão múltiplos quanto às próprias ideias de Baixo que se conformam ao longo das décadas. Nesse sentido, apesar de haver um tipo dominante, o grau de variedade de atividades e serviços que se ofertam nos Baixos varia.

O grau mais restrito, “Grau baixo”, geralmente se associa a Baixos de estabelecimento único. Dos 13 Baixos de grau baixo, 9 possuem um único estabelecimento. Os outros 4, apesar de conterem mais de um estabelecimento, ofertam serviços mais básicos e sem grande variedade de opções, a exemplo dos 9 já citados. Os comes e bebes comercializados no local são mais tradicionais e comumente encontrados em bares e restaurantes, ou com uma única especialidade de atividades, como na churrascaria Baixo Barra. De igual maneira, a oferta de outros serviços, como música, entretenimento ou algum tipo de lazer não se verifica nos Baixos de grau baixo ou, quando existem, são únicas e não coexistem com outras. Um exemplo desse último caso seria o Baixo Pipa, especializado em pipas e se associando ao consumo de bebidas básicas, sem grandes variedades.

Dos 13 Baixos de menor grau, 10 surgem a partir de 2010. O primeiro, Baixo Glória, surge apenas em 1996. A concentração e registro mais intenso desse tipo nos últimos anos é um indicativo da cada vez maior abertura e flexibilização da ideia de Baixo na cidade, processo já identificado e refletido em outras categorias de análise.

Os Baixos de grau médio são mais numerosos e espaçados no tempo. Dos 26 registrados, 13 surgiram na última década. Apesar disso, sua ocorrência vem desde 1982 com o primeiro Baixo Ilha, que apesar de ter na feijoada seu carro-chefe, apresentava um grau mais variado de produtos e serviços em seu estabelecimento. São, portanto, espaços mais variados e com uma maior opção de atividades se comparados aos Baixos de grau baixo.

A relação desses Baixos com a quantidade de estabelecimentos varia. Destes, 17 Baixos apresentam múltiplos estabelecimentos, enquanto 9 são de estabelecimento único. A regra mais geral, que atrela a variedade de atividades com a quantidade de bares, restaurantes e afins, encontra nos Baixos de grau médio seus maiores desvios. Ao mesmo tempo em que pode ocorrer de um único estabelecimento oferecer uma ampla variedade de serviços gastronômicos e opções de drinks e bebidas, um local com dois ou três bares, por exemplo, pode oferecer essa mesma variedade, sendo ambos Baixos de grau médio.



Figura 22: Baixo Benfica, na Rua General Gustavo Cordeiro de Farias, Benfica - Perfil no Instagram @luisgustavorj, 2021.

Apesar da forte presença de Baixos de grau baixo e médio na cidade, a consolidação desses espaços de sociabilidade na vida social carioca se faz atrelado a um alto grau de oferta de atividades, isto é, com uma grande diversidade de elementos nos seus cenários, com diferentes formas, práticas, serviços, produtos, tribos, sentidos e etc. Nesse sentido, dos 106 Baixos registrados, 67 apresentam um grau de variedade de atividades e serviços alto.

Sua distribuição ao longo do tempo é constante. Em todas as décadas analisadas, o surgimento de Baixos de alto grau de variedade de serviços supera o número de Baixos de graus médio e baixo somados, tamanha é a sua expressividade. A exceção é a década de 2010, quando são os menos registrados na cidade.

O alto grau conferido a esses Baixos gira em torno de uma ampla oferta de atividades e serviços que extrapolam a natureza gastronômica tipicamente boêmia e avança para outras áreas do lazer e da vida social. Os bares, restaurantes e botequins apresentam um cardápio variado e com diversas opções de consumo de comidas e bebidas. Ao mesmo tempo, restaurantes especializados também podem compor o cenário desse tipo de Baixos, com os estabelecimentos mais tradicionais coexistindo com espaços de comida italiana, japonesa, árabe, hamburguerias, entre outros. A música, um dos elementos centrais de espaços de

exclusivamente boêmio e social e passam a apresentar uma relevância também cultural para a cidade.

INFORME PUBLICITÁRIO

DA ASPIRINA À CAMISINHA NA PIAUÍ TEM TUDO A QUALQUER HORA

Se alguém perguntar inesperadamente qual a farmácia mais conhecida da Zona Sul a resposta imediata é Farmácia Piauí no Baixo Leblon.

Num dos pontos mais badalados do Rio — o Baixo Leblon — a farmácia é parada certa para aqueles que preferem um Engov antes de começar qualquer noite.

Há 36 anos no ramo farmacêutico, o nome Piauí consolidou-se de uma tal maneira que nem mesmo o fundador e atual diretor João Ney Paracampo poderia imaginar que seu negócio iria ter hoje 140 funcionários e duas filiais — a do Leblon, na Rua Ataulfo de Paiva, 1283 e de Copacabana, na Rua Barata Ribeiro, 646.

Mas o sucesso da Piauí não chegou por acaso. E nem só pela badalação do Baixo Leblon. É fruto de muito trabalho e dedicação, tanto do proprietário como dos funcionários, que "não medem sacrifício para prestar um bom atendimento ao cliente" enfatiza Gercino Correa, funcionário da casa.

Aberta durante as 24 horas do dia, não há feriado que a faça fechar e, por isso, na compra de qualquer remédio, perfumaria, ou mesmo presentinhos de última hora a opção é a Piauí, que além da variedade possui um enorme estoque, pra não deixar ninguém na mão em nenhuma ocasião.

A farmácia também trabalha com receita-rio de manipulação e com uma equipe para aplicação de injeções, permanentemente de plantão. E para quem tem urgência dos serviços da Piauí, é só ligar para os telefones 274-7322, 274-8448 (Leblon) e 255-9062, 255-7445 (Copa), que um dos motoqueiros da equipe de entrega chegará prontamente ao local desejado.



Além de marcas mais populares, a farmácia também trabalha com mais sofisticadas como Glaxo, Otsu, Rubikín, Dior e outras.

A receita do sucesso: atendimento de primeira.

As compras em grandes quantidades e a frotação junto aos laboratórios explicam o sucesso da Piauí.

Figura 24: Informe publicitário da Farmácia Piauí, no Baixo Leblon. Jornal O Globo, 31/08/1987.

6.4 Os tipos de formas e sua permanência no espaço

Os Baixos se apresentaram ao longo das décadas com uma relativa variedade de formas, algumas delas coexistindo em um mesmo espaço. O tipo padrão, com construções de alvenaria, reflete a tendência mais tradicional de construção de edificações comerciais formais, sobretudo de estabelecimentos como bares e restaurantes. A alvenaria é mais sólida, permanente e consolidada no espaço, com presença mais fixa. Pensando na sua relação com a dinâmica diária dos Baixos, mesmo um estabelecimento que só tenha funcionamento nos períodos da noite e da madrugada, continua fixo no espaço nos demais horários do dia. Nem por isso a sua fixação significa estaticidade. Desde a sua origem, no Leblon, a morfologia dos estabelecimentos dos Baixos estavam sujeitos a adaptações de acordo com as novas demandas surgidas na noite, como expansão de sua área, criação de espaços ao ar livre e etc.

As construções de alvenaria como formas padrão nas edificações dos Baixos é fortemente dominante. Dos 106 Baixos, 100 possuem edificações desse tipo. Apenas em 2005, com o Baixo Pipa, surge o primeiro espaço que rompe a sequência de registro de 65 Baixos cuja forma dominante de edificação era a alvenaria. Antes disso, porém, já se observava uma certa diversificação das formas que compunham os cenários.

A consolidação e a centralidade de um Baixo na noite carioca serviam de atrativo não apenas para novos clientes, que passavam a conhecer e frequentar a área, mas também para trabalhadores do circuito informal da economia que viam no grande quantidade e fluxos de pessoas oportunidades para lucro. Não raramente, as aglomerações de clientes nos espaços públicos adjacentes a estabelecimentos dos Baixos dividiam e ainda dividem espaço com pontos de venda do setor informal, como barracas de alumínio e estruturas de plástico, que ofereciam principalmente bebidas com valores mais baratos dos que os dos bares. Ao longo dos anos, o estabelecimento dessa concorrência gerou inúmeros conflitos entre empresários da área e os vendedores informais, cuja atividade se tornou alvo de diversas ações do Poder Público, que tiveram seu auge no fim dos anos 1990 no Baixo Gávea.



Figura 25: Reportagem sobre ciclo de ações da Polícia Militar do Rio de Janeiro contra o uso e venda de drogas e a ação de vendedores ambulantes no Baixo Gávea - Jornal do Brasil, 27/01/1996

Com o passar do tempo e novas medidas de regulação da prática ambulante, que por sua natureza já se apresenta como uma forma de comércio móvel no espaço, a presença de novos tipos de morfologias nos Baixos se torna mais comum e integrada ao seu cotidiano. Nesses casos, os bares e restaurantes de alvenaria passam a coexistir com novas estruturas, sobretudo de alumínio, com *trailers* e *food-trucks*. Em outros, menos numerosos, a presença de barracas de plástico com armação de ferro também era verificada nas adjacências das edificações de alvenarias. No Baixo Olaria, por exemplo, as três morfologias compartilhavam o tradicional espaço da Zona Norte da cidade conhecido como Largo das Cinco Bocas. Nesses casos, a presença de praças, largos e espaços públicos para onde convergem as interações sociais é fundamental para a instalação temporária desses novos mobiliários associados aos Baixos, enquanto os quarteirões de edificações sediavam as alvenarias.

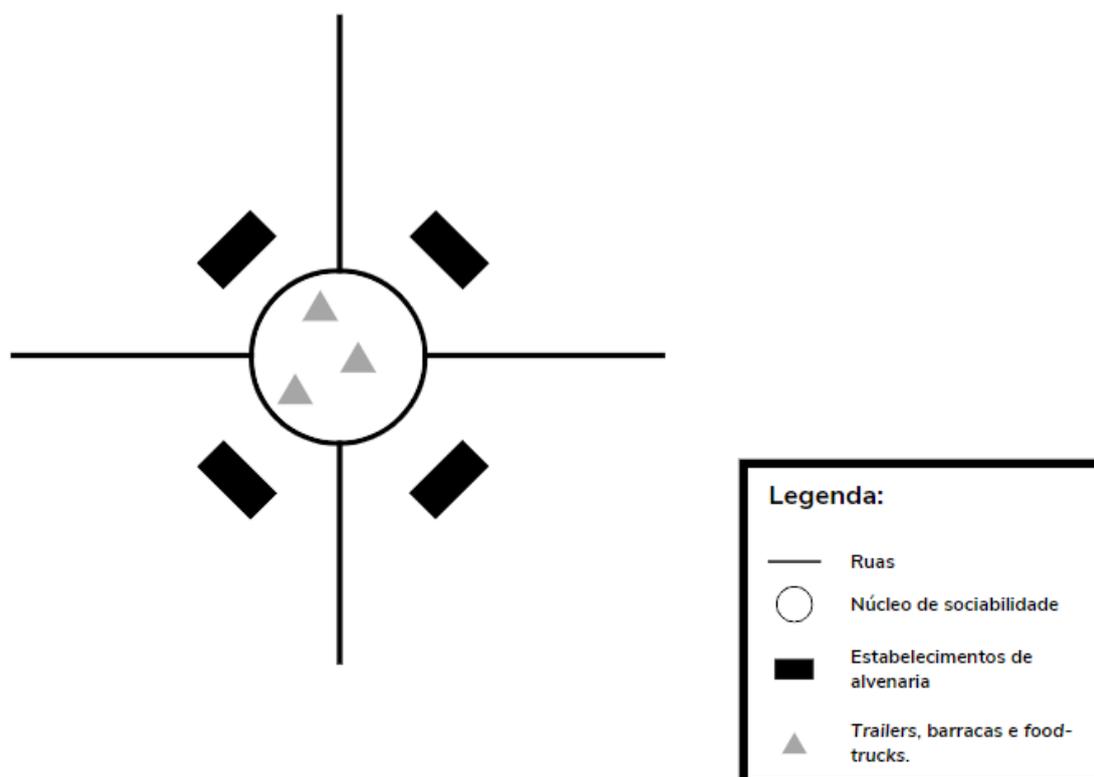


Figura 26: Grafo da distribuição de estabelecimentos nos Baixos de edificações mistas. As alvenarias tendem a se concentrar nos quarteirões e se projetam para as ruas, onde seus frequentadores se encontram e interagem. São nesses núcleos de sociabilidade, como esquinas, praças ou largos, que as novas formas e tipos de edificações e estabelecimentos tendem a se concentrar. Elaboração própria.

A existência de Baixos sem quaisquer formas de edificações de alvenaria é bastante reduzida, porém existente. Dos 6 Baixos que desviam do padrão predominante com presença de alvenaria, 5 surgiram nos onze anos finais do período analisado (2009 a 2019). O Baixo Pipa é a exceção, registrado em 2005. Trata-se de um fenômeno recente e que indica uma das maiores formas de alargamento da ideia de Baixo e o surgimento de novas formas de viver a noite e desenvolver ritos de sociabilidade no espaço³⁶. Com o fim dos ritos e do momento de interação social, o material é desmontado e armazenado ou transportado para outro local, como um cenário desmontado após um espetáculo teatral. O Baixo em questão, fora daquele momento, não apresenta registros ou marcas da sua existência, que passa a ser retomada horas depois, quando o cenário é montado novamente, compondo mais uma etapa da sua existência cíclica.

³⁶ O fenômeno do “isoporzinho” reflete essa tendência e tem crescido de maneira intensa nos últimos anos. Trata-se de um evento onde aglomerações de jovens, reunidos em grupos, consomem bebidas armazenadas em isopores levados por eles mesmos. É muito associado a eventos universitários (Ferreira, 2015, p.92). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/14268>

Nota-se como a forma e as suas possibilidades de mobilidade se relacionam. É justamente a inserção desses novos tipos de materiais que permitem esse movimento. Tal relação, entretanto, não é absoluta. Edificações de alumínio como *trailers* não necessariamente são móveis, podendo permanecer de maneira fixa no espaço, assim como *food-trucks*, que apesar da mobilidade, podem optar por uma permanente ocupação do espaço nos Baixos.



Figura 27 e Figura 28: Área do Baixo Cachambi, na Rua Cachambi, em dois momentos distintos do dia. A morfologia principal, composta por estruturas de trailers, é fixa no local. Estruturas de outro tipo, como tendas de plástico e food-trucks, só passam a compor o cenário à noite. Google Street View, 2021 / Perfil no Instagram @andersonrocha_dj, 2019.

Vimos até aqui como os Baixos, além de possuírem uma significativa presença na cidade ao longo de mais de 40 anos, percorreram também esse caminho através de um processo de diferenciação espacial do seu cenário, aqui ordenada e classificada. Vimos também como diferentes tipos de Baixos parecem guardar relação com situações espaciais e contextos temporais específicos. Através da descrição realizada neste capítulo, tivemos indícios de como as formas dominantes e mais comuns de organização dos Baixos possuem uma geografia e uma temporalidade própria, bem como suas formas mais desviantes. Em suma, não só os Baixos possuem padrões espaço-temporais, mas suas transformações também.

O capítulo a seguir se dedica a analisar e entender como o conjunto de categorias e classes aqui discutidas se relacionam com o espaço e o tempo na cidade do Rio de Janeiro. Em quais espaços e épocas os diferentes tipos predominam, quais tipos mais se associam, quais formas duram mais no espaço e representam um padrão de composição e quais são mais raras e desviantes, sendo mais recentes ou até mesmo efêmeras.

7. OS PADRÕES ESPAÇO-TEMPORAIS DA DIFERENCIAÇÃO ESPACIAL DOS BAIXOS

Ao longo dos capítulos anteriores, vimos e analisamos como se desenrolou a expansão dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro e sua diferenciação espacial. A tipologia de Baixos aqui proposta se faz não apenas como uma forma organizada de apresentar os diversos cenários noturnos, mas também como uma estratégia para compreender os diferentes padrões de tal expansão no tempo e no espaço da cidade. A isso nos dedicaremos a seguir.

Das cinco categorias propostas, junto às suas respectivas classes, as possibilidades de combinação de elementos eram diversas. Os cenários dos Baixos poderiam apresentar (e apresentaram) vários tipos. Um deles foi dominante: Baixos com nomes de bairros, múltiplos estabelecimentos, uma grande variedade de serviços e edificações de alvenaria fixas no espaço. Essa configuração de cenários é apresentada em um total de 45 Baixos, de 106 totais, além de ser a configuração com a qual os primeiros Baixos surgem na cidade e se expandem. Isso nos permite afirmar que essa associação se torna uma espécie de modelo de cenários, sua forma mais tradicional de apresentação. A ela, chamaremos de forma típica dos Baixos.



Figura 29: Nuvem de tags com a relação de classes utilizadas nas cinco categorias dos cenários dos Baixos. Nota-se a maior aparição dos termos associados às formas típicas dos Baixos. Elaboração própria.

Cada uma dessas características se liga diretamente à ideia original de “Baixos”: o pertencimento a um bairro, expressa na sua nomenclatura; a concentração de bares e restaurantes se manifesta nos múltiplos estabelecimentos, na variedade de atividades e na sua forma fixa de alvenaria. É uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que ela expressa a ideia original de Baixo, ela o faz por ser a primeira forma de configuração dos seus cenários na cidade, o início de tudo. Ou seja: a ideia de Baixo se constrói a partir desse cenário, não ao contrário.

Os Baixos mais tradicionais e conhecidos na cidade apresentam essa configuração típica de cenário. Isso quer dizer que, apesar da intensa diferenciação espacial, as formas mais tradicionais se mantêm na cidade e continuam vivas no imaginário social carioca. Sua presença na cidade é uniforme, estando presente em diversos pontos do espaço urbano.

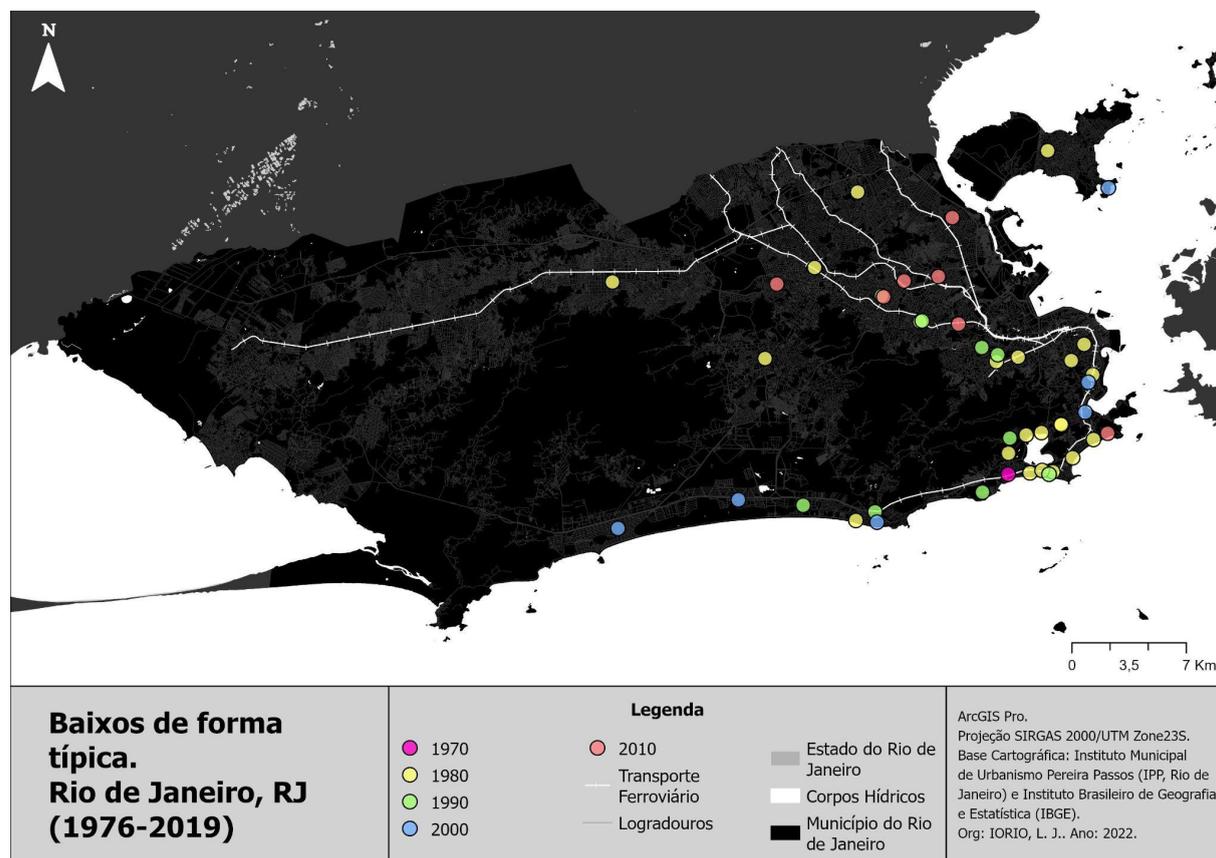


Figura 30: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de forma típica. Elaboração própria.

Os Baixos de forma típica, apesar de espalhados pela cidade, possuem uma forte concentração nas suas primeiras áreas de expansão: os bairros ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas e no eixo Zona Sul-Centro. Nos demais pontos da cidade, os Baixos se apresentam de

maneira dispersa, à exceção de uma pequena concentração na Tijuca e arredores. Junto a isso, nota-se nos pontos de maior concentração a forte tendência de surgimentos de Baixos desse tipo ao longo da década de 1980, além da significativa presença das décadas de 1980 e 1990 em outras áreas da cidade, apesar de menos concentradas. Tal padrão de distribuição reforça o fato de que esse tipo de organização dos cenários dos Baixos foi a primeira existente, a predominante nos primeiros anos de sua expansão e a consolidada no imaginário social carioca. Em suma, os Baixos de forma típica são mais antigos em tempo e em espaço, ao passo em que surgem primeiro e são mais numerosos nas primeiras áreas de expansão.

Por outro lado, analisar a espacialidade das formas não-típicas, é revelador e indica um dos principais padrões observados ao longo desta dissertação. As maiores formas de diferenciação espacial dos cenários analisados, com padrões e ideias mais elásticas, tem um padrão de concentração no espaço e de surgimento no tempo da cidade quase que oposto aos das formas típicas.

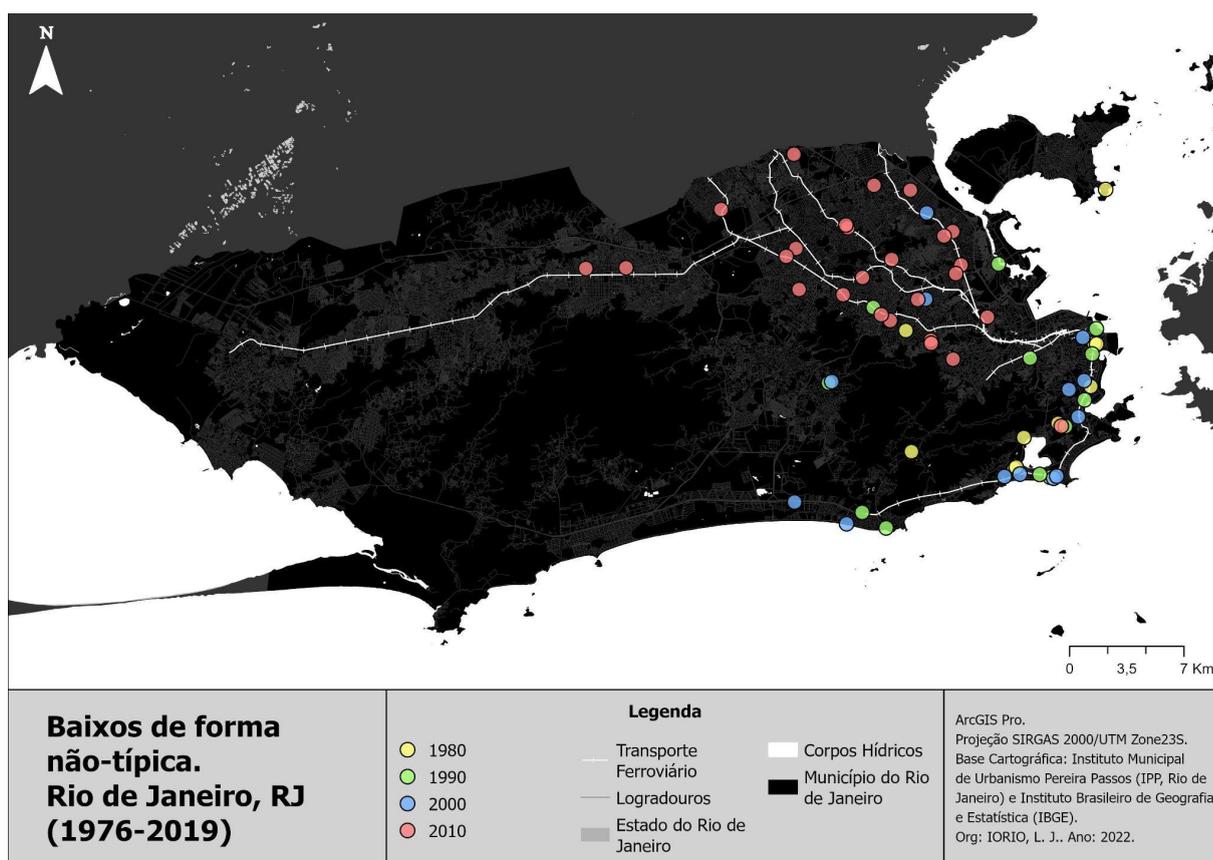


Figura 31: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de forma não-típica. Elaboração própria.

A inversão desse padrão é evidente a partir da análise do mapa. Em comum, ambos os tipos se apresentam bem distribuídos pela cidade. Apesar da baixa presença de Baixos na Zona Oeste, também verificada entre os de forma típica, a Zona Sul, o Centro e a Zona Norte recebem e distribuem bem os 61 Baixos não-típicos. Porém, a maior concentração deixa de ser nas primeiras áreas de expansão dos Baixos e passa a ser nas últimas. Ou seja: a maior parte dos Baixos não-típicos passa a se concentrar na Zona Norte e não mais no eixo Zona Sul-Centro, que ainda apresenta uma significativa presença desses espaços.

A classificação por décadas representada no mapa evidencia esse padrão. Os Baixos não-típicos, em grande maioria, surgem a partir dos anos 2000. Os localizados no eixo Barra-Zona Sul-Centro tendem a ser mais antigos, com algumas ocorrências das décadas de 1980 e 1990. Os anos 2000, porém, são mais numerosos nessa área, além de apenas uma ocorrência da década de 2010. O padrão contrasta com a Zona Norte, onde ocorreu um massivo surgimento de Baixos não típicos ao longo da década de 2010.

A recente fase de expansão dos Baixos representa uma maior elasticidade no que diz respeito aos seus padrões tradicionais. A vida noturna da Zona Norte, culturalmente rica e historicamente variada, vive uma profusão de Baixos em bairros pouco comerciais ou exclusivamente residenciais. As formas de lazer e encontro social na noite dessa parcela da cidade, antes marcada por uma concentração de serviços em subcentros como a Tijuca, o Méier e Madureira (todos com Baixos desde os anos 1980), se expandem na última década. Os Baixos, historicamente associados a uma forma de sociabilidade da Zona Sul e suas elites, gradualmente ganha novos espaços da cidade, novos perfis e novos cenários.

A tendência se confirma quando observada a temporalidade das formas típicas e atípicas, representadas no gráfico abaixo.

Temporalidade das formas típicas e não-típicas dos Baixos

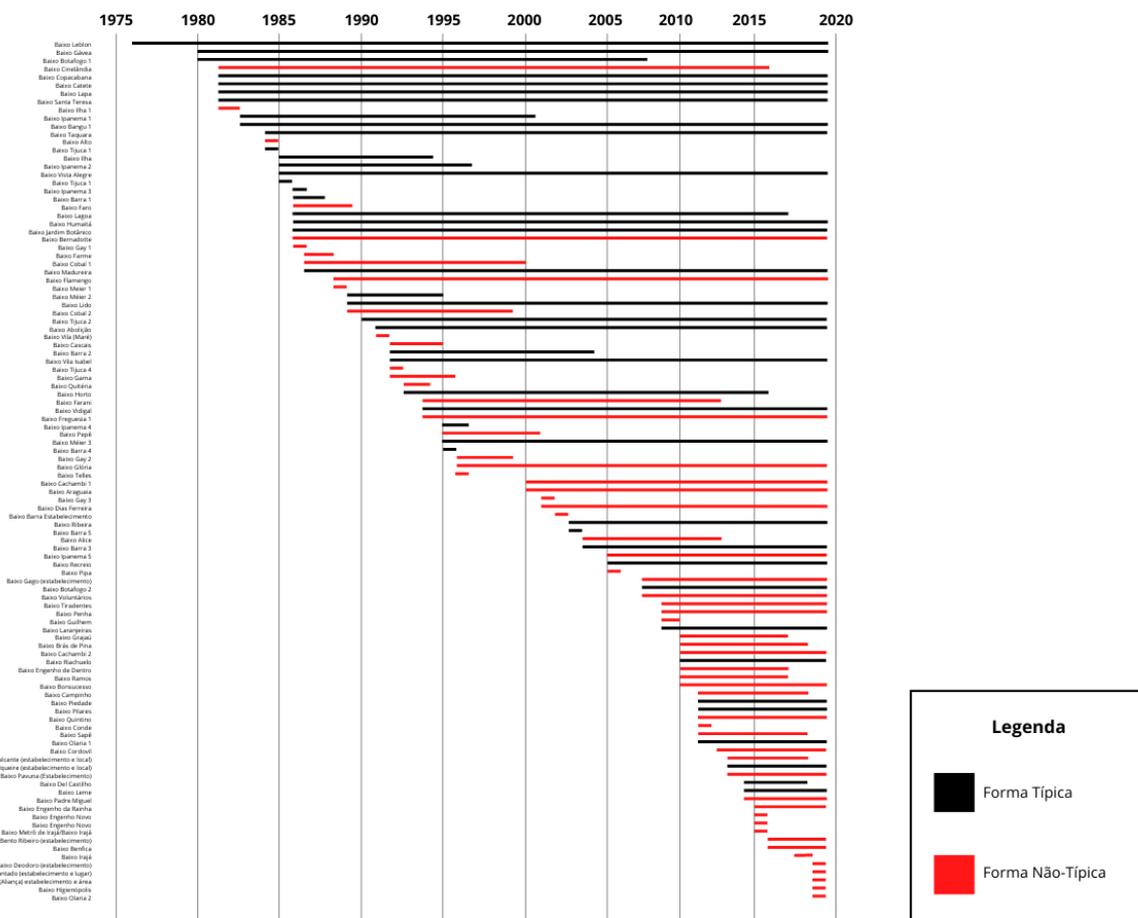


Gráfico 1: temporalidade das formas típicas e não-típicas dos Baixos. Elaboração própria.

É possível observar dois momentos distintos de surgimento de Baixos na cidade. Nas primeiras décadas, isto é, entre 1975 e 2000, predomina o surgimento de Baixos de formas típicas. Nota-se que já ao final desse período, na segunda metade da década de 1990, esses Baixos começaram a dar lugar aos de formas não-típicas. A partir dos anos 2000, o surgimento desse tipo de Baixo se intensifica, sendo grande maioria nos últimos 20 anos.

Diversos motivos, fatores e características do espaço urbano podem ajudar a explicar esse padrão. Alguns já foram analisados aqui, sobretudo no que diz respeito à evolução urbana do Rio de Janeiro e sua correlação com a expansão dos Baixos. Outros, porém, veremos a seguir. O exercício proposto de analisar o espaço e o tempo das formas típicas ganha riqueza quando aplicado a cada uma das categorias propostas. O conteúdo daí advindo auxilia o entendimento não apenas dos Baixos enquanto unidade analítica, mas sobretudo enquanto um produto social carioca.

Apesar do padrão apresentado acima, onde os maiores desvios e formas de diferenciação espacial dos Baixos ocorrem mais recentemente na Zona Norte, analisar a espaço-temporalidade das formas de nomenclatura indica uma outra lógica de organização. Dentre as três classes - Bairros, Locais e Grupos -, as duas últimas, mais desviantes, ocorrem de maneira mais intensa justamente na Zona Sul, se comparada ao resto da cidade.

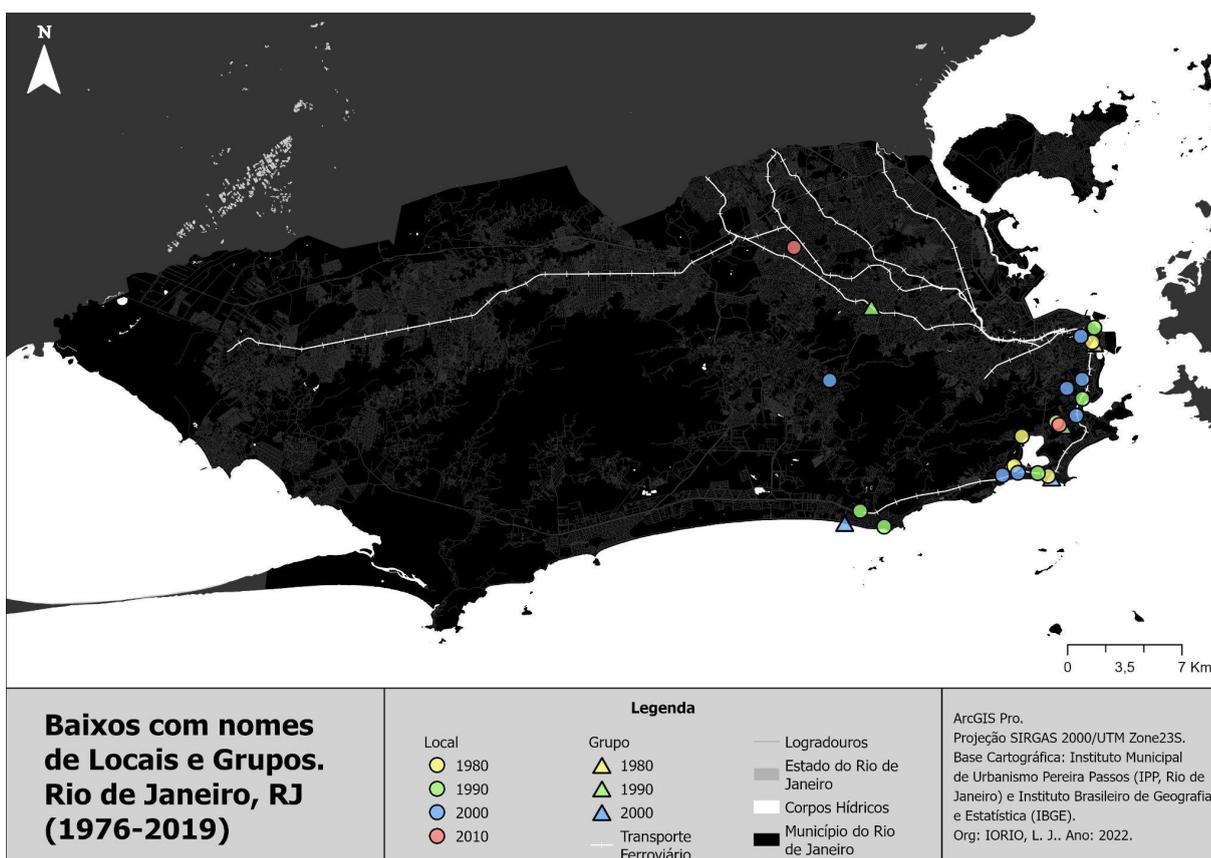


Figura 32: Distribuição espaço-temporal dos Baixos com nomenclatura de Locais e Grupos. Elaboração própria.

Dentre os Baixos com uma nomenclatura desviante do padrão, isto é, sem nome do bairro, apenas três se localizam fora do eixo litorâneo tradicional. Entre a Barra da Tijuca, a Zona Sul e o Centro concentra-se a maior quantidade de Baixos batizados ou com o nome de locais específicos, como uma rua ou uma praça, ou do grupo tradicional que o frequenta. O padrão também se inverte quando se observam as suas décadas de surgimento: ao invés de mais recentes e com grande surgimento na década de 2010, estes possuem apenas dois Baixos surgidos nesta última década. Predominam, sobretudo, os Baixos surgidos nos anos 1990 e 2000.

Vimos em capítulos anteriores a importância da definição da nomenclatura dos Baixos. O nome é mais do que um indicativo da localização da área. Ele funciona como um portador de identidades e carrega um conjunto de significados que, antes associados aos bairros, locais ou grupos que os nomeiam, agora passam a ser associados a eles em si. Esse fato, somado ao intenso surgimento de Baixos na Zona Sul ao longo das décadas de 1980 e 1990 podem explicar o maior desvio de nomenclaturas nessas áreas. Em resumo: muitos Baixos, poucos bairros. Ao surgir um Baixo em um bairro que já possuía algum outro mais antigo, em geral optava-se por evitar a duplicação do nome. Ao invés de incorporarem o nome do bairro como um todo, já incorporado a outro Baixo, surgiam assim os Baixos “rua”, “praça” ou outro ponto de referência. Mantinha-se o vínculo espacial, criava-se uma individualidade para o Baixo e construía-se uma nova identidade. Um exemplo disso é o bairro do Leblon, que além do tradicional e pioneiro Baixo Leblon, abriga/abrigou o Baixo Bernadotte (rua), Baixo Guilhem (rua), Baixo Dias Ferreira (rua) e Baixo Cobal (loja).

A dimensão social e identitária do nome também é valorizada por grupos que buscam territorializar espaços da cidade e acabam por induzir a mais uma forma de desvio da forma padrão de nomenclatura dos Baixos. O caso mais expressivo é o do já citado Baixo Gay, que existiu em três locais diferentes, todos eles no eixo Zona Sul-Centro. Todos os Baixos associados a grupos, representados pelos triângulos no mapa acima, surgem em bairros que já possuíam Baixos.

Apesar disso, tal processo não transcorre desta maneira em todos os casos na cidade. O bairro de Ipanema, por exemplo, recebeu um total de cinco Baixos Ipanema de 1983 até o presente, todos com a mesma nomenclatura associada ao bairro. Concomitantemente, também recebeu Baixos com nome de rua (Baixo Farne) e de grupos (Baixo Gay 3). O Méier também possuiu três Baixos Méier ao longo da história, enquanto a Tijuca registrou quatro.

Queremos dizer que, sendo a identidade um fator importante para os Baixos, expresso de maneira explícita no seu nome, faz sentido que as áreas mais tradicionais e de expansão pioneira também apresentem a maior multiplicidade de nomenclatura, na busca de uma individualidade dentro do bairro e frente aos demais Baixos ali existentes. Essas áreas da cidade, zonas de sociabilidade noturna tradicionalmente chamadas de Baixo, guardam em si uma ideia de pertencimento a um todo, que se expressa pelo nome que acompanha a palavra “Baixo”. Pensar em “Baixo Copacabana” implica em pensar em uma parcela do bairro de Copacabana (o todo) que se destaca por um aspecto específico, nesse caso a boemia. A lógica

remete a um esforço de regionalização, quase como que o Baixo seja uma forma de regionalizar o bairro, sendo a sua região boêmia. Entende-se aqui o Baixo como uma forma de classificação de área. Apesar disso, tal leitura demanda um maior esforço de análise, além de um espaço e tempo de discussão que a presente proposta não possibilita. Retomaremos essa ideia nas discussões finais desta dissertação.

Uma das formas de diferenciação espacial que mais contrasta com o sentido original dos Baixos é a que corresponde à quantidade de estabelecimentos. A esquina do bairro do Leblon que sediou o surgimento desse fenômeno social na cidade do Rio de Janeiro o fez, em grande medida, pela grande concentração de estabelecimentos ali presentes. Falamos no Capítulo 5 como a presença de bares, restaurantes e botequins em um mesmo lugar funcionou como um atrativo para a boemia da época, que ia ao Baixo e circulava entre seus estabelecimentos para encontrar amigos, consumir produtos e cumprir um rito social. Falamos também como os Baixos que surgem a seguir, ao emular o cenário do Leblon, também incorporaram essas características. É seguro afirmar que uma concentração de estabelecimentos esteve na origem do processo e na construção da ideia dos Baixos na cidade.

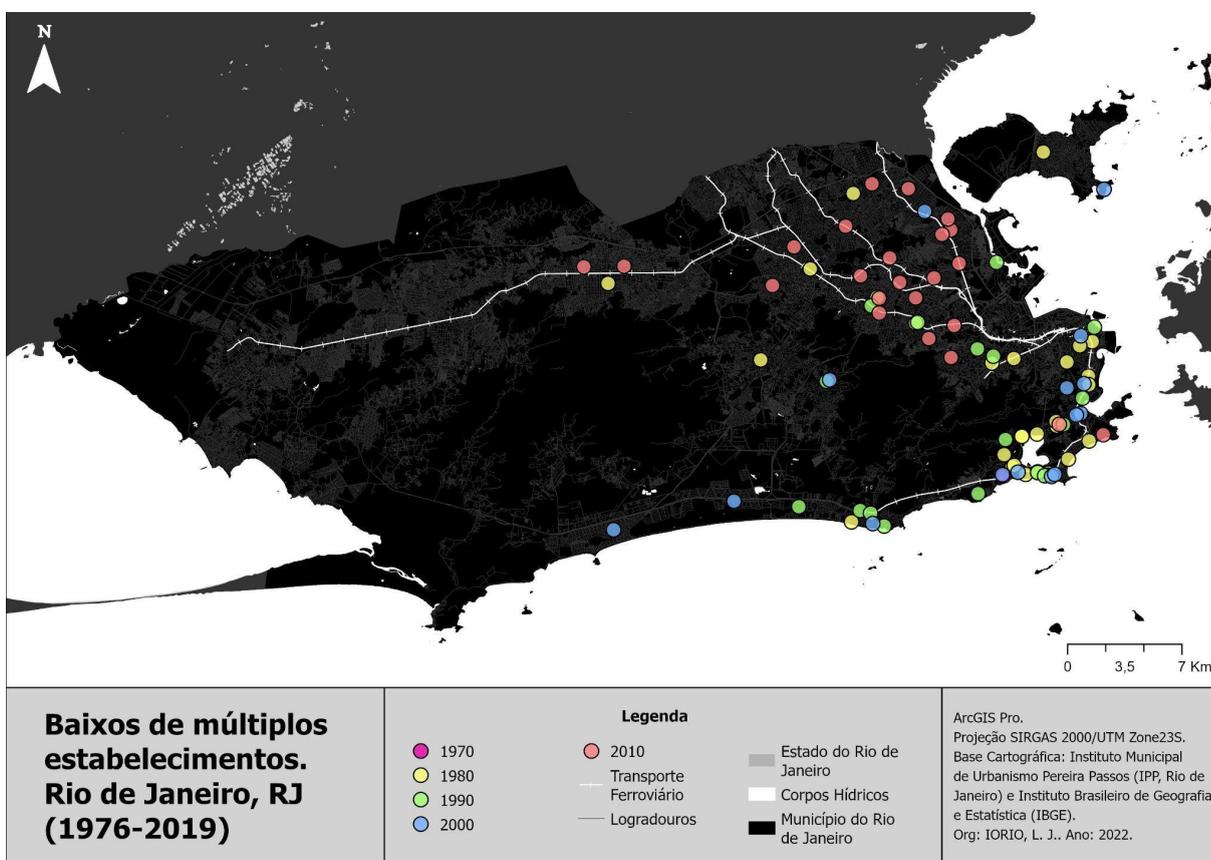


Figura 33: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de múltiplos estabelecimentos. Elaboração própria.

A espacialidade dos Baixos de múltiplos estabelecimentos é quase que uniforme no espaço urbano, o que faz sentido ao considerarmos que, além de mais tradicionais, eles são grande maioria quando comparados aos Baixos de estabelecimento único. Todo o eixo litorâneo registra a existência de Baixos desse tipo, além das áreas da Zona Norte e sua gradual expansão à Zona Oeste. O padrão temporal do seu surgimento também é compatível com os padrões observados nos Baixos de forma típica, onde a Zona Norte registra uma profusão de espaços criados na última década, se opondo aos Baixos mais antigos da Zona Sul e do Centro.

A concentração de estabelecimentos de um mesmo tipo/ramo em um mesmo local é prática antiga, fruto da organização do empresariado em uma determinada área da cidade. Explicamos em capítulos anteriores como os *clusters*, ou economias de aglomeração, ditam a lógica dos Baixos de múltiplos estabelecimentos. Mas apesar da importância e da expressividade das aglomerações na cidade, algumas variações nesse padrão têm surgido. Elas não deixam, porém, de estarem inseridas em uma lógica empresarial, como veremos a seguir.

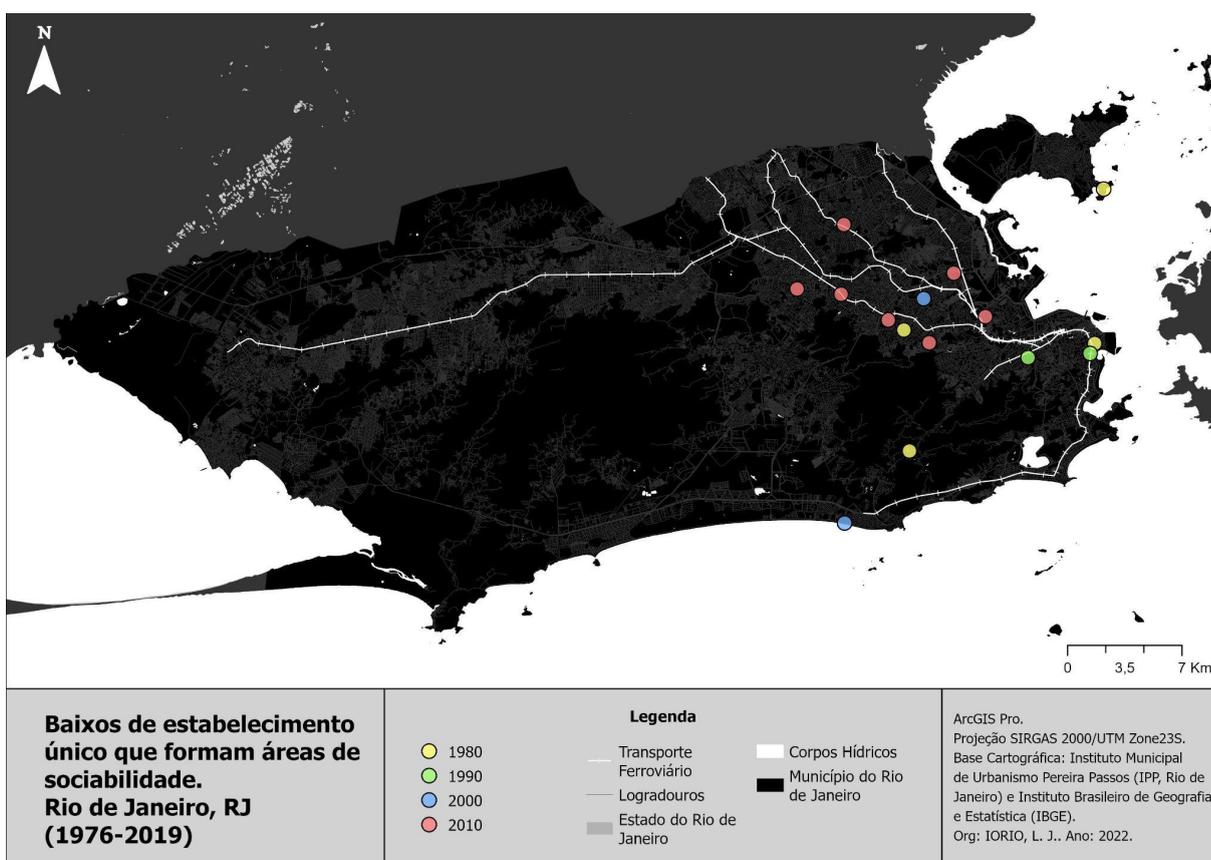


Figura 34: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de estabelecimento único que conformam áreas de sociabilidade. Elaboração própria.

A primeira dessas formas de variação corresponde a Baixos formados por um único estabelecimento mas que, ainda assim, consegue conformar uma área de sociabilidade em seu entorno, mobilizando pessoas e equipamentos urbanos ao redor na realização de seus ritos de sociabilidade. Nesses casos, parte do empresariado ações que visam expandir a área física do estabelecimento em questão, promovendo a ocupação de calçadas com mesas e cadeiras, a execução de música alta e a exposição dos serviços oferecidos no local. Todos esses elementos contribuem para a projeção da sociabilidade em direção à rua, tal como ocorre nos Baixos tradicionais, assim como estratégias de atração de clientes.

O surgimento desse tipo de Baixo é mais intenso na Zona Norte da cidade, com poucas ocorrências no Centro e uma na Barra da Tijuca. Chama atenção o fato de que não há nenhuma ocorrência nos bairros da Zona Sul, o que resulta em um vazio quase que total no eixo litorâneo e nos bairros ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas, isto é, nas primeiras áreas de expansão de Baixos na cidade.

O mesmo padrão espacial se apresenta na segunda forma de variação desse tipo de Baixos. Nesse caso, não se trata de áreas de sociabilidade conhecidas como Baixos, mas sim de estabelecimentos cujo nome fantasia é “Baixo” + nomenclatura da localização. São locais cujos ritos de sociabilidade se resumem ao espaço físico dos estabelecimentos. Esse é o grau máximo de diferenciação dos Baixos tradicionais no que diz respeito à quantidade de estabelecimentos e as formas de sociabilidade daí advindas. A existência desse tipo de Baixo reflete, mais uma vez, uma estratégia empresarial e ressalta o papel desse grupo como agentes produtores da noite urbana. Batizar um estabelecimento com o nome de “Baixo” ativa sobre ele um conjunto de significados historicamente construídos em torno desses espaços. Um estabelecimento qualquer, com outro perfil de serviços e afastado geograficamente das áreas de maior atividade noturna na cidade, ganha visibilidade pelo simples fato de possuir o termo “Baixo” no nome. É o caso do Baixo Pavuna, por exemplo, pizzaria e hamburgueria no bairro da Pavuna, limítrofe com a Baixada Fluminense.

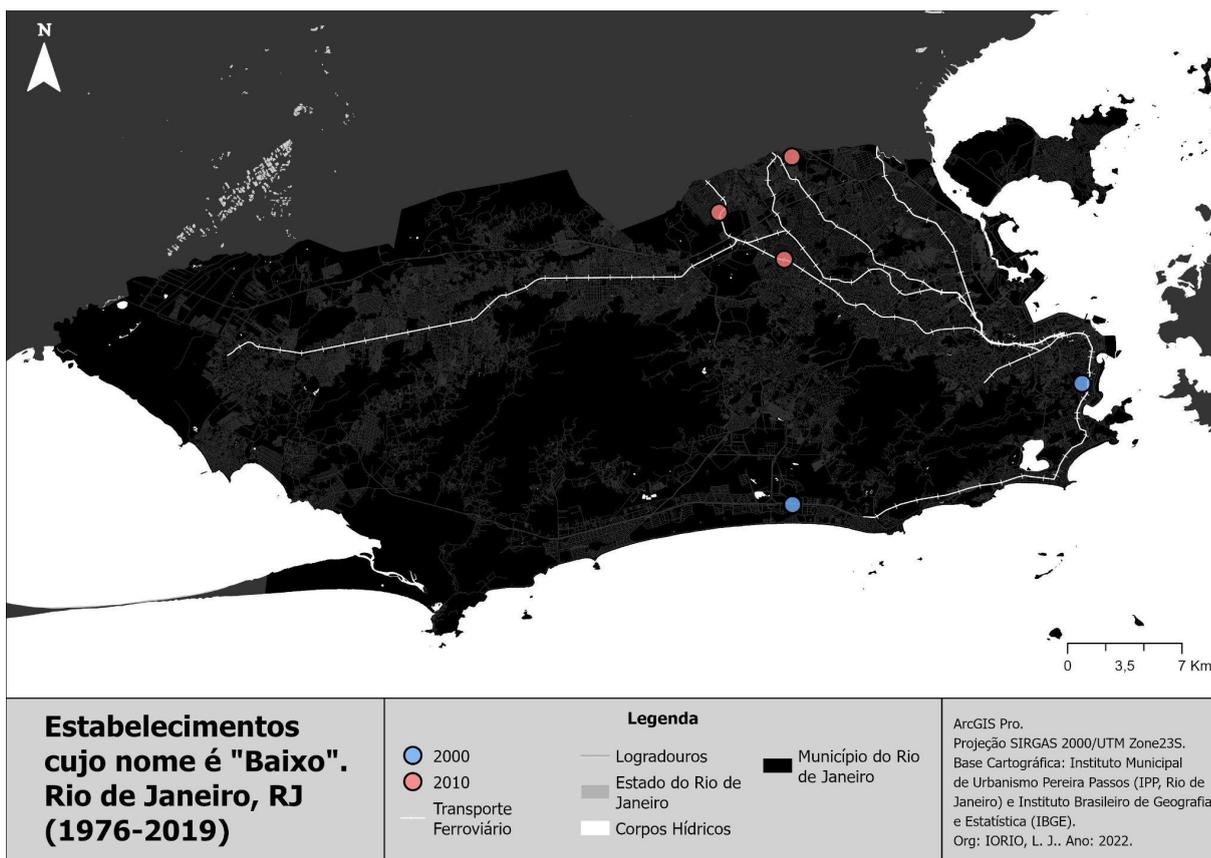


Figura 35: Distribuição espaço-temporal dos Baixos de estabelecimento único cujo nome é “Baixo”.
Elaboração própria.

Dos cinco estabelecimentos batizados como “Baixo” existentes na cidade, apenas um se localiza na Zona Sul da cidade: o Baixo Gago, comentado no capítulo anterior, no bairro de Laranjeiras. Junto a ele, também criado na década de 2000, está a churrascaria Baixo Barra. Entre os três registrados na última década, tem-se o Baixo Pavuna e o Baixo Bento Ribeiro, na Zona Norte, e o Baixo Deodoro, na Zona Oeste. Todos os cinco Baixos agrupados nessa classe acompanham o padrão mais usual de organização espaço-temporal dos Baixos de maior diferenciação em seus cenários: surgem mais recentemente, geralmente a partir dos anos 2000, ocupando majoritariamente áreas da Zona Norte ou Oeste, fora da Zona Sul.

Por fim, vale destacar a existência de um processo que combina esses últimos tipos de Baixos apresentados. São estabelecimentos que surgiram com o nome “Baixo”, sem nenhum outro ao seu redor, mas que a partir das suas atividades foi progressivamente constituindo uma área de sociabilidade ao seu redor, atraindo novos estabelecimentos e pessoas ao local. Conforma-se uma área de encontro social chamada de “Baixo”, composta de um conjunto de estabelecimentos e com características associadas às formas típicas de Baixos. Eles são,

contudo, uma evolução do que um dia já foi apenas um bar/restaurante homônimo. Um exemplo é o Baixo Valqueire, localizado na Vila Valqueire, bairro da Zona Oeste do Rio. O ainda existente estabelecimento denominado Baixo Valqueire divide a rua com um conjunto de novas casas, que compõem a área de intensa atividade noturna e boêmia homônima.

A partir das reflexões e análises acerca da quantidade de estabelecimentos dos Baixos, gostaríamos de apresentar dois pontos. O primeiro diz respeito a essa evolução do cenário dos Baixos. A composição de um Baixo não é estática. Ela está em constante transformação e muda ao longo do tempo por diversos motivos. O último parágrafo, acerca do Baixo Valqueire, fornece um exemplo de uma dessas formas de transformação. Acreditamos que os Baixos passam por um processo de evolução ao longo dos anos, uma espécie de ciclo de existência, marcado pelo seu surgimento, transformações e, em alguns casos, seu desaparecimento. O mapa abaixo representa a distribuição espacial dos Baixos em 2019.

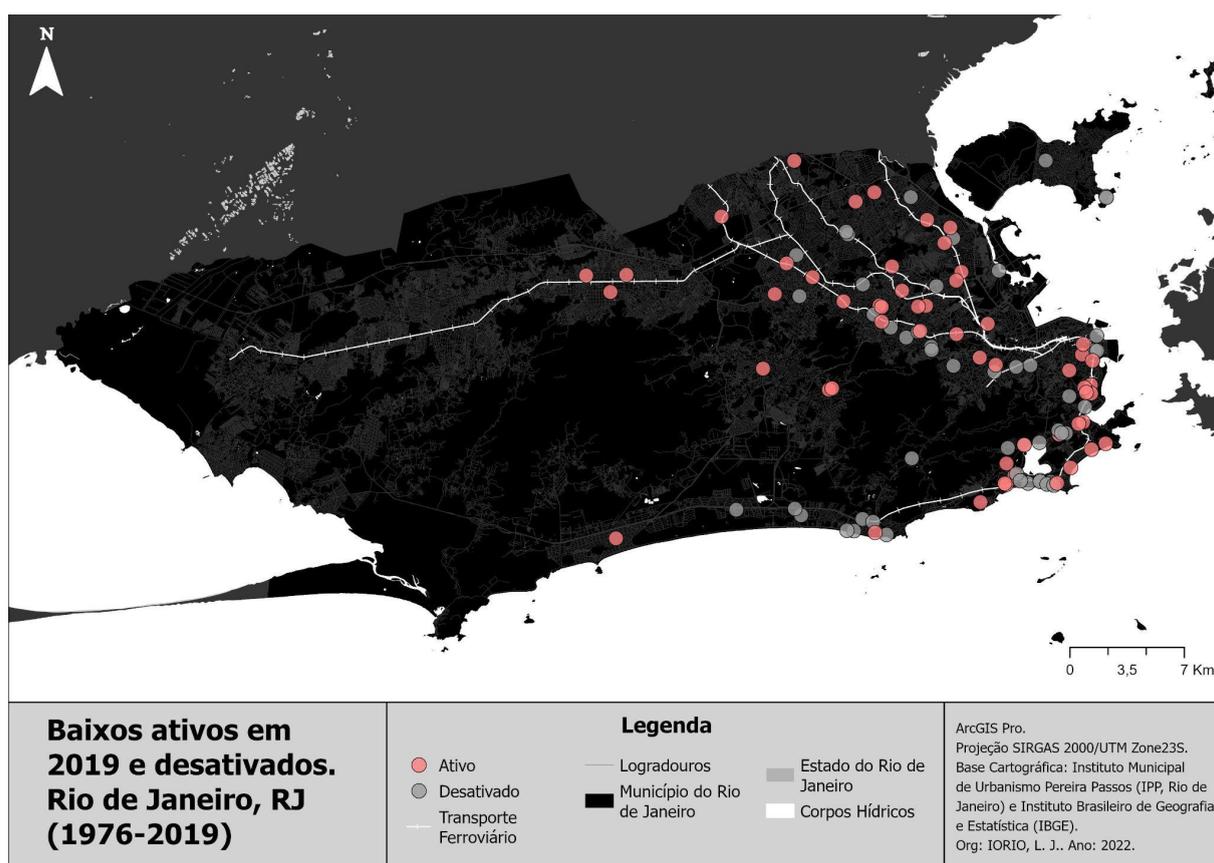


Figura 36: Distribuição espacial dos Baixos em 2019 e Baixos desativados ao longo do tempo. Elaboração própria.

Nota-se como nos anos recentes diversos Baixos da grande concentração do eixo Zona Sul-Centro deixam de existir. Ainda é possível observar uma significativa concentração na área, sobretudo na Zona Sul. Porém, se comparado à quantidade total registrada nessa área desde 1976, percebe-se a redução desse número. Em suma, a área de mais antigo surgimento de Baixos parece ser a que mais presencia o fim destes, apesar da permanência de diversos outros. Por outro lado, a Zona Norte viveu uma menor redução. Há um significativo desaparecimento de Baixos em bairros ao redor da Tijuca e do Méier, por exemplo, locais de expansão pioneira dos Baixos na Zona Norte. De maneira oposta, as áreas da Zona Norte em que os Baixos foram registrados mais recentemente tiveram um número bem reduzido de desaparecimentos. É fato que estes são Baixos mais recentes e talvez ainda não tenham tido “tempo” para encerrarem atividades, como os mais antigos tiveram. Porém, isso reforça a ideia de ciclo que gostaríamos de apresentar.

Por fim, ressalta-se o caráter do Baixo enquanto uma marca na noite carioca. O processo de surgimento de um Baixo é orientado pelo empresariado local de maneira ativa. Esse fato não diminui a importância dos seus frequentadores na orientação dos ritos de sociabilidade e elementos ali compartilhados. Antes, demonstra como ser um Baixo privilegia um espaço dentre tantos outros presentes na noite carioca, seja pelo conjunto de serviços ali oferecidos, seja pelo conjunto de ideias que ali se associam.

Os casos mais elásticos demonstram essa vocação do Baixo como um validador da qualidade de um espaço. A nomeação de estabelecimentos com o nome de “Baixo” os integra a um universo social que, muitas vezes distinto do seu, se torna próximo a partir dessa associação de ideias. E os empresários responsáveis por tal ação foram perspicazes ao fazê-lo. Ao reconhecer que os Baixos, mais do que espaços de sociabilidade, são uma forma essencialmente carioca de viver a noite e a cidade.

Nesse sentido, se aceitarmos a ideia de que os Baixos se apresentam como uma marca da vida noturna carioca, inegavelmente um dos principais aspectos que os marcam é o universo de possibilidades que a noite proporciona desses locais. A reunião de pessoas promove diversos encontros sociais e possibilidades de trocas. Diversos estímulos passam a conduzir o rumo das interações interpessoais e das pessoas com o próprio local. Sendo um espaço de concentração de estabelecimentos, existiram e existem diversas formas de ser, estar e viver um mesmo Baixo. Essas possibilidades dialogam diretamente com os diferentes graus de variedade de serviços que os Baixos apresentam.

Por princípio, os Baixos tradicionalmente se apresentam na cidade como um espaço de variedade de serviços. Existem algumas observações a esse respeito, entretanto. Primeiro, uma concentração de estabelecimentos não é garantia de alta variedade de serviços. Se todos eles forem de um mesmo perfil, com serviços em comum e experiências parecidas, esse grau de variedade já é reduzido. Segundo: assim como as demais classes aqui analisadas, a diferenciação espacial dos Baixos impactou também os tipos de serviços oferecidos por esses locais. Esses dois pontos foram apresentados no capítulo anterior. Nesse sentido, apesar das formas típicas dos Baixos contarem com um alto grau de variedade de serviços, esses padrões foram alargados com o passar do tempo e com sua expansão no espaço.

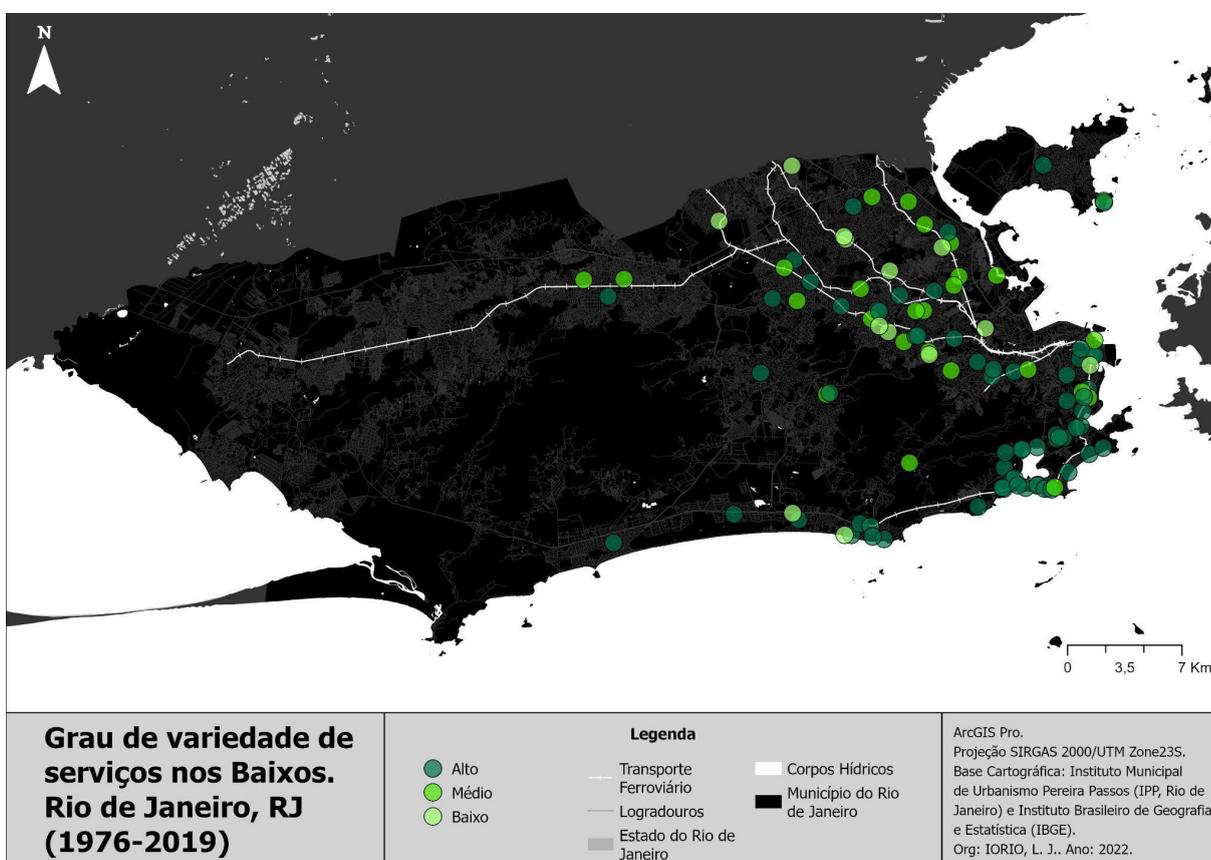


Figura 37: Distribuição espaço-temporal dos graus de variedade de serviços nos Baixos. Elaboração própria.

Reforça-se o padrão de diferenciação espacial onde as formas mais típicas de organização dos cenários dos Baixos se apresentam ao longo do eixo litorâneo. A grande maioria dos registros ao longo da faixa entre o Recreio dos Bandeirantes/Barra da Tijuca, Zona Sul e Centro são de Baixos de alta variedade. A presença desse tipo de Baixos também é marcante nas primeiras áreas da Zona Norte a receberem Baixos, entre o eixo

Tijuca-Méier-Madureira, além da Ilha do Governador. Além disso, o primeiro Baixo da Zona Oeste, o Baixo Bangu, também apresenta uma variedade alta. Nota-se, portanto, um padrão de concentração de Baixos de alta variedade de serviços em subcentros comerciais da Zona Norte e que, não por acaso, foram os primeiros locais dessa área da cidade a receberem Baixos. Índícios sobre como a antiguidade de um Baixo pode estar atrelada ao seu nível de variedade.

Diametralmente, os Baixos de variedade média e baixa divergem do padrão espacial dos demais, porém convergem se comparados a outras classes de grande diferenciação espacial. Salvo raros registros ao longo da Zona Sul e Centro, a concentração desse tipo de Baixos se dá ao longo da Zona Norte. Parece haver uma forte ligação entre o seu surgimento e as linhas dos ramais de trem e metrô em direção à Baixada Fluminense ou a bairros limítrofes a ela. É o caso dos ramais de trem de Saracuruna, Belford Roxo e Deodoro e da Linha 2 do metrô, em direção à Pavuna.

Temporalidade dos graus de variedade de serviços nos Baixos

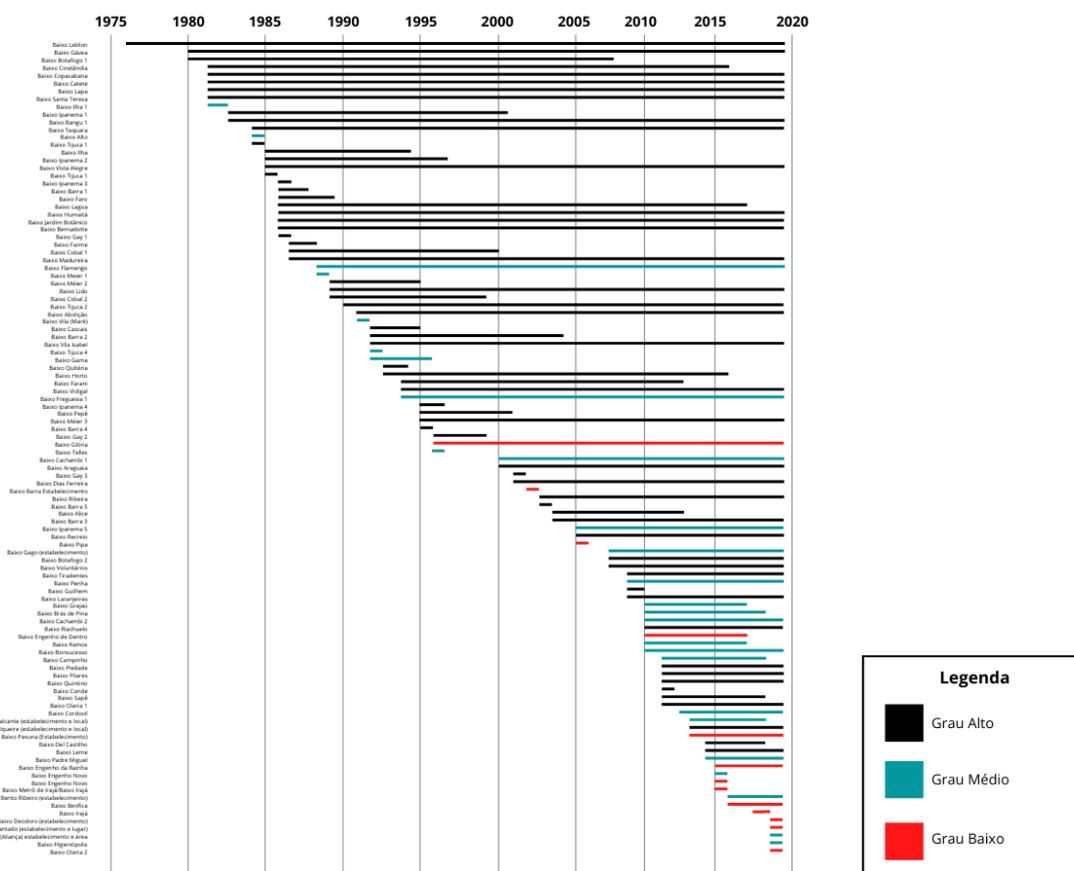


Gráfico 2: Temporalidade dos graus de variedade de serviços nos Baixos. Elaboração própria.

A temporalidade desses graus de variedade de serviços, quando comparadas, também demonstra como as formas de maior diferenciação espacial dos Baixos começam a se desenvolver de maneira mais intensa nos anos recentes. As primeiras décadas registram um surgimento intenso de Baixos de Grau alto, sobretudo nos anos 1980 e 1990, com raras ocorrências dos demais tipos. Nesse período, os de Grau médio que são registrados tendem a durar pouco (apenas dois se mantiveram ativos até o presente). Já os de Grau baixo são inexistentes até 1996. A mudança no padrão se inicia justamente na virada do século, quando os Baixos de grau médio se tornam cada vez mais comuns e, por fim, de 2015 até o presente, com o grande surgimento de Baixos de grau baixo.

Mais uma vez, reforça-se a tendência dos Baixos em apresentarem uma espécie de ciclo ao longo da sua existência. Com base no observado até aqui sobre os Baixos e a partir dos processos observados na noite carioca como um todo, sabe-se que espaços tendem a se transformar ao longo dos anos, expandindo sua área de atuação, recebendo novos estabelecimentos, visando novos públicos-alvo e variando a quantidade de serviços oferecidos. Falamos acima sobre o que ocorreu no Baixo Valqueire, com a incorporação de estabelecimentos e a variedade de serviços. O processo também ocorreu nos dois Baixos mais antigos da cidade, Leblon e Gávea, que hoje contam com ateliês, casas de espetáculo e salão de beleza, por exemplo.

A chegada de novos tipos de estabelecimentos aos Baixos e a diversificação dos serviços nele oferecidos muitas vezes vêm acompanhados por alterações na dimensão física dos seus cenários. Morfologias se reconfiguram, posições são alteradas e, ao mesmo tempo em que surgem novos objetos espaciais no local, outros podem vir a desaparecer. A esse conjunto de alterações, soma-se o surgimento de novos tipos de formas que passam a compor os Baixos. Vimos no capítulo anterior como os cenários analisados se diversificaram ao longo dos anos. Antes formados apenas por estabelecimentos de alvenaria, passa a existir nos Baixos, de maneira gradual, novas formas e estruturas comerciais, como trailers, *food trucks* e barracas, por exemplo.

É fato que os Baixos se tornam um espaço tradicional da sociabilidade noturna carioca. Discutimos também como ele se torna uma marca, incorporada em diversos casos pelo empresariado na nomeação dos seus negócios ou das áreas em que se localizam. É fato também que, apesar de constituídas em grande maioria pelo comércio mais tradicional, como os bares e restaurantes, o comércio informal visualizou nos Baixos uma oportunidade de

desenvolvimento de atividades. Esse processo não é recente, contudo. A primeira matéria de jornal registrada que cita um Baixo fala justamente sobre um vendedor de flores que circulava nas noites do Baixo Leblon. O Baixo Gávea, sucessor do primeiro, viveu anos de tensões entre os empresários que ocupavam um lado da rua com seus estabelecimentos e barraqueiros que, com um isopor, estabeleciam uma banca e vendiam bebida mais barata na calçada oposta.

Com o tempo, essas novas formas se tornam comuns nos Baixos. Em primeiro lugar, na coexistência com objetos mais típicos, como os bares e restaurantes. Conforme o esquema no capítulo 6 mostra, geralmente às barracas e trailers se encontram na área de influência dos estabelecimentos fixos, na convergência destes. Em segundo lugar, em uma acepção mais elástica da ideia de Baixo. Ainda que mais raros, surgem na cidade Baixos sem a presença de estabelecimentos de alvenaria. São Baixos formados integralmente por barracas de alumínio e plástico, trailers/*food trucks*.

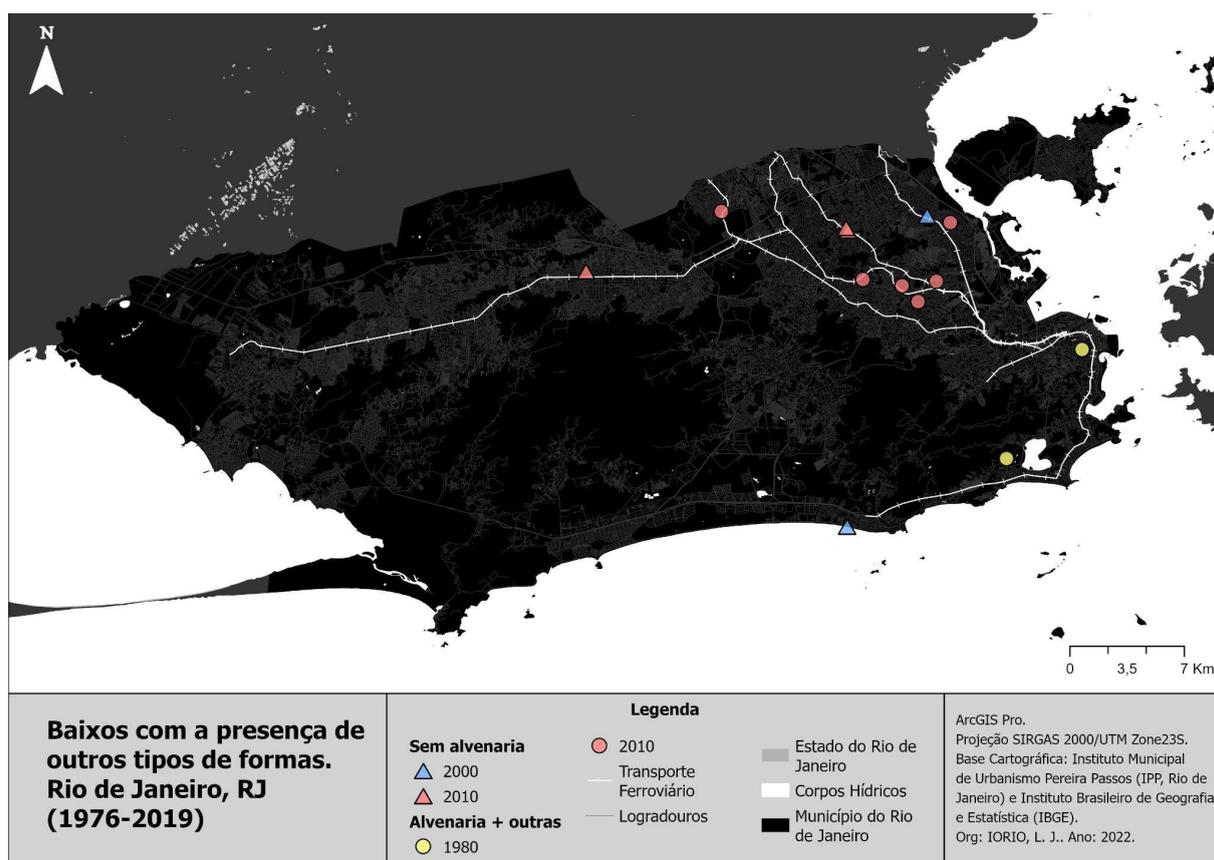


Figura 38: Distribuição espaço-temporal dos Baixos compostos por estabelecimentos de alvenaria + outras formas e Baixos compostos por apenas outras formas, sem a presença de alvenaria. Elaboração própria.

O mapa representa todos os Baixos que não são exclusivamente de alvenaria, ou seja, os que possuem alvenaria e outras formas ou os compostos integralmente por outras formas. No eixo pioneiro, entre a Barra e o Centro, apenas três registros, sendo dois deles de forma mista (alvenaria + outros tipos) e na década de 1980. O outro, na Barra, registra-se na década de 2000 como um Baixo totalmente sem alvenaria.

O foco da expansão desses tipos de Baixos ocorre na Zona Norte e, timidamente, na Zona Oeste. Dos 13 Baixos representados, 10 estão nessas áreas, sendo 8 na Zona Norte. A proximidade com as linhas férreas de trem e metrô também chama a atenção. Reflete-se o padrão dos demais desvios dos cenários dos Baixos, que se reforça ainda mais quando se observa que desses 13, 9 surgiram na década de 2010. As formas mais desviantes de se compor um Baixo tem seu lugar e sua época na cidade.

Não queremos reduzir o comércio informal ao seu tipo de forma, como se não houvesse edificações de alvenaria também na informalidade ou edificações de outro tipo na formalidade. Apesar disso, essa nova variedade de formas que passa a compor o cenário dos Baixos marca a dupla entrada de um novo setor comercial associado aos Baixos e de novas ideias e concepções acerca desses espaços. Os Baixos “percorrem” um longo caminho entre o seu surgimento e consolidação na Zona Sul e seu atual avanço generalizado na Zona Norte. Não o fazem, porém, sem se adaptarem a cada contexto e característica do espaço urbano. Com isso, dão margem à diferenciação espacial dos seus cenários, se tornando múltiplos e variados.

As diferenças são marcantes por um lado, assim como as semelhanças permanecem de outro. Permanece a ideia de ponto de encontro, espaço boêmio e a ocupação dos espaços públicos, apesar das mudanças na forma construída. Apesar disso, em alguns casos, ao passar pela esquina de um desses Baixos em períodos diurnos não se nota nenhum indicativo da existência de um Baixo ali. As novas formas que se associam aos Baixos oferecem uma nova lógica de ocupação do espaço urbano, onde a sua presença no bairro, praça ou rua é cíclica. O aparato é montado ao início da noite para receber seus clientes e sediar as atividades. Ao fim da noite, o Baixo é desmontado, como um cenário ao fim do espetáculo.

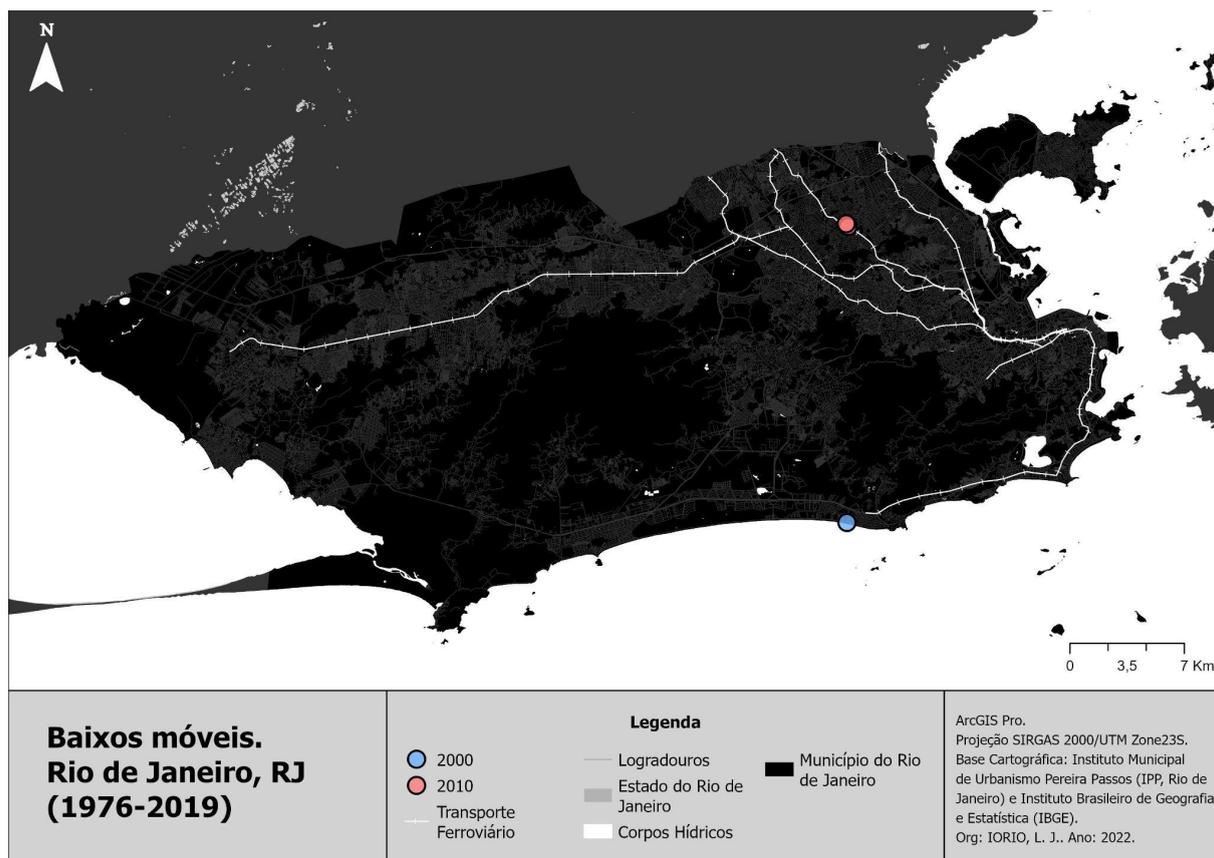


Figura 39: Distribuição espaço-temporal dos Baixos móveis. Elaboração própria.

Apesar disso, dentro do universo de Baixos, poucos deles são inteiramente móveis, conforme o mapa acima aponta. O Baixo Pipa, criado na praia da Barra da Tijuca em 2005 como uma barraca, e o Baixo Metrô de Irajá e Baixo Irajá, no mesmo bairro, criados respectivamente em 2015 e 2018. São Baixos recentes e de pouca expressão na cidade. O Baixo Pipa, por exemplo, já não existe mais. Apesar disso, são importantes indicativos da extensão tomada pelo processo de diferenciação espacial aqui analisado, além de exibir uma diversificação das formas e das práticas noturnas na cidade do Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS BAIXOS, O ESPAÇO URBANO CARIOCA E FUTURAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISE.

A noite urbana tem percorrido diversos caminhos ao longo da história da cidade do Rio de Janeiro. Da chegada da Família Real em 1808 à pandemia do coronavírus entre 2020 e 2022, a noite carioca foi estruturada a partir de uma grande multiplicidade de lugares e pontos de encontro. Alguns deles foram mais explícitos e tradicionais, “cânones” da noite. Já outros

funcionaram como uma espécie de refúgio, redutos de diferentes grupos e espaços da sua sociabilidade e existência social na cidade. A vida noturna conviveu com diferentes formas, práticas e, por fim, com diferentes sentidos de ser, estar e viver esse espaço-tempo da cidade. É fato que, dentro dessa longa e variada História, na década de 1970 adiciona-se mais uma parada no percurso da vida noturna carioca: os Baixos.

Os Baixos são espaços formados por uma concentração de estabelecimentos, pela intensa ocupação dos espaços públicos ao seu redor e por uma ideia de pertencimento ao bairro/local que o abriga. Aqui, foram entendidos como cenários da sociabilidade noturna carioca, a partir da ideia de Gomes (2013), articulando formas, práticas e sentidos no espaço urbano e conformando um espaço privilegiado ao encontro social na noite do Rio de Janeiro que vem se difundindo há mais de 40 anos.

Buscamos, em primeiro lugar, compreender as diferentes lógicas e padrões da difusão dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro. Partindo do seu ponto inicial, o bairro do Leblon, em 1976, a expansão dos Baixos é marcada por uma presença mais acentuada nos bairros vizinhos à origem e, no resto da cidade, em importantes subcentros comerciais e suas redondezas, sobretudo os servidos pelas linhas de trem e metrô. Esse padrão se mantém nos vinte primeiros anos do processo, com a conformação do eixo de expansão ao longo do litoral ligando a Barra da Tijuca ao Centro. A partir dos anos 2000 a lógica se inverte e a Zona Norte passa a ser o local de maior registro de surgimento de Baixos na cidade, alcançando o ápice na década de 2010. Esse surgimento segue em grande medida a extensão da linha férrea, mas também engloba bairros estritamente residenciais. Junto a isso, a Zona Oeste gradualmente passa a registrar novos Baixos, sendo a zona com menos ocorrência na cidade.

O padrão observado, com o processo surgindo com força na Zona Sul e no Centro e posteriormente se expandindo para a Zona Norte em direção à Zona Oeste possui consonâncias com outros aspectos da cidade. A própria história do lazer noturno, conforme apontado por Góis (2015b), segue esse trajeto, bem como, de maneira mais ampla, a evolução da malha urbana carioca, conforme demonstrado no capítulo 5. Queremos dizer, portanto, que a expansão e a difusão dos Baixos não se fazem por caminhos próprios ou aleatórios. Antes, se insere dentro de um processo mais amplo da noite carioca e, por fim, da própria evolução urbana. O adensamento de bairros, o desenvolvimento de infraestruturas urbanas, programas urbanísticos, as linhas de transporte e tantos outros elementos podem e devem ser agregados ao pensarmos o espaço e o tempo dos Baixos na cidade.

Apesar de inseridos em um mesmo processo, os Baixos estão longe de serem homogêneos e indiferenciáveis, conforme buscamos demonstrar. Nosso foco aqui foi não apenas compreender as lógicas dessa difusão mas também ordenar, analisar e compreender a diferenciação espacial dela advinda. Para tal, escolhemos cinco categorias de análise e cada uma, com suas respectivas classes, demonstraram a existência de uma forma típica de organização do cenário dos Baixo, mais concentrado na Zona Sul, e um padrão na sua diferenciação espacial, mais acentuadas justamente nos Baixos criados na Zona Norte, sobretudo os da última década. Isto é: Baixos antigos e da Zona Sul são mais típicos; Baixos recentes e na Zona Norte são mais desviantes. É fato que os Baixos nascem como uma forma de sociabilidade típica da Zona Sul da cidade. O Baixo Leblon era frequentado pelas elites culturais e seus sucessores mantiveram, em certa medida, esse padrão. Por outro lado, a Zona Norte é historicamente um espaço suburbano que transita entre subcentros comerciais e a periferia. O próprio imaginário urbano põe esses dois espaços da cidade em situação de oposição social, seja em comentários amistosos entre amigos moradores dessas áreas, seja em temas relacionados a investimentos públicos e oferta de serviços urbanos. A chegada dos Baixos à Zona Norte diz menos sobre essa área se adaptar à chegada dos Baixos e mais sobre a capacidade dos Baixos em se adaptar a contextos diferentes e manter a sua essência de ser um “Baixo”.

Pode parecer lógico pensar que a diferenciação espacial sempre virá nos casos mais recentes. Afinal, a trajetória no tempo e no espaço trazem essas mudanças na estrutura do objeto analisado. A diferenciação dos Baixos, porém, começa já nos seus primeiros anos, com uma flexibilização na sua nomenclatura. Se manifesta também em outros aspectos apenas citados aqui, mas não analisados. Por exemplo: o nome “Baixo” no Leblon e na Gávea fazem sentido pela sua relação altimétrica com o “Alto”, mas na grande maioria dos Baixos não o faz, o que já indica uma flexibilização da ideia. Apesar disso, a análise da espacialidade e temporalidade de todas as demais categorias indicam um processo intensificado sobretudo na Zona Norte, principalmente de 2010 ao presente.

Os Baixos se consolidam como uma marca na noite carioca e se adaptam aos contextos de espaço e tempo em que se instalam na cidade. Acreditamos que o motor dessa diferenciação espacial seja a adaptação a esses diversos contextos. Isso explica a existência de um “Baixo” em um bairro como o Alto da Boa Vista e no Morro do Vidigal, espaços “Altos” na cidade. Explica também diversos outros pontos tratados ao longo dos capítulos 6 e 7, como

o surgimento de novas formas estruturais nos Baixos em áreas em que estas já eram amplamente utilizadas em outros tipos de atividades.

Propomos a ideia de que os cenários dos Baixos passam por uma espécie de ciclo, onde são criados, consolidam-se, se diversificam, ao longo do tempo se diferenciam e, por fim, podem vir a desaparecer ou deixar de ser um Baixo. Essa tendência, mais uma vez, não é exclusiva dos Baixos, mas sim um comportamento comum na vida noturna, que elege e destitui seus *points* do momento ciclicamente. É uma hipótese a ser observada e testada em um futuro próximo, sobretudo no que diz respeito a essa onda de Baixos surgidos na Zona Norte nos últimos 10 anos. Interessa observar como seus cenários se apresentarão na noite ao longo dos anos. Manterão suas características de grande diferenciação espacial ou estarão em progressivo processo de “indiferenciação” espacial, ou seja, incorporando cada vez mais os aspectos dos Baixos tradicionais?

Por fim, gostaríamos de ressaltar dois pontos acerca da utilidade do conteúdo aqui discutido. Esta dissertação é pioneira ao ter como objeto de estudo os Baixos enquanto um conjunto. Ele não focou apenas em um destes espaços ou buscou discuti-lo junto de outros espaços de sociabilidade noturna da cidade. Outros autores, como citamos, já o fizeram muito bem. Porém, dado o pioneirismo, pudemos reconhecer diversas novas possibilidades e caminhos de análise na temática dos Baixos. Em primeiro lugar, quanto ao recorte espacial. Optamos por analisar apenas os Baixos registrados no município do Rio de Janeiro. Os Baixos são um fenômeno carioca e é na cidade em que eles surgem, se consolidam e se expandem. Ao longo do nosso levantamento, porém, registramos a ocorrência de Baixos em diversos municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, como Niterói, Itaboraí, Caxias, Nova Iguaçu e São João de Meriti, além de Baixos em outros estados, como o Baixo Augusta e o Baixo Pinheiros, em São Paulo. Trata-se de um novo nível de difusão dos Baixos, em novos espaços, tempos e contextos a serem estudados.

Em segundo lugar, pela ótica das categorias aqui escolhidas. Escolhemos cinco delas para as análises desta dissertação, mas diversas outras poderiam igualmente compor esse conteúdo. O perfil do público frequentador, a quantidade de área pública ocupada, suas funções no contexto dos bairros, a relação entre outros equipamentos de sociabilidade noturna na cidade e até mesmo entre os próprios Baixos também são caminhos a serem analisados.

Como terceiro ponto, buscamos ao longo do capítulo 7 não apenas analisar os padrões espaço-temporais de cada uma das categorias analisadas, mas também inseri-las em temas de

maior amplitude dentro da vida social na cidade. A ideia do Baixo como uma forma de classificação de área, uma espécie de região dentro de um todo, seja ele o bairro, a rua ou a praça. O Baixo como uma marca, utilizada por empresários para acionar todo um imaginário social sobre esses locais, geralmente em uma ação de *clusters*. A inserção de novas formas e estruturas nesses cenários, o que representa em certa medida a entrada do circuito inferior da economia na lógica dos Baixos. Todos esses são alguns dos diversos temas que merecem atenção na análise desse fenômeno da vida noturna que, ao longo dos anos, têm ganhado progressivamente também a vida diurna - mais uma possibilidade de análise futura.

Todas essas ideias e sugestões de pesquisa têm em comum o que espero ter alcançado ao longo desta dissertação: são temas que não se esgotam nos Baixos em si, não se limitam aos seus cenários, mas revelam características, aspectos e movimentos centrais para compreender a vida social e urbana carioca como um todo. Pensar os Baixos para além dos espaços que eles ocupam na cidade é uma das maiores orientações que desejamos seguir aqui. A trajetória dos Baixos é a trajetória da cidade. A sua difusão é a difusão da vida social carioca. E a diferenciação dos seus cenários, corresponde à diferenciação do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS:

- ABLER, R., ADAMS, J. S., GOULD, P. (1972): *Spatial organization: The geographer's view of the world*. Prentice Hall, London, 587 pp.
- ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2006.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; TRACY, Kátia. **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ÁVILA, Jânio Tomé Matias de. **Veja, os anos 80 em revista: leitura e memória cultural**. 2005. 162p. Dissertação de Mestrado em Literatura – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BERNARDES, Lysia M. C. & SOARES, Maria Therezinha de Segadas. **Rio de Janeiro – cidade e região**. Biblioteca carioca, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.
- BILA, Fabio Pessanha. Memórias das lutas pela liberdade: Ipanema da contracultura ao movimento anti-homofobia. In: **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.

BRANDÃO, J. Cultura, patrimônio e lazer na Construção Social do Espaço Público no Rio de Janeiro: a “revitalização” da Lapa. In: **CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, DIVERSIDADE E (DES)IGUALDADE**, Salvador, 2011.

CAMINHA, Julia Vilela. **Botafogo e a sua evolução urbana: um retrospecto**.

CAMPOS, Igor Ribeiro da Silva. **Corpos de baile: o gênero nas coreografias da sociabilidade pública da Praça São Salvador**. 2018. 40 p. Monografia (Graduado em geografia) - Departamento de Geografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

CORREIA, R.L. – Espaço e Tempo – Um Tributo a Mauricio Abreu. **Cidades**, 8 (14), pp. 597 – 607, 2011.

_____. O interesse do geógrafo pelo tempo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 94, n. 1, pp. 1-11), 2016.

_____. Tempo, Espaço e Geografia – um ensaio. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, pp. 285-294, jan./ jun. 2019.

_____. Notas sobre diferenciação espacial. **Geosp**, v. 26, n. 1, e-193069, abr. 2022. ISSN 2179-0892.

CRESSWELL, Tim. “Night Discourse: producing/consuming meaning on the street”. In: FYFE, Nicholas R. (ed.). **Images of the Street: planning, identity and control in public space**. London and New York: Routledge, 1998.

DARBY, Henry C. **The Problem of Geographical Description**. Transactions, Institute of British Geographers, n. 30, pp. 1-14, 1962.

DEL RIO, V. Requalificação Urbanística e Recuperação da Imagem da Cidade O Projeto Rio Cidade para os Bairros do Méier e do Leblon, Rio de Janeiro. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 13, p. 11-28, 2000.

DUTRA-GOMES, R. e VITTE, A.C. A geografia americana no contexto das diferenciações de áreas de Richard Hartshorne, **Terra Brasilis (Nova Série)** [Online], 12 | 2019, posto online no dia 29 dezembro 2019, consultado o 11 setembro 2022. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/5085> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.5085>

FACCIN, Milton Julio. A Cidade e seus Territórios: Notas sobre as Mediações Jornalísticas Cariocas In: **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Fortaleza, 2012.

FAZZIONI, Natalia Helou. **A vista da rua: etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ)**. 2012. 126p. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FEIJÓ, Léo; WAGNER, Marcus. **Rio - cultura da noite**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

FELIX, A. S.. **Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna**. 2014. 208 p. Dissertação de Mestrado em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. Lapa: da sociabilidade na cidade para a socialidade da cidade. **Espaço Aberto** (UFRJ), v. 5, p. 61-78, 2015.

GÓIS, M. P. F.. Cenários Noturnos: sobre a espacialidade e os significados da iluminação urbana na cidade do Rio de Janeiro. **REVISTA DE GEOGRAFIA (RECIFE)**, v. 27, p. 40-52, 2010.

_____. LUZES NA CIDADE: SOBRE AS PAISAGENS LUMINOSAS E OS CENÁRIOS NOTURNOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **ESPAÇO ABERTO**, PPGG - UFRJ, v. 1, p. 117-128, 2011.

_____. A Gestão da Noite Urbana Carioca: entre discursos sobre ordem urbana e práticas socioeconômicas. **Sociedade & Natureza** (UFU. Online), v. 26, p. 221-235, 2014.

_____. ?Na Calada da Noite?: Modernidade e Conservadorismo na Vida Noturna Carioca (1760-1950). **Espaço Aberto** (UFRJ), v. 5, p. 45-60, 2015a.

_____. **“Paisagens Noturnas Cariocas: Formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro”**. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 332p. 2015b

_____. A noite e a cidade: uma revisão temática para a geografia. **GEOUSP** (USP), v. 22, p. 623-640, 2018a.

_____. A Iluminação do Espaço Público da Cidade do Rio de Janeiro (1990-2015). **CADERNOS DO DESENVOLVIMENTO FLUMINENSE**, v. 11, p. 91-103, 2018b.

_____. Espaços Públicos e Vida Noturna. **REVISTA GEOGRAFARES**, v. 26, p. 69-85, 2018c.

_____. Mobilidade noturna: estudo sobre os circuitos urbanos noturnos na cidade do Rio de Janeiro. **UNIVERSITAS HUMANISTICA**, v. 85, p. 263-291, 2018d.

_____. **Cidades insones: ritmos da vida cotidiana em um futuro próximo**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. UFRJ, 2021. 121 p. (Coleção saberes do presente, cenários do futuro).

GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: 2002, 304 p.

_____. **O Lugar do Olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOULD, P. Spatial Diffusion. Resource Paper 4, **Association of American Geographers**, 1969.

HAGERSTRAND, Torsten. The propagation of innovation waves. **Lund**: Gleerup, 1952. (Lund studies in geography)

HALL, R. B.. The Geographic Region: A Resumé: *Annals of the Association of American Geographers*, Washington DC, v.25, n.3, p.122-136, 1935.

HARVEY, D. Between Space and Time Reflections on the Geographical Imagination. **Annals of the Association of American Geographers**, 80(3), pp. 418-434, 1990.

HORNBECK, D., EARLE, C. E RODRIGUE, C.M. The Way We Were: Deployments (and Redeployment) of the Time in Human Geography. In **Concepts in Human Geography**. Org. C. Earle, K. Mathewson e M. Kenzer. Lanham, Rowman and Littlefield, 1995.

IORIO, Leonardo José; GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. O Baixo Leblon como um cenário da noite carioca (1976-1979). **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 42, v. 2, Número Especial “Múltiplas e Microterritorialidades nas Cidades”, p. 115-141, junho, 2020.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Só para o moço do corpo dourado do sol de Ipanema: distribuição espacial da economia noturna LGBT na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 19, n. 2, p. 288-309, 2017.

_____. À Margem da Margem: LGBTs e a economia noturna do samba nas Zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, vol. 4, n.º 1, pp. 77-92, jan./jun, 2018.

LOWENTHAL, D. Past Time, Present Place – Landscape and Memory. **The Geographical Review**, v. 65, n. 1, p. 1 - 36, 1975.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 11-29), jun. 2002.

MARGULIS, Mario. **La Cultura de la Noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires**. Buenos Aires: Biblos, 1997.

MARIANI, Bethania Sampaio Correa. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. 1996. 256f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

MELBIN, M. Night As Frontier. **American Sociological Review**, v. 43, n. 1, p. 3-22, Feb. 1978.

MELBIN, M. **Night as Frontier: colonizing the world after dark**. New York; London: Free Press & Collier Macmillan, 1987.

MONTEIRO, Simone; VARGAS, Eliane; CECCHETTO, Fátima; MENDONCA, Felipe. Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). **Cadernos Pagu**, n.35, pp.79-109, jul./dez. 2010.

NATAL, Vinícius. Samba e cultura: práticas de resistência do Departamento Cultural da Imperatriz Leopoldinense (1967-1973). **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p. 181-197, mai. 2012.

NOVAES, A. R. Um Mapa do Tráfico no Livro Didático: Encontros e Desencontros entre Geografia Escolar e Cartografia Midiática / A Map of the Drug Trade in the Geography Textbook: Dialogues between Geographic Education and Journalistic Cartography. **Geograficidade**, v. 2, n. Especial, p. 134-154, 17 ago. 2012.

PARK, Robert. “A notícia como forma de conhecimento”. In: STEINBERG, Charles S.(Org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 168-185.

ROBINSON, Cara. "Nightscapes and leisure spaces: an ethnographic study of young people's use of free space". In: **Journal of Youth Studies**, v. 12, n. 5, pp. 501-514, 2009.

SAMPAIO BARTOLY, F. Da Lapa Boêmia à Lapa Reificada como lugar do espetáculo: uma análise de dois períodos da história da produção do lugar na cidade do Rio De Janeiro. **Revista Geográfica De América Central**, vol. 2, n.º 47, pp. 1-13, 2011.

SANTOS, Mila Chaseliov Pereira dos. **O botequim na era da reprodutibilidade das filiais: estudo de caso do Belmonte**. 2005. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, O. A. A. Diferenciação espacial: contribuição ao estudo de processos na cidade contemporânea: *Geo UERJ*, n. 33, 2018.

SANTOS, Pedro Henrique Leite dos. **Expansão imobiliária no subúrbio carioca: um estudo de caso sobre a Avenida Dom Hélder Câmara**. In: I SEMANA ACADÊMICA DE GEOGRAFIA, 1, 2019, Niterói, RJ. Anais da I SEMAGEO. Niterói: Repositório UFF, 2021. p.38-47. ISSN: 2763-8596

SILVA, C. A. F. D. OS AVATARES DA TEORIA DA DIFUSÃO ESPACIAL: UMA REVISÃO TEÓRICA. **REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 25-51, mai./1995.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 119 p.

SOARES, Maria Therezinha Segadas. Bairros, Bairros Suburbanos e Subcentros. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 1, N.1, p. 143-154, 2011 ISSN 2237-3071.

TORRES, Lilian de Lucca. "Programa de Paulista: lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a Rua da Consolação". In: MAGNANI, J.G.C.; TORRES, L.L. (Org.) **Na metrópole: textos da antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.